

MULHERES-HOUSES-CIUDADES-PLACES/
SPACES-ARQUITECTURAS-CUERPOS-
CIUDADES-BODIES-CASAS-INVES-
TIGAÇÃO-RESISTÊNCIAS-TERRITÓRIOS
-CIDADES-INVESTIGAÇÃO-RESISTEN-
CIAS-PEDAGOGIES-MUJERES-CITIES
-WOMEN-PEDAGOGIAS-RESISTÊNCIAS-

V CIAG

ISCSP - LISBOA - 21 - 22 - 23 - ABRIL/APRIL - 2021

ACÇÃO! ACCIÓN! ACTION!

V CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA E GÉNERO FEMINISMOS E A ESPACIALIZAÇÃO DAS RESISTÊNCIAS
V CONGRESO INTERNACIONAL DE ARQUITECTURA Y GÉNERO FEMINISMOS Y LA ESPACIALIZACIÓN DE LAS RESISTENCIAS
V INTERNATIONAL CONGRESS ARCHITECTURE AND GENDER FEMINISMS AND THE SPATIALIZATION OF RESISTANCES

LIVRO DE RESUMOS
HOUSES-ARCHITECTURES-
LIBRO DE RESÚMENES
-RESEARCH-(ECO)FEMINISMOS-
BOOK OF ABSTRACTS
TERRITÓRIOS-CORPOS-ESPACIOS
-(ECO)FEMINISMS-RESISTENCES-
INVESTIGACIÓN-CIUDADES-HISTORY
/STORIES-TERRITORIES-HIS-
TÓRIA(S)-ARQUITECTURAS



ÍNDICE-INDEX

Título / Título / Title:

ACÇÃO! V CIAG

**V Congresso Internacional Arquitectura e Género.
Acção! Feminismos e a espacialização das resistências.
Livro de Resumos.**

**V Congreso Internacional Arquitectura y Género. Acción!
Feminismos y la espacialización das resistências. Libro de
Resumenes.**

**V International Congress Architecture and Gender
Action! Feminisms and the spatialization of resistances.
Book of Abstracts.**

Coodenação e Revisão / Coordinación y Revisión /
Coordination and Review:

**Patrícia Santos Pedrosa, Clara Oliveira, Eliana Sousa
Santos, Lia Gil Antunes, Luísa Paiva, João Sequeira,
Maria Helena Souto**

Local / Local / Venue: **Lisboa, CIEG-ISCSP/
Universidade de Lisboa**

Ano / Año / Year: **2021**

Design e paginação / Diseño y paginación / Design and
pagination: **Margarida Ornelas**

ISBN: 978-989-646-149-2

Suporte: Eletrónico

Formato: PDF / PDF/A

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da
FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I. P., no âmbito do
projeto PTDC/ART-DAQ/32388/2017

Este trabajo es financiado por fondos nacionales a través de
FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I. P., en el ámbito
del proyecto PTDC/ART-DAQ/32388/2017

This work is financed by national funds through FCT –
Fundação para a Ciência e Tecnologia, I. P., under the
project PTDC/ART-DAQ / 32388/2017

1	SOBRE ACERCA ABOUT	2
2	COMISSÃO EXECUTIVA COMISIÓN EJECUTIVA EXECUTIVE COMMITTEE	5
3	COMISSÃO CIENTÍFICA COMISIÓN CIENTÍFICA SCIENTIFIC COMMITTEE	6
4	ORADORAS PRINCIPAIS ORADORAS PRINCIPALES KEYNOTE SPEAKERS	7
5	SESSÃO ESPECIAL PROJECTOS DE INVESTIGAÇÃO SESIÓN ESPECIAL PROYECTOS DE INVESTIGACIÓN SPECIAL SESSION RESEARCH PROJECTS	11
6	PROGRAMA PROGRAM	16
7	RESUMOS RESÚMENES ABSTRACTS	18

1. SOBRE - ACERCA - ABOUT

ACÇÃO! FEMINISMOS E A ESPACIALIZAÇÃO DAS RESISTÊNCIAS

O V Congresso Internacional *Arquitectura e Género* | ACÇÃO. *Feminismos e a espacialização das resistências* dá continuidade às reflexões que se organizaram desde 2015, principalmente a partir do sul da Europa, permitindo a construção de redes de trabalho, investigação e experiências transcontinentais. Nesta genealogia, com programas e temáticas variados, contam-se os congressos *ArquitectAs* (2014, Sevilha), *Matrizes* (2015, Lisboa), *MORE* (2017, Florença), e *Fielding Architecture* (2019, Brighton). A quinta edição propõe enfatizar a componente política do cruzamento do espaço com os direitos, nunca esquecendo a diversidade do ser-se mulher ou rapariga e o cruzamento com as actuais circunstâncias derivadas da pandemia da COVID-19.

Em 1995, a Declaração e a Plataforma de Acção de Pequim foi aprovada na IV Conferência Mundial sobre as Mulheres, momento essencial na fixação de uma agenda política, estratégica e global relativa aos direitos e oportunidades das mulheres. Hoje, vinte e cinco anos passados, assistimos à coexistência de práticas e políticas públicas progressistas em paralelo com perdas graves e silenciamentos. Reflectir, debater e propor, crítica e colectivamente, teorias, estratégias e práticas torna-se urgente. De modo ampliado e interdisciplinar, reclamamos o foco para as resistências, tendo como âncora os feminismos interseccionais – necessariamente pós-coloniais e decoloniais –, os direitos, as reivindicações, os desejos e as aspirações das mulheres e dos sujeitos não-normativos.

Em todo o mundo, nos diversos âmbitos socioculturais e profissionais, organizam-se colectivamente várias frentes de lutas contra o patriarcado, o racismo e o capitalismo. A compreensão e acção das vertentes espaciais – dos corpos aos territórios globais, nos contextos locais e transnacionais – são fulcrais como resposta às discriminações, marginalizações e ausência de direitos. A partir das dinâmicas de resistências na produção e apropriação dos territórios, das cidades, das arquitecturas e dos objectos, procuram-se especialmente contribuições que se coloquem como acções propositivas na espacialização dos direitos. No contexto da recente pandemia da COVID-19, será igualmente dada ênfase a reflexões críticas e situadas sobre, por um lado, a afectação e alteração das vidas das mulheres nas esferas do privado e do público e, por outro lado, quais as possibilidades para os territórios que habitamos.

Entre outros, este congresso pretende discutir e agir, num quadro de reflexão crítica, sobre os seguintes tópicos:

1. A igualdade entre mulheres e homens e as suas dimensões espaciais nas diversas escalas (corpo – casa – cidade – macro território);
2. A justiça climática e as práxis espaciais (eco)feministas na concretização territorial da igualdade e o papel das mulheres e das raparigas na defesa efectiva dos territórios e do planeta;
3. As práticas profissionais como processos feministas e emancipatórios das arquitecturas, das cidades e dos espaços em sentido alargado;
4. A História, as histórias e as metodologias feministas, na construção ampliada de narrativas, e
5. As pedagogias espaciais – territoriais, urbanas, arquitectónicas, entre outras – enquanto modelos alternativos com potencial transformado.

1. SOBRE - ACERCA - ABOUT

ACCIÓN! FEMINISMOS Y LA ESPACIALIZACIÓN DE LAS RESISTENCIAS

El V Congreso Internacional Arquitectura e Género | ACCIÓN. *Feminismos y la espacialización de las resistencias* continúa las reflexiones que se organizaron desde 2015, sobre todo a partir del sur de Europa, permitiendo la construcción de redes de trabajo, investigación y experiencias transcontinentales. En esta genealogía, con programas y temáticas variados, se encuentran los congresos ArchitectAs (2014, Sevilla), Matrices (2015, Lisboa), MORE (2017, Florencia), y Fielding Architecture (2019, Brighton). La quinta edición se propone a enfatizar la componente política del cruce de espacio con los derechos, sin olvidar nunca la diversidad del ser mujer o niña y el cruce con las actuales circunstancias derivadas de la pandemia de la COVID-19.

En 1995, la Declaración y la Plataforma de Acción de Beijing fue aprobada en la IV Conferencia Mundial sobre las Mujeres, momento esencial en la fijación de una agenda política, estratégica y global relativa a los derechos y oportunidades de las mujeres. Hoy, veinte y cinco años después, asistimos a la coexistencia de prácticas y políticas públicas progresistas en paralelo con pérdidas graves y silenciamientos. Reflexionar, debatir y proponer, crítica y colectivamente, teorías, estrategias y prácticas se vuelve urgente. De modo ampliado e interdisciplinar, reclamamos el foco para las resistencias, teniendo como ancla los feminismos interseccionales – necesariamente poscoloniales y decoloniales –, los derechos, las reivindicaciones, los deseos y las aspiraciones de las mujeres y de los sujetos no-normativos.

Por todo el mundo, en los diversos ámbitos socioculturales y profesionales, se organizan variadas frentes de luchas contra el patriarcado, el racismo y el capitalismo. La comprensión y acción de las vertientes espaciales – de los cuerpos a los territorios globales, en los contextos locales y transnacionales – son fundamentales como respuesta a las discriminaciones, marginalizaciones y ausencia de derechos. A partir de las dinámicas de resistencias en la producción y la apropiación de los territorios, de las ciudades, de las arquitecturas y de los objetos, se llaman especialmente contribuciones que se ubiquen como acciones propositivas en la espacialización de los derechos. En el contexto de la reciente pandemia de la COVID-19, será igualmente dada énfasis a reflexiones críticas y situadas sobre, por un lado, la afectación y alteración de las vidas de las mujeres en las esferas de lo privado y de lo público y, por otro lado, cuáles son las posibilidades para los territorios que habitamos.

Entre otros, este congreso quiere debatir y actuar, en un cuadro de reflexión crítica, sobre los siguientes temas:

1. La igualdad entre mujeres y hombres y sus dimensiones espaciales en las diversas escalas (cuerpo – casa – ciudad – macro territorio);
2. La justicia climática y las praxis espaciales (eco)feministas en la concretización territorial de la igualdad y el role de las mujeres y de las niñas en la defensa efectiva de los territorios y del planeta;
3. Las prácticas profesionales como procesos feministas e emancipatorios de las arquitecturas, de las ciudades y de los espacios en sentido amplio;
4. La Historia, las historias y las metodologías feministas, en la construcción ampliada de narrativas, y
5. Las pedagogías espaciales – territoriales, urbanas, arquitectónicas, entre otras – en cuanto modelos alternativos con potencial transformado.

1. SOBRE - ACERCA - ABOUT

ACTION! FEMINISMS AND THE SPATIALIZATION OF RESISTANCES

The *V International Congress Architecture and Gender | ACTION. Feminisms and the spatialization of resistances* is the continuation of reflections that have been organized since 2015, mainly from southern Europe, establishing networks, research and transcontinental experiences. Within this genealogy composed of a variety of programs and themes, the previous congresses were *ArquitectAs* (2014, Seville), *Matrices* (2015, Lisbon), *MORE* (2017, Florence), and *Fielding Architecture* (2019, Brighton). The fifth edition emphasizes the political component of the intersection between space and rights. It also acknowledges the diversity of being a woman or a girl and what it means during these current circumstances derived from the COVID-19 pandemic.

The Beijing Declaration and Platform for Action of 1995, enacted at the IV World Conference on Women, was an important event for a political, strategic and global agenda related to women's rights and opportunities. Today, twenty-five years later, we witness the coexistence of public practices and progressive policies in parallel with severe losses and silences. It is urgent to ponder, discuss and propose, critically and collectively, on theories, strategies and practices. Through an expanded and interdisciplinary stance, we call for a focus on resistances anchored by intersectional feminisms – necessarily post-colonial and decolonial –, and women and non-normative people's rights, demands, wishes and aspirations.

Throughout the world, we find collective organizations, in the most diverse socio-cultural and professional spheres, against patriarchy, racism, and capitalism. Understanding and acting from a perspective of space - from bodies to global territories, both in local and transnational contexts is crucial as a response to discrimination, marginalization and absence of rights. Starting from dynamics of resistance in the production and appropriation of territories, cities, architectures and objects, we are primarily looking for contributions placed as purposive actions in the spatialization of rights. In the recent COVID-19 pandemic context, emphasis will also be placed on critical and situated reflections. On the one hand, the effects and changes of women's lives in the private and public spheres, and, on the other hand, what are the possibilities for territories we inhabit.

Among others, this congress intends to discuss and act, in a critical reflection framework, on the following topics:

1. Equality between women and men and their spatial dimensions with diverse scales (body – house – city – macro territory);
2. Climate justice and (eco)feminists spatial praxis in the territorial embodiment of equality and women and girls' roles in effectively defending territories and the planet;
3. Professional practices as feminist emancipatory processes of architectures, cities and spaces in a broad sense;
4. History, stories, and feminist methodologies in the construction of amplified narratives; and
5. Spatial pedagogies – territorial, urban, architectural, among others – as alternative models with transformative potential.

2. COMISSÃO EXECUTIVA - COMISIÓN EJECUTIVA - EXECUTIVE COMMITTEE

PATRÍCIA SANTOS PEDROSA

Chair, Centro Interdisciplinar de Estudos de Género/ISCSP, Universidade de Lisboa

CLARA OLIVEIRA

Centro Interdisciplinar de Estudos de Género/ISCSP, Universidade de Lisboa

ELIANA SOUSA SANTOS

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Universidade de Coimbra

LIA GIL ANTUNES

Centro Interdisciplinar de Estudos de Género/ISCSP, Universidade de Lisboa

LUÍSA PAIVA

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

JOÃO SEQUEIRA

Departamento de Engenharia Civil e Arquitetura - Universidade da Beira Interior

MARIA HELENA SOUTO

UNIDCOM/IADE - Universidade Europeia

3. COMISSÃO CIENTÍFICA - COMISSION CIENTÍFICA - SCIENTIFIC COMMITTEE

ANA MARÍA FERNÁNDEZ GARCÍA

Historia del Arte y Musicología, Universidad de Oviedo

CARMEN ESPEL ALONSO

Universidad Politécnica de Madrid

DANIELA ARIAS LAURINO

Un día/Una arquitecta

ELIANA SOUSA SANTOS

Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra

INÉS MOISSET

CONICET - Universidad de Buenos Aires. Instituto de la Espacialidad Humana, Buenos Aires.

INÉS NOVELLA

UNESCO - Chair on Gender Policies in Science, Technology and Innovation

JANE RENDELL

Bartlett School of Architecture, UCL

JOÃO PAULO MARTINS

FAUL e CIAUD, Universidade de Lisboa

JOÃO SEQUEIRA

CIAUD-UBI / LabART

JORGE FIGUEIRA

Darq e Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra

JUSTINE CLARK

Parlour: women, equity, architecture e University of Melbourne

LORI BROWN

Syracuse University

LUÍSA PAIVA

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

MARGARIDA QUEIRÓS

IGOT e Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa

MARIA HELENA SOUTO

UNIDCOM/IADE - Universidade Europeia

PROF. DR. MARY PEPCHINSKI

Chair of Architecture and Society, Technical Universit Dresden

NURIA ALVAREZ LOMBARDEO

Architectural Association School of Architecture

PAOLA ZELLNER

School of Architecture + Design, Virginia Tech

PATRÍCIA ANAHORY

Arquiteta, educadora e curadora independente

PATRÍCIA ORFILA REIS

Universidade Federal do Tocantins, Palmas

PATRÍCIA SANTOS PEDROSA

CIEG/ISCSP, Universidade de Lisboa e UBI

RUTH VERDE ZEIN

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo

SILVANA RUBINO

Departamento de História/Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp

SERAFINA AMOROSO

Investigadora independente

MULHERES-HOUSES-CIUDADES-PLACES/
SPACES-ARQUITECTURAS-CUERPOS-

CIUDADES-BODIES-CASAS-

4. INVESTIGAÇÃO-RESISTÊNCIAS-

TERRITÓRIOS-CIDADES-INVESTIGAÇÃO

-RESISTENCIAS-PEDAGOGIES-

ORADORAS PRINCIPAIS

MUJERES-CITIES-WOMEN-PEDAGOGIAS-

-RESISTÊNCIAS-HOUSES-

ORADORAS PRINCIPALES

-ARCHITECTURES-RESEARCH

-(ECO)FEMINISMOS

KEYNOTE SPEAKERS

-TERRITÓRIOS-CORPOS-

ESPACIOS-(ECO)FEMINISMS-RESISTEN

CES-INVESTIGACIÓN-CIDADES-HISTO

RY/STORIES-TERRITORIES-HISTÓ

RIA(S)-ARQUITECTURAS

MADHAVI DESAI



Women in architecture in India: gender and modernism in post-colonial times

India is a vast and complex country with a pluralistic society and a tremendous religious, geographic, ethnic, economic and linguistic diversity, which is reflected in the heterogeneity of the women of the country. In this intrinsically patriarchal society, the treatment of women is layered, crosscutting caste, class and religion. There has been much social change since India gained Independence in 1947 from the British colonial rule. Architecture was the fulcrum of the colonial regime, shaping the modern professions dealing with the built environment. The narrative of women in architecture almost parallels the development of modernism in the twentieth century and beyond.

The field of architecture became popular for women from 1990s onwards, with 50% or more intake in the educational institutions. However, a high rate of attrition exists in the profession. Framed by patriarchal culture and assumed neutrality of the discipline, women face several complex and invisible barriers to success. There is no integration of feminist theories or women's movement in the curriculum, including an erasure in historiography, absence of mentors and role models, and many other work/life challenges. The unawareness also greatly affects the design of public and private spaces from the women users' perspective.

The design attitudes of the pioneering women who graduated in the early 1940s, were shaped by not only by the nationalist spirit of freedom struggle led by Gandhi, but also by the aesthetics and utopian aspirations of early modernism. This first-generation was exceptional in leading unconventional lives when women were traditionally defined by family, marriage and children. 1970s gave rise to the second generation of women who were products of postcolonial, modernizing society, their practices showcasing a tremendous breadth of accomplishments as well as a heterogeneity of design approaches. This talk attempts to illustrate gendered dimensions of architectural production by locating them within the socio-political context of modern, contemporary India.

PT Medhavi Desai é arquitecta, investigadora, escritora e professora. Foi professora adjunta na CEPT University, A ICSSR, Delhi (1986-2018). Teve bolsas de investigação da ICSSR, Deli, Programa Aga Khan para Arquitectura Islamica, MIT, EUA, Sarai, Deli e da Getty Foundation, EUA. É co-autora, autora ou editora de 7 livros sobre arquitectura Indiana. Trabalha sobre género e o ambiente construídos na Índia há 30 anos. Desde 2012, é membro do comité de selecção da cátedra e prémio Berkeley-Rupp da University of California Berkeley.

ES Madhavi Desai es arquitecta, investigadora, escritora y profesora. Fue profesora adjunta en la Universidad CEPT, Ahmedabad, India (1986-2018). Ha tenido becas de investigación de ICSSR, Delhi, el Programa Aga Khan de Arquitectura Islámica, MIT, EE. UU., Sarai, Delhi y la Fundación Getty, EE.UU. Es coautora, autora o editora de 7 libros sobre arquitectura india. Ha trabajado en género y el ambiente construido en India durante 30 años. Es miembro del comité de nominaciones de la Cátedra y Premio Berkeley-Rupp, UC Berkeley desde 2012.

EN Madhavi Desai is an architect, researcher, writer and a teacher. She was an adjunct faculty at CEPT University, Ahmedabad, India (1986-2018). She has had Research Fellowships from ICSSR, Delhi, the Aga Khan Program for Islamic Architecture, MIT, USA, Sarai, Delhi and the Getty Foundation, USA. She is the co-author, author or editor of 7 books on Indian architecture. She has worked on gender and the built environment in India for 30 years. She is a member, nominating committee, the Berkeley-Rupp Professorship and Prize, U C Berkeley since 2012.

DINA GARZÓN



Ecofeminismo: teoría y praxis

El “ecofeminsimo” es una filosofía y un movimiento social que nació en los años 70’ en Francia y que tiene ya 50 años de recorrido. Con el auge del feminismo, el ecologismo y los movimientos de defensa de “los otros animales”, el “ecofeminismo” se presenta actualmente como una alternativa para la construcción de los nuevos paradigmas necesarios ante la emergencia climática y la crisis ecosocial a la que tenemos que dar respuesta como sociedad.

Realizaremos un recorrido por el nacimiento, las diferentes corrientes y la actualidad de movimiento ecofeminista y analizaremos diferentes propuestas que las mujeres de este movimiento consideramos necesarias de priorizar en la agenda social y política en la tercera década del siglo XXI.

PT Dina Garzón é co-fundadora e coordenadora da Red Ecofeminista, associação de âmbito internacional criada em Madrid em 2012. É engenheira técnica industrial e tem um Mestrado de Gestão Ambiental e Energias Renováveis. Trabalhou no departamento de Projectos Europeus da Agência de Energia da Andaluzia e com os Verdes no Parlamento Europeu. É co-fundadora da cooperativa ecofeminista Lasgaya, e atualmente trabalha no sector energético. Coordena o curso online *Ecofeminismo. Pensamento, Cultura e Praxis* da Universidade de Valladolid, Espanha.

ES Dina Garzón es cofundadora y coordinadora de la Red Ecofeminista, asociación de ámbito internacional, creada en Madrid en 2012. Es ingeniera técnica industrial y Máster de Gestión Ambiental y Energías Renovables. Ha trabajado en el departamento de Proyectos Europeos de la Agencia de la Energía de Andalucía y con Los Verdes en el Parlamento Europeo. Cofundadora de la cooperativa ecofeminista Lasgaya, actualmente trabaja en el sector energético. Coordina el curso online *Ecofeminismo. Pensamiento, Cultura y Praxis* de la Universidad de Valladolid.

EN Dina Garzón is the co-founder and the coordinator of Red Ecofeminista, an international association, created in Madrid in 2012. She is a technical industrial engineer and has a Masters degree in Environmental Management and Renewable Energies. She worked in the department of European Projects of Agencia de Energia de Andaluzia, and with The Green Party in the European Parliament. She co-founded the ecofeminist cooperative Lasgaya, and currently works in the energy sector. She is the coordinator of the online course *Ecofeminism. Thought, Culture & Praxis* of the University of Valladolid, Spain.

JOICE BERTH



A função arq-urbanística da exclusão de raça e gênero nas cidades brasileiras

Partindo do pensamento de Lélia Gonzales, que nos desperta para o entendimento de que a cidade foi forjada pela distribuição de lugares sociais, espelhando no espaço físico as exclusões de raça e gênero, é possível estabelecer uma complementação dessa percepção através do pensamento de outro importante teórico brasileiro, o geógrafo Milton Santos, que nos trás a reflexão sobre cidadanias mutiladas.

É visível os efeitos das opressões sociais na divisão do espaço urbano, tendo em vista que a urbanização formal brasileira colide com o período das teorias eugenistas, adotada por muitos expoentes da intelectualidade hegemônica das mais variadas áreas.

A colonialidade, conceito cunhado pelo sociólogo Aníbal Quijano, elaborou um traçado compulsório que fragmentou nossas cidades a partir da lógica hierárquica dada pela raça, pela classe social e pelo gênero. Temos então, a Arquitetura e o Urbanismo como instrumentos de sublimação da subalternidade, se deslocando da sua função inicial organizadora para a função segregacionista.

Mas quais os instrumentos que dispomos para reverter esse quadro?

Uma das hipóteses a serem consideradas é a adoção do conceito de Empoderamento como caminho de reflexão que possa subsidiar discussões técnicas e trazer para sociedade a conscientização profunda dos problemas arq-urbanísticos que consolidaram e sublimaram as opressões estruturais no espaço físico. Esse conceito pensado inicialmente por Paulo Freire e aplicado por Barbara Solomon, resgatado pelas feministas latinas, indianas e não brancas do norte global, para além do trabalho de resgate do poder social de grupos minoritários, nos trás a perspectiva do quanto é vital para nosso futuro urbano, pensar nas definições de poder e, principalmente, da atuação dessas em todas as questões sociais, incluindo a formação e manutenção das hierarquias espaciais e construtivas que ocupam o lugar da hegemonia como privilégio, confinando o restante da cidade no lugar da 'outridade' ou da exclusão propriamente dita.

PT Joice Berth é arquiteta e urbanista formada pela Universidade Nove de Julho, especialista e pesquisadora independente nas áreas do direito à cidade, relações raciais e de gênero, psicanalista e escritora, autora do terceiro livro da Coleção Feminismos Plurais, *Empoderamento*, da Editora Pólen/Jandaira Selo Sueli Carneiro, traduzido para o francês pela Anacaona Editions em 2019.

ES Joice Berth es arquitecta y urbanista graduada por la Universidad Nove de Julio, experta e investigadora independiente en las áreas de derecho a la ciudad, relaciones raciales y de género, es psicoanalista y escritora, autora del tercer libro de la Colección Feminismos Plurais, *Empoderamento*, Editora Pólen/Jandaira Selo Sueli Carneiro, traducido al francés por Anacaona Editions en 2019.

EN Joice Berth is an architect and urban planner, graduated from Nove de Julho University. She is an independent researcher and specialist in the right to the city, gender and racial relations, and a trained psychoanalyst. She is the author of the book *Empoderamento*, published within the collection Plural Feminisms edited by Jandaira Selo Sueli Carneiro for Editora Pólen, this book was translated to French in 2019 by Anacaona Editions.

MULHERES-HOUSES-CIUDADES-PLACES/
SPACES-ARQUITECTURAS-CUERPOS-
5. CIUDADES-BODIES-CASAS-
INVESTIGAÇÃO-RESISTÊNCIAS-
TERRITÓRIOS-CIDADES-INVESTIGAÇÃO-
SESSÃO ESPECIAL -
PROJECTOS DE INVESTIGAÇÃO
-RESISTENCIAS-PEDAGOGIES-
MUJERES-CITIES-WOMEN-PEDAGOGIAS-
SESIÓN ESPECIAL -
PROYECTOS DE INVESTIGACIÓN
-RESISTÊNCIAS-HOUSES-
-ARCHITECTURES-(ECO)FEMINISMOS-
SPECIAL SESSION -
RESEARCH PROJECTS
-ESPACIOS-RESISTENCES-INVESTIGACIÓN
-CIDADES-HISTORY/STORIES-TERRITORIES
S-HISTÓRIA(S)-ARQUITECTURAS

ANNE HULTZSCH
 ETH Zürich | Switzerland | hultzs@arch.ethz.ch



Women Writing Architecture: female experiences of the built 1700-1900 [WoWA]

WoWA studies female experiences of architecture as recorded in documentary writing drawn from specific regions in South America and Europe between 1700 and 1900. While architectural histories often focus on male-dominated processes of design and production, this project takes a new stance by unearthing women's contributions to the architectural sphere through writing and editing. While not part of the canon, articles, travelogues, domestic manuals, or pamphlets authored by women in the period consistently featured descriptions of or commentary on buildings and cities, but these have never been examined collectively by architectural historians. Through a combination of macro and micro research, close and distant reading, geographical mapping and tracing of experience, WoWA addresses this gap opening up a new corpus and presenting architecture's past through the female eye.

WoWA suggests that by exploring women's writing we can uncover female agency within architecture in a period that has thus far been considered as male governed. We believe that architectural history as a discipline has to look beyond the production of buildings to processes of reception and appropriation in order to fully understand the past of the built environment as experienced and shaped by colonised groups, such as women. Over a period of dramatic social, political, technological, and architectural transformations on both sides of the Atlantic, WoWA explores specific case studies of women documenting both everyday experiences of built spaces as well as canonical architectural events. Interdisciplinary in method and scope and employing feminist approaches focusing on modes of writing, voice, and subjective experience, the team of PI, Postdoc, and PhD will expose female publics of architecture in and between Chile, Peru, Argentina, Britain, and German-speaking Europe at a time of industrialisation and canonisation, colonisation and revolution, nation building and independence, historicism and professionalisation. Funding: ERC Starting Grant (2021-2026).

EN Dr Anne Hultzs leads the ERC-funded group 'Women Writing Architecture: Female Experiences of the Built, 1700-1900' at ETH Zurich. Previously, she has held positions at the Bartlett (UCL), University of Greenwich, New York University London as well as Queen Mary University of London. She has a PhD from UCL (2011) and was a postdoctoral fellow at AHO, Oslo, in the project the Printed and the Built (2014-18). Her research focuses on 18th and 19th-century architectural print cultures, the histories of perception, travel, and the role of women in architecture before 1900.

EVA M. ALVAREZ ISIDRO
Universitat Politècnica de València | Spain | ealvarez@pra.upv.es
CARLOS J. GÓMEZ ALFONSO
Universitat Politècnica de València | Spain | cjgomez@pra.upv.es



YesWePlan! Promoting women in architecture and civil engineering. A research in European context

'YesWePlan!' is a collective research, which aims to frame the situation of women architects and civil engineers in five European countries: Austria, Germany, France, Slovenia and Spain by comparing context, situations and examples.

The research tackles the state of the question in each country, as usual, but the core work is a deep interviews series to women (and 30% men) architects who have been selected according age group, professional experience time, type of practice... They have been asked about their professional practices and expectative regarding gender issues. The goal is having a guided conversation to let unexpected points of view to arise, looking for qualified opinions and data in each country and comparing them, if possible. This guided interviews are completed with an extensive open online questionnaire with mainly closed questions that aims to research quantity data.

Research partners also share best practices collection to promote women architects and engineers in each country in order to exchange and check options. The research is still working, in spite among pandemic difficulties.

EN Eva Alvarez: 1963 Born in S/C de La Palma, Canary Islands (Spain), 1991 Architect, Final Project with Excelent; 1991 Founder of carlos gomez+eva alvarez arquitectes; 1995 Since 1995, Studio courses at UPV, LUH Hannover, AA London, Virginia Tech US, TU Berlin, BOKU Vienna, Sapienza Roma and IUAV Venice.; 2016 PhD Women in Architecture. 1975, 2015. Cum Laude; 2018 Participation Venice Biennale Spain Pavilion Meeting on Architecture; 2019 IAWA Milka Bliznakov Research Prize.

Carlos Gómez: 1965 Born in Catarroja, Valencia (Spain); 1991 Architect, Final Project with Honors; 1991 Founder of carlos gomez+eva alvarez arquitectes; 1992 Since 1992, teaching Studio courses at UPV and at Virginia Tech US, TU Graz, RWTH Aachen, Sapienza Roma and IUAV in Venice.; 2016 PhD on School buildings in Valencia. Cum Laude; 2018 Participation Venice Biennale Spain Pavilion Meeting on Architecture; 2019 IAWA Milka Bliznakov Research Prize

SVAVA Riesto
University of Copenhagen | Denmark | svri@ign.ku.dk
HENRIETTE STEINER
University of Copenhagen | Denmark | hst@ign.ku.dk



Women in danish architecture 1925-1975. A new history of gender and practice

During the period 1925-1975, Danish architects were faced with a new challenge: to give shape to the daily lives of citizens in modern Denmark. But something else happened too. The first generations of women completed their educations within the design disciplines. Architectural historians have mainly described this period by focusing on the building work of a small group of male architects. In our preliminary research, however, we found that many women contributed to Danish architecture and design. During 1925–1975, women helped to shape the everyday environment by designing kitchens, public buildings, housing, landscapes, and urban areas, among other things. Yet the greater part of their contribution has been forgotten by architectural historians. Our project aims to contribute to a more complete understanding of Danish architecture history, and to do so in new, more engaging, and more inclusive ways.

We want to write a history where architecture was not created by great individuals but through mutual and creative collaborations. The project is funded by the Independent Research Fund Denmark, Realdania, The Danish Arts Foundation, Dreyers Foundation, the National Building Found and Boyes Fond.

EN Henriette and Svava are Associate Professors in the Section for Landscape Architecture and Planning at the University of Copenhagen.

Svava's writings examine questions of the history and heritage of urban landscapes and cities.

She is author of *Biography of an Industrial Landscape. Carlsberg's urban spaces retold* (Amsterdam University Press, 2017).

Henriette's research investigates the cultural role and meaning of architecture, cities and landscapes.

Her most recent book was *Tower to Tower: Gigantism in Architecture and Digital Culture* (co-written with Kristin Veel, MIT Press, 2020).



W@ARCH.PT | Women Architects in Portugal: building visibility (1942-1986)

The presence of Portuguese women architects in the development of architectural practice, research and teaching is far from being identified and critically reflected. The fundamental questions are: who?, when?, and how?, have the architects contributed to our history of architecture, although almost always in the shadows. The chronological landmark began in 1942, the year in which the first woman, Maria José Estanco, finished her degree in architecture in Portugal, and ended in 1986, a crucial year in Portuguese history. On the one hand, the country joins the EEC, on the other hand, we are witnessing the explosion and massification of schools of architecture. Between these chronological landmarks are great events in the history of modern Portuguese architecture: among others, the 1948 Congress and the SAAL process. The archival work and the oral collection of testimonies enable us to understand the role of Portuguese architects in this period of time, extending narratives about architecture in Portugal. However, stories and history already reveal facts and people fundamental before and after these time limits, foreseeing the need to expand this research map in the future. Funding: FCT, Portuguese Government [PTDC/ART-DAQ/32388/2017] (2018-2022).

EN Architect, researcher, professor, feminist, activist, and mother. Researcher and Project Leader W@ARCH.PT. Women Architects in Portugal: Building visibility (1942-1986) (Portuguese Government Funding, 2018-2022). Researcher at the Interdisciplinary Centre for Gender Studies (ULisbon). Invited Assistant Professor (UBI, Architecture). Co-founder and president of Women in Architecture (Portugal). Degree in Architecture (Technical ULisbon, 1997), Master in History of Art (Nova ULisbon, 2008), PhD in Architectural Projects (UPCatalonia, Spain, 2010), and a postgraduate degree in Feminist Studies (UCoimbra, 2016). Young Researchers in Art Studies Award (Calouste Gulbenkian Foundation, 2008). Main research areas: Architecture, Cities and Gender; Feminist Urbanism; History of Architecture (Women and XX Century).

MULHERES-HOUSES-CIUDADES-PLACES/
SPACES-ARQUITECTURAS-CUERPOS-

CIUDADES-BODIES-CASAS-

6. INVESTIGAÇÃO-RESISTÊNCIAS-

TERRITÓRIOS-CIUDADES-INVESTIGAÇÃO

-RESISTENCIAS-PEDAGOGIES-

P R O G R A M A

MUJERES-CITIES-WOMEN-PEDAGOGIA

S-RESISTÊNCIAS-HOUSES-

ARCHITECTURES-RESEARCH

-(ECO)FEMINISMOS

P R O G R A M

-TERRITÓRIOS-CORPOS-

ESPACIOS-(ECO)FEMINISMS-RE

SISTENCES-INVESTIGACIÓN-

CIUDADES-HISTORY/STORIES-

TERRITORIES-HISTÓRIA(S)

-ARQUITECTURAS

DIA - DÍA - DAY 1

21 ABRIL-APRIL

09:00 - 9:30 [GMT +1]

OPENING SESSION
SESIÓN DE APERTURA
OPENING SESSION

09:30 - 11:00 [GMT +1]
ORADORA PRINCIPAL
KEYNOTE SPEAKER

MADHAVI DESAI

11:15 - 12:45 [GMT +1]
SESSÃO PARALELA - SESIÓN
PARALELA - PARALLEL SESSION 1

1A 1B 1C

13:00 - 14:00 [GMT +1]
INTERVALO - PAUSA - BREAK

14:00 - 15:30 [GMT +1]
SESSÃO PARALELA - SESIÓN
PARALELA - PARALLEL SESSION 2

2A 2B 2C

15:45 - 17:15 [GMT +1]
SESSÃO PARALELA - SESIÓN
PARALELA - PARALLEL SESSION 3

3A 3B 3C

17:30 - 18:30 [GMT +1]
APRESENTAÇÃO - PRESENTACIÓN-
PRESENTATION

MORE

DIA - DÍA - DAY 2

22 ABRIL-APRIL

9:30 - 11:00 [GMT +1]
SESSÃO PARALELA - SESIÓN
PARALELA - PARALLEL SESSION 4

4A 4B

11:15 - 12:45 [GMT +1]
SESSÃO PARALELA - SESIÓN
PARALELA - PARALLEL SESSION 5

5A 5B 5C

13:00 - 14:00 [GMT +1]
INTERVALO - PAUSA - BREAK

14:00 - 15:30 [GMT +1]
ORADORA PRINCIPAL
KEYNOTE SPEAKER

DINA GARZÓN

16:00 - 17:30 [GMT +1]
SESSÃO ESPECIAL - SESIÓN
ESPECIAL - SPECIAL SESSION

**PROJETOS DE
INVESTIGAÇÃO - PROYECTOS
DE INVESTIGACIÓN -
RESEARCH PROJECTS**

DIA - DÍA - DAY 3

23 ABRIL-APRIL

9:30 - 11:00 [GMT +1]
SESSÃO PARALELA - SESIÓN
PARALELA - PARALLEL SESSION 6

6A 6B

11:15 - 12:45 [GMT +1]
SESSÃO PARALELA - SESIÓN
PARALELA - PARALLEL SESSION 7

7A 7B 7C

13:00 - 14:00 [GMT +1]
INTERVALO - PAUSA - BREAK

14:00 - 15:15 [GMT +1]
ORADORA PRINCIPAL
KEYNOTE SPEAKER

8A 8B 8C

15:30 - 17:00 [GMT +1]
ORADORA PRINCIPAL
KEYNOTE SPEAKER

JOYCE BERTH

17:00 - 17:30 [GMT +1]

SESSÃO DE ENCERRAMENTO
SESIÓN DE CIERRE
CLOSING SESSION

MULHERES-HOUSES-CIUDADES-PLACES/
SPACES-ARQUITECTURAS-CUERPOS-

CIUDADES-BODIES-CASAS-

7. INVESTIGAÇÃO-RESISTÊNCIAS-

TERRITÓRIOS-CIUDADES-INVESTIGAÇÃO

-RESISTENCIAS-PEDAGOGIES-

R E S U M O S

MUJERES-CITIES-WOMEN-PEDAGOGIA

S-RESISTÊNCIAS-HOUSES-

R E S Ú M E N E S

ARCHITECTURES-RESEARCH

-(ECO)FEMINISMOS

A B S T R A C T S

-TERRITÓRIOS-CORPOS-ESPACIOS

-(ECO)FEMINISMS-RESISTEN

CES-INVESTIGACIÓN-CIUDADES-

HISTORY/STORIES-TERRITO

RIES-HISTÓRIA(S)-ARQUITECTURAS

ÍNDICE DE RESUMOS – ÍNDICE DE RESÚMENES – ABSTRACTS INDEX

EIXO 1 – EJO 1 – AXIS 1 IGUALDADE – IGUALDAD – EQUALITY

EIXO 1 – EJO 1 – AXIS 1	ALÍCIA BEATRICE GOMES DE MEDEIROS, ISABELI SANTIAGO Caminhando com um click: o tour feminista do Porto como uma prática poética de resistência urbana e historiografia radical em experiências online	28
	ALINA DAMBROSIO CLEMENTELLI Un/safe home. Looking the city as a social reproduction sphere	29
	AMAL AL BALUSHI, GUSTAVO DE SIQUEIRA Invisibility for Inclusivity: public spaces for women in Oman	30
	ANA MORCILLO PALLARES #Sayhername: the invisible geography of protest in North American public space	31
	ANGELINA P. F. PIRES, ENEIDA DE ALMEIDA Slams de poesia em São Paulo: experiências e narrativas urbanas	32
	BETTINA SIEGELE A post-pandemic domestic revolution	33
	BRUNA RODRIGUES O espaço urbano vivenciado por mulheres psiquiatrizadas	34
	CAMILA REIS Pritzker 2020. Como a crítica especializada anunciou o prêmio	35

DAFNE SALDAÑA BLASCO, HELENA CARDONA TAMAYO, JULIA GOULA MEJÓN Hacia unas espacialidades feministas	36
FLÁVIA COSTA Da formação da casa brasileira e de espaços segregados à construção de narrativas e experiências feministas	37
INÉS TOSCANO #GenderStories, #UnmaskingBauhaus, #StarchitectPressure: feminist activism in Dessau	38
IRATI MAJUELO Releyendo la ciudad moderna: resistencias desde la literatura vasca	39
JÉSSICA MACHADO Dimensões espaciais da vida cotidiana pela perspectiva de género – estudo de caso no Porto	40
JOANA PESTANA LAGES Como ficar em casa? Mulheres e direito à habitação em tempo de pandemia	41
LAURA MARTINEZ ALONSO, BARBARA HERMÈS ROLAND Sistema de ciudades/ La calle y el modelo de ciudad en Madrid post-Covid	42
LUCÍA C. PÉREZ-MORENO, DAVID DELGADO-BAUDET Spanish (non) professional architecture media as an alternative archive: unexplored venues for female talent	43
MARGARIDA QUEIRÓS, ADRIANA SOUZA, JESSICA LIMA, JO PEREIRA Ponto de Encontro (Pe): conhecimento e ativismo que reivindica espaço para as mulheres no planeamento da mobilidade urbana	44
MARÍA GABRIELA NAVAS PERRONE, MARC DALMAU, HORACIO ESPINOSA Impactos de la gentrificación en la vida cotidiana de las mujeres en el barrio de Poblenou de Barcelona	45
MARIANNA CHARITONIDOU The Practices of Flâneuses within the context of the COVID-19 pandemic: feminist geography vis-à-vis automation discourse	46
MASA BRATUSA The gender of commute	47
NATÁLIA FÁVERO, CHLOÉ DARMON, ANA ARANTES, ISABELLI SANTIAGO, ALÍCIA MEDEIROS Revista LINA, perspectivas feministas em arquitetura e urbanismo	48
NATÁLIA FÁVERO A condição das mulheres no espaço público: territórios de conforto e desconforto na urbanidade contemporânea	49
OIHANE RUIZ MENÉNDEZ “Todas a casa”. Las contradicciones del experimento	50

RAFAELLA LUIGIA VEDUIM RIGHI, JULIANA LAMANA GUMA Minha rua, minhas regras: redesenho urbano com perspectiva de gênero no bairro Camobi	51
SILVANA RUBINO Os subúrbios no cinema: território feminino?	52
THAIS MATOS MORENO, FRANCISCA B. SANTIAGO CAVALCANTE, INARA VITÓRIA DE SOUSA COELHO Arquitetura e Urbanismo como estruturas ideológicas de poder: por uma leitura contra-hegemônica teórico-prática	53
VIOLETA RODRÍGUEZ Ciudad y maternidad	54

EIXO 2 - EJO 2 - AXIS 2 JUSTIÇA CLIMÁTICA - JUSTICIA CLIMÁTICA - CLIMATE JUSTICE

EIXO 2 - EJO 2 - AXIS 2	CATALINA MEJIA MORENO Against more disappearances. Against extraction, violence and marginalisation	56
	FLAVIA MAZZANTI Breaking Dualism. Ecofeminist strategies for a post-anthropocentric society	57
	ISABELLA RUSCONI, JOANA IVÓNIA SALGADO SANTOS, INÊS DOMINGUES, MARGARIDA LOURO, CATARINA ISIDORO Questões de gênero na predisposição das crianças para a utilização da bicicleta na cidade	58
	JULIA LOPES DA SILVA, PATRICIA RODRIGUES SAMORA COVID-19 em áreas de risco do município de Campinas/SP: protagonismo feminino no combate aos efeitos da pandemia	59
	KARIN REISINGER Struggles at the peripheries of extractive hegemonies (knowledge activism in architecture)	60
	MARIA PURA MORENO MORENO Renée Gailhoustet: marxismo arquitectónico en la Francia de los años 60-70 desde una perspectiva feminista, o ¿por qué no? incluso eco-feminista	61
	NEILA DA SILVA DE SOUZA Eliane Brum e seu engajamento socioambiental: “a floresta é o centro do mundo”	62

EIXO 3 - EJO 3 - AXIS 3

PRÁTICAS PROFISSIONAIS - PRÁCTICAS PROFESIONALES - PROFESSIONAL PRACTICES

EIXO 3 - AXIS 3	AMANDA DA COSTA PEREIRA ALVES, ENEIDA DE ALMEIDA O corpo feminino situado em conexão com o estético e o político	64
	ANDRÉA GÁTI Pandemia: reflexos e reflexões no campo da arquitetura	65
	ANNE LUISE MUELLER Equality between woman and men and their spatial dimensions with diversed scales	66
EIXO 3 - EJO 3	BARBARA ARAUJO O Visível Invisível – processo urbano pela visão de gênero	67
	ELS DE VOS, BARBARA HERMÈS ROLAND Female Symbols and Urban Space. Creating alternative female spaces and practices by art	68
EIXO 3 - EJO 3	EMILY CROMPTON, AMELIA LEE, CHARLES LEE Building and re-building a proud (Queer) space	69
	GIULIA CUSTODI Feminist impact on temporary urbanism in Paris – on toilets, quarantine and low-budgeted programs	70
	INGRID PEIXOTO Praça Luiza Távora em Fortaleza: uma perspectiva feminista no urbanismo brasileiro	71
	INGRID RUUDI Three women at the top: how do women architects in power positions see themselves?	72
	ISABEL CARVALHO, RAQUEL PONTE DA LUZ, DAVID LEITE VIANA Mapeamentos colaborativos para um ativismo feminino	73
	ISABELA ALMEIDA Vivências e (in)seguranças de um corpo feminino na cidade	74
	LAÍS ROLLA PAULA MOTA, DANIELA ABRITTA COTA De Ocupação à Casa de Referência da Mulher: porque a Tina Martins, em Belo Horizonte MG é uma alternativa para viabilizar o direito das mulheres à cidade	75
	PATRÍCIA ROBALO Território, projecto e género em representações de arquitectura – a partir do Open House Lisboa 2019	76
	RAFFAELLA POLETTI Berlin 1987. A missed confrontation	77
	ROSSANA BRANDÃO TAVARES, LAURA SARMIENTO B., MARÍA GABRIELA NAVAS PERRONE Encarnando o vírus: intervenções epistêmicas e performativas à hegemonia disciplinar	78
SARAH RENSHAW, HELEN ASTON PRAXXIS_A feminist way of looking at housing: defining family housing across the intersectional issues of class, race, sexual orientation, age, disability and gender	79	

EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4

HISTÓRIA - HISTORIA - HISTORY

EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4

ADRIANA GUILHERMANO, DESIREE VACQUES, CRISTIANE DUARTE

A constituição ideológica dos lugares do samba

no Rio de Janeiro: o caso do movimento das mulheres sambistas

81

ANA DUARTE

As (in)visibilidades das mulheres arquitetas. Eventos de arquitetura em Portugal, 2010-2019

82

ANA MARÍA FERNÁNDEZ GARCÍA

Las pioneras del diseño español en los Premios Delta (1961-90)

83

CÁTIA RAMOS

Maria José Abrunhosa de Castro (1949-1999): arquitetura, planeamento, política, cidade e controvérsia democrática

84

CHLOÉ DARMON

Habitar a Água, os lavadouros públicos do Porto: uma experiência das mulheres na cidade moderna

85

EDITE GALOTE CARRANZA, LEDA MARIA L. F. ROSA VAN BODEGRAVEN

O quarto de empregada: 'Escovando a história a contrapelo'

86

FERMINA GARRIDO, MARA SÁNCHEZ LLORENS

Registro de registros. Gabinetes de narrativas personales y fantasmagorías modernas

87

GABRIELA TIE TAMARI

Rosa, Miranda e a consolidação do campo paisagístico em São Paulo

88

GAYA MARIA VAZQUEZ GICOVATE

Cozinha paulistana, higienismo e sanitarianismo

89

GIOVANNA AUGUSTO MERLI, PATRICIA MENDÉZ

A importância da visão decolonial na pesquisa feminista em contexto latino-americano

90

IRENE GONZÁLEZ FERNÁNDEZ La mujer tutelada. Dispositivos de control de los espacios negados	91
JUSTINE GLOESENER Women in architectures of crisis. The consideration of polio in the construction of the modernist <i>Cité de Droixhe</i> (Liège, Belgium)	92
LIA GIL ANTUNES Uma leitura feminista do processo SAAL (1974-1976): Aproximações críticas iniciais	93
LIDEWIJ TUMMERS How activists became cultural heritage. Mapping the archives of the 'women building housing' movement and transfer to the National Archive for Architecture in the Netherlands	94
MARIA PINHEIRO Olga Quintanilha, uma arquiteta portuguesa na esfera pública	95
MARÍA-ELIA GUTIÉRREZ-MOZO, JOSÉ PARRA-MARTÍNEZ, ANA GILSANZ-DÍAZ Exposiciones de arquitectura comisariadas por mujeres en España (1978-2008): un territorio de excepción	96
MÓNICA CRUZ GUÁQUETA Charlotte Perriand: el equipamiento como militancia	97
PATRICIA ORFILA REIS Mônica Avelino Arrais. Uma arquiteta no cerrado brasileiro	98
RIXT WOULDSTRA, HANNAH LE ROUX 'Build Your Own House': Betty Spence's design-research in 1950s South Africa	99
SABRINA STUDART FONTENELE COSTA Gênero e domesticidade na arquitetura moderna: uma análise a partir dos apartamentos duplex	100
SARA JACINTO Designing Spaces of Otherness: Lina Bo Bardi and the Espírito Santo do Cerrado Church	101
SILVANA RUBINO, SABRINA FONTENELE As mulheres do patrimônio cultural: profissionais, donas de casa, transmissoras de saberes	102
VERONICA BENEDET Las arquitectas (in)VISIBLES en Euskadi. Aproximaciones sobre la situación de las arquitectas en el País Vasco	103

EIXO 5 - EJO 5 - AXIS 5

PEDAGOGIAS ESPACIAIS - PEDAGOGÍAS ESPACIALES - SPATIAL PEDAGOGIES

EIXO 5 - EJO 5 - AXIS 5	ALEJANDRA ORELLANA, PALOMA MUÑOZ, URSULA SAVARIEAU El comienzo de una comunidad de acompañamiento feminista del Sur	105
	ALICE SALIMBENI Pee-Women wanted! An hilarious short film to simulate a metaphorical act of gender re-territorialization	106
	ALICIA PÉREZ GARCÍA Mujeres y derecho a la vivienda: construyendo desde las emociones, el cuerpo y el territorio	107
	ANA GALLEGO Pedagogias Especiales: ARQUIDRAMA. Arquitectura, sociodrama, psicodrama e teatro da espontaneidade. Uma metodologia pedagógica para a transformação social	108
	ANA POL, MARÍA ROSÓN Desplazamientos, resbalones y desorientaciones en el espacio del museo: moverse a través de las flaneuses y las exiliadas	109
	ANNA PAPADOPOULOU Measuring her city: tracing women's presence in urban life	110
	CHIARA BELINGARDI, DANIELA POLI Planning Gender Sensitive Cities: a teaching research	111
	CLAUDIA MARTINEZ La incorporación de las mujeres a los espacios productivos del ferrocarril: un estudio de caso en Estación cabecera Retiro-Línea Mitre (Buenos Aires, Argentina)	112
	CLEVIO RABELO Arquitetura Bicha: documento, experiência, ficção	113
	ELOISE MALTBY MALAND, SHIVANI SHAH, VALERIA MUTERI Body as a pedagogical tool	114
EMILIA CORRADI, ARIANNA L.N. SCAIOLI Architecture of care and healing. Disaster Risk Reduction Approach as an opportunity to redesign a new geography of strongholds for women	115	

EMILY CROMPTON Realising Feminist Architecture: Teaching to that 'Ah Ha' Moment!	116
ÉRICA MARIA DE BARROS MARTINS Por um pensamento projetual feminista	117
EVA GRIGORIADOU, DAFNE SALDAÑA BLASCO Gendered experiences in the public space of Athens. Exploratory walks around Panteion university	118
GIADA BONU The S factor. The production of feminist safer spaces between Rome and Madrid	119
JIMENA ABRAHAM VIERAI, JAVIER VIDAL ALFARO Inclusión de la perspectiva de género en la planificación territorial. Notas desde la periferia noreste de Montevideo	120
JOANA PESTANA LAGES, ANA CAROLINA FERRAZ, VANISE LIMA Género e espaço em contexto escolar: a experiência de dois projetos-piloto na cidade de Lisboa	121
JULIA KÖPPER, DAGMAR PELGER, MARTHA WEGEWITZ A feminist perspective for Berlin today! What could a non-sexist city look like?	122
LIA GIL ANTUNES, ISABELLA RUSCONI, PATRÍCIA SANTOS PEDROSA, PATRÍCIA ROBALO, PATRÍCIA ORFILA REIS Pensar colectivamente sobre Cidades e Género: a primeira Escola de Verão em Portugal	123
LUISA CARRERA IZURIETA, DANIELA RAMOS PASQUEL (des)Bordes Cotidianos	124
SANDRA GONZÁLEZ ÁLVAREZ "A Vila do Mañá" buscando una ciudad para todas y todos	125

EIXO 1 – EJO 1 – AXIS 1 IGUALDADE – IGUALDAD – EQUALITY

PT Projectar a igualdade entre mulheres e homens nas suas dimensões e escalas arquitectónicas é hoje uma questão primordial (Declaração e Plataforma de Acção de Pequim, 1995). Analisar e propor espaços domésticos e urbanos segundo uma perspectiva feminista interseccional e não normativa, implica debater, reflectir e propor teorias e estratégias que substituam os sistemas patriarcais, racistas e neoliberais contemporâneos.

ES Projectar la igualdad entre mujeres y hombres en sus dimensiones y escalas arquitectónicas es hoy una cuestión primordial (Declaración y Plataforma de Acción de Pequim, 1995). Analisar y proponer espacios domésticos y urbanos desde una perspectiva feminista interseccional e no normativa implica debatir, reflexionar y proponer teorías y estrategias que reemplacen los sistemas patriarcales, racistas y neoliberales contemporâneos.

EN It is a primordial issue, today, to project equality between men and women in its dimensions and architectural scales (Beijing Declaration and Platform for Action, 1995). To analyze and to advocate for domestic and urban spaces according to an intersectional feminist perspective implies debate, reflection, and the proposal of theories and strategies that can replace contemporary patriarchal, racist and neoliberal systems.

Caminhando com um click: o tour feminista do Porto como uma prática poética de resistência urbana e historiografia radical em experiências online

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1 O Tour Feminista da cidade do Porto (*TFP*) foi criado pelo Coletivo MAAD, com colaboração de Laorem Crosetti, em Portugal no ano de 2019. Desenvolvido para combater a tendência histórica do silenciamento feminino nas narrativas sociais, o *TFP* responde à também urgência de repensar coletivamente a cidade do Porto e a(s) sua(s) História(s) a partir de um enquadramento crítico, político, feminista, decolonial e ativista.

Nas cidades, a opressão de gênero manifesta-se em diferentes esferas dos espaços urbanos contemporâneos - desde as práticas e vivências individuais ou coletivas às expressões da cultura que materializam discursos sexistas, além do silenciamento e invisibilidade, historicamente herdados. Assim, o *TFP* pretende combater estas violências em um dos espaços concretos onde essas acontecem, através da apropriação poética e política de uma ferramenta altamente capitalizada. Caminhando pela cidade, ocupando-a física e simbolicamente, (re)inscrevemos nossos corpos e reescrevemos nossas histórias, de uma forma mais dinâmica/acessível, extrapolando simultaneamente os limites da discussão acadêmica.

Na situação pandêmica de 2020, buscamos experimentar esta ação na esfera online, através de ferramentas como o *Google Maps Street View*, *Poly* e *Zoom*. Este presente ensaio pretende analisar estas experimentações e seus possíveis desdobramentos nesta prática. Através de teorias sobre cibridismo de autores como Giselle Beiguelman e Peter Anders. Neste contexto, o ser híbrido contemporâneo, transita/ocupa de forma simultânea os ambientes *online* e *offline*, no entanto, a parte 'humana' desta 'simbiose', ainda enfrenta questões inerentes à sua identidade enquanto ser humano, pois: "(...)corpos são mapas de poder e identidade. Ciborgues não são uma exceção." (Haraway, 1991, p. 180), sendo assim, este corpo híbrido feminino, continua exposto às relações de poder sociais estruturais, como o racismo, o colonialismo e o sexismo. Assim, o que a tecnologia potencializa e limita para uma caminhada urbana híbrida feminista? Como esse meio pode ser explorado?

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

caminhar, tour feminista; cidade; cyberfeminismo; historiografia feminista; mapeamento;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

- Haraway, Donna J. (1991). *Simians, Cyborgs and Women - The reinvention of Nature*. London: Free Association Books.
Perrot, Michelle. (1997). *Mujeres en la ciudad*. Santiago, Chile: Editorial Andres Bello.
Beiguelman, Giselle. (2004). *Admirável Mundo Híbrido*. In André Brasil ; Luiz Carlos Assis lasbeck (Ed.), *Cultura em fluxo: novas mediações em rede* (Vol. 1, pp. 264-282). Belo Horizonte: Editora PUC Minas.
Anders, Peter. (1998). *Cybrids - Integrating Cognitive and Physical Space in Architecture*. Paper presented at the Convergence Conference, Orlando. Volume 4 Number 1 Pages 85-105.

Un/safe home. Looking the city as a social reproduction sphere

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1 My contribution focuses on the city as a sphere of social reproduction starting with the issue of security. In the Italian context security discourse uses gender violence as an argument to promote urban security policies that produce a hierarchy between bodies at various scales: through turnstiles in stations and benches against urban decline. The pandemic situation shows the limit of this emergency approach and the porosity between public and domestic space. In the feminist literature the oppositional binomial between public space and private space has been fundamental to indicate the axes of power in the relationship between genders, because feminized subjects have been historically and socially construed out of place in public space. On the other hand, during the lockdown the house became central in the government narrative as a safe place to stay as a preventive measure against the spread of Covid-19 contagion, reinforcing the narrative that made public space as an unsafe and less accessible. The intersectional perspective shows how the lockdown and the pandemic have produced different consequences, and how instead the home has become paradigmatic: not only the home is not guaranteed to all people, but homes have become productive workplaces, think homeworking, and reproductive work, but for many women staying at home has meant an increase in domestic violence.

In this regard, I would like to deepen these two axes, public and private, to investigate how the liveability of the city changes. In other words, what contradictions emerge? And what practices of resistance are put in place?

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
safety; social reproduction; domestic space; city;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

- Bhattacharya, T. (Ed.). (2017). *Social Reproduction Theory: Remapping Class, Recentring Oppression*. London: Pluto Press. doi:10.2307/j.ctt1vz494j.
- Kern, L. (2020) *Feminist city: a field guide*; Verso, London-New York
- Tronto, J. (2013) *Democratizing care. Markets, Equality and Justice*, New York university press, New York-London
- Vincze, E. (2020) *Housing as a Field of Social Reproduction and Struggle for Housing Justice in Romania*, *Radical housing journal* // ISSN 2632-2870
- Zenzele, I. (2013), *Urban Black Women and the Politics of Resistance*, Palgrave Macmillan, New York

Invisibility for Inclusivity: public spaces for women in Oman

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1

Since the 1970's renaissance of Oman, building typologies and constructions have changed drastically. The once climate-appropriate narrow alleys and mud houses have shifted to vehicle-influenced wide streets and concrete air-conditioned villas; providing a different built environments and urban aesthetics (Heim et al., 2018; Nebel & Richthofen, 2016). Albeit for such transformations, cultural norms and religious acts remained intact and part of the active Omani identity.

A symbol of contemporary neighbourhoods are the centrally placed Mosques. Through surveying and holding community workshops, discussions of these cores with residents of Muscat took place (De Siqueira & Al Balushi, 2020). The men walked to the Mosque regularly for prayers, as well as gathered afterwards socially. The Mosque has also grown to be a source of official governmental information distributions.

The women instead found the Mosque to be a Male-dominated space. Comments such as "Men will look at me" identify visibility as a prevailing factor in where local women feel comfortable in public; one that can partly explain the inadequate ratio of women to men outdoors. This absence of women has detrimental effects; Women suffer higher vitamin d deficiencies rates (Abiaka et al., 2013), and are socially misrepresented in their neighbourhoods. Indeed, we see that younger women are highly affected, being the least likely to walk in public (Mabry et al., 2016). In a culture where high levels of privacy are practiced, how has the public space performed? Can invisibility prompt inclusivity?

Using Visual Graph Analysis, we compared the typological structure of visibility and privacy – on the streets of traditional settlements to those of the contemporary neighbourhoods. This is guided by a hypothesis that the lack of privacy of modern settlements is precluding culturally appropriate public life. We consider the Mosque, its users and discuss its placement within the public sphere of Omani neighbourhoods.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Muslim cities; Mosques; Urban Culture; Neighbourhood design; Visibility Graph Analysis;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

- Abiaka, C., Delghandi, M., Kaur, M., & Al-Saleh, M. (2013). *Vitamin D Status and Anthropometric Indices of an Omani Study Population*. Sultan Qaboos University Medical Journal, 13(2), 224–231.
- De Siqueira, G., & Al Balushi, A. (2020). *Co-designing the pedestrian revolution in Muscat*. City, Territory and Architecture, 7(1), 11. <https://doi.org/10.1186/s40410-020-00119-6>
- Heim, B., Joosten, M., Von Richthofen, A., & Rupp, F. (2018). *Land-allocation and clan-formation in modern residential developments in Oman*. City and Territory Architecture, 9. <https://doi.org/10.1186/s40410-018-0084-6>
- Mabry, R. M., Morsi, M., Al lawati, J. A., & Owen, N. (2016). *Descriptive epidemiology of physical activity among Omani adults: the Oman World Health Survey, 2008*. EMHJ-Eastern Mediterranean Health Journal, 22(2), 103–115.
- Nebel, S., & Richthofen, A. von. (2016). *Urban Oman*. LIT Verlag Münster

#Sayhername: the invisible geography of protest in North American public space

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1

“The most disrespected person in America is the black woman. The most unprotected person in America is the black woman. The most neglected person in America is the black woman.” Malcom X stated these words in 1962. Decades after, we all have witnessed the United States ethos of national discontent who felt sidelined in the fight for civil rights and protests against police violence.

North American streets, squares, sidewalks and underpasses are today in a state of grieving. Citizens involuntarily witnessed the murder of George Floyd by Minneapolis police on May, 25th. A tragedy, which shook public consciousness and highlighted other violent chapters. Breonna Taylor’s death few months before Floyd’s only received belated attempts to rectify that black women are rarely the first thought in our outrage over police shootings.

This invisible reality, which does not fit the spectacular forms of police killing, launches many controversial questions: “Why are black women and girls still an afterthought in our outrage over police violence?” Brittney Cooper, professor at Rutgers University, asks. “Why are black women often left out of the public narrative about the use of force against Black people?” Kimberlé Crenshaw, executive director of the African American Policy Forum inquires.

This paper will delve into these questions while analyzing its cultural and political manifestation on the built environment through the #SayHerName campaign, launched in 2014. A geography of protest as the cultural geographer Avril Maddrell has called the “invisible landscapes of bereavement”. Renders of historic and personal traumas visible and emotionally palpable in the collective space. Crucial visualizations “whether physical, embodied-psychological, or virtual” which help us foster “relational spaces, emotional-affective geographies and therapeutic environments.”.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
 Sayhername; Black; women; invisible; geographies;

Slams de poesia em São Paulo: experiências e narrativas urbanas

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1 A pesquisa se detém em reflexões acerca do território periférico da cidade de São Paulo no contexto contemporâneo, tendo como recorte geográfico a Zona Leste. Interliga território e cultura, com base em diferentes dimensões da produção da cidade contemporânea, em paralelo à noção de “cidade coetânea”, por meio de aproximações entre sujeitos e experiências urbanas, com o objetivo de compreender e mapear as formas de produção cultural a que se dedicam, relacionadas aos seus modos de vida e de participação política. Para isso, adota como procedimentos metodológicos uma revisão bibliográfica sobre estudos urbanos, com atenção especial à antropologia urbana, no que se refere à vida cultural das áreas periféricas, em meio aos principais problemas urbanos que afetam essas áreas (segregação, violência, escassez de recursos e investimentos públicos), procurando destacar movimentos e ações de resistência e reivindicação por ampliação dos direitos urbanos; prossegue com a aproximação aos grupos de slams, procurando acompanhar as suas atividades e reunir depoimentos dessa experiência. O recorte temático, portanto, concentra-se nos slams, cuja origem é identificada na poetry slam, “batalha das letras”, reunindo evento cultural e movimento social, e abordando temas que se relacionam com a experiência cotidiana do tecido urbano periférico. Desse modo, despertam a consciência da população, reivindicam um posicionamento político, por meio da linguagem, dos gestos e do alcance da comunicação. Os resultados pretendidos apontam as possibilidades de reconhecer o papel das mulheres na liderança desses movimentos, identificando aproximações com a cultura popular do Repente, as peculiaridades dessa forma de comunicação no presente, o reconhecimento de seus lugares de fala, e a repercussão no tecido urbano da cidade, nas formas de convivência, e na construção das narrativas desses sujeitos periféricos, para além dos limites e carências que afetam as relações cotidianas.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Slams femininos; Ativismo cultural; Tecido urbano; Periferias; Narrativas;

A post-pandemic domestic revolution

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1

While the pandemic is still going on, first countries and communes are announcing and revealing first monuments commemorating the pandemic. The planned memorial and its public tender in the Austrian province of Styria shows in many aspects one thing above all: the marginalisation of women in this time. All three shortlisted artists are (unsurprisingly) male, dealing with topics such as forgetting and loneliness (see Schedlmayer, 2020) while ignoring at the same time one major thing that accompanied Covid-19: Once again, women find themselves trapped in the domestic space as they did in the 1950s.

It was mainly women who took care of the housework and the homeschooling of children, next to their regular work schedule during the lockdown. Like in Alvin Toffler's problematic vision of the future described by Jan Zimmermann: "(...) allow married secretaries caring for small children at home to continue to work. Computers at home could allow women, that is, to do not one, but two jobs in their cosy, rose-covered, picket-fenced, white frame, electronic bungalow" (Zimmermann, 1981, 358).

The contribution to the conference seeks to find ways out of this current situation. It seeks to find ways to liberate women from reproductive labour and to trigger a post-pandemic domestic revolution. A revolution like the material feminists did 100 years ago. Material feminists did not define architecture as something that enables social change, but as a tool that can either support or prevent it. They wished to transform women's sphere all together to reach social and economic justice (see Hayden, 1996). A point that due to the pandemic, has become a priority on feminist's agendas worldwide again.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

feminism; domestic space; domestic revolution; marginalisation; covid-19;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

Hayden, Dolores (1996). *Grand Domestic Revolution: History of Feminist Designs for American Homes, Neighbourhoods and Cities*. MIT Press.

Schedlmayer, Nina (2020). *Coronavirus-Denkmäler: Wir sind die Gelackmeierten*. *Artemisia. Kunst und Feminismus*.

<https://artemisia.blog/2020/09/23/coronavirus-denkmaler-wir-sind-die-gelackmeierten/>

Zimmermann, Jan (1981). *Technology and the Future of Women: Haven't we met somewhere before?*. *Women's Studies International Quarterly*, 4(3), 355-367.

O espaço urbano vivenciado por mulheres psiquiatrizadas

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1 Este trabalho articula a arquitetura e o urbanismo à reabilitação psicossocial de pessoas com transtorno mental grave por meio de levantamento e análise bibliográfica. Busca-se estabelecer um olhar específico para esses sujeitos não normativos sob a perspectiva de gênero evidenciando suas relações e interações com o espaço urbano. Conforme prevê a Reforma Psiquiátrica Brasileira, cujo marco legal é a Lei Federal 10.216/01, a assistência às pessoas com transtorno mental grave deve ser pautada pela promoção da autonomia e reinserção social (BRASIL, 2001). Os serviços da rede de atenção psicossocial devem ser entendidos como dispositivos estratégicos, devendo ser locais de acolhimento, cuidado e troca sociais, promovendo sociabilidade e produção de subjetividades, já que devem lidar com as pessoas e não com as doenças (AMARANTE, 2007). Nesse contexto, é necessária uma reflexão acerca das particularidades vivenciadas pelas mulheres ditas “loucas” e pelos homens ditos “loucos”, a fim garantir o destaque necessário aos aspectos sócio culturais na experiência do sofrimento psíquico (ZANELLO; BUKOWITZ, 2011). Segundo as autoras, a noção de gênero contribui para os questionamentos relativos às concepções reducionistas e biologizantes presentes no discurso biomédico. A partir da compreensão das complexidades inerentes a esse processo e com base nessas narrativas, esta pesquisa analisa as possibilidades e barreiras estabelecidas pelo espaço urbano vivenciado por mulheres psiquiatrizadas usuárias da rede de saúde mental. De acordo com Muxí (2006), a perspectiva feminista deve ser base para as propostas urbanas, combinando o trabalho arquitetônico e a participação popular na definição de espaços condizentes com as experiências de vida da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
Espaço urbano; Gênero; Saúde mental; Reabilitação psicossocial;

Pritzker 2020. Como a crítica especializada anunciou o prêmio

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1

A partir da última década ocorreu uma crescente reivindicação sobre o trabalho realizado por arquitetas e planejadoras urbanas. Em 1997, foi lançado o Prêmio Jane Drew exclusivo para arquitetas. De lá para cá, várias outras premiações voltadas para mulheres arquitetas foram criadas, tais premiações têm como objetivo resgatar profissionais mulheres do século XX e dar visibilidade à produção de profissionais contemporâneas.

Despina Stratigakos pontua, no livro “Where are the Women Architects?” (2016), que a criação de prêmios específicos para arquitetas levantou questionamentos sobre a necessidade de prêmios separados por gênero, se a criação deles possibilita o combate ao sexismo na profissão ou se replicam os mecanismos já utilizados pelo star system. A autora conclui que tais premiações tornaram-se uma política de ação ativa capaz de provocar, gerar discussões e trazer atenções aos prêmios existentes, como os sistemas de premiações funcionam e quem são seus vencedores.

Entre 1979 e 2003, os prêmios Pritzker foram entregues somente a homens, quando em 2004, Zaha Hadid foi laureada com o mesmo. Na época da premiação a arquiteta e urbanista Denise Scott Brown destacou que o júri demorou para encontrar uma arquiteta que se encaixasse nas definições pré estabelecidas para “merecedores da premiação”. Nenhuma reportagem feita na época deixou de destacar o gênero da arquiteta.

Tardou 16 anos para que o prêmio voltasse a ser dado somente à arquitetas. Em 2020, um escritório fundado e coordenado por duas arquitetas foi premiado, porém a mídia especializada mais uma vez tratou essa premiação como inusitada e inesperada. O gênero das premiadas foi novamente colocado em destaque.

O artigo pretende fazer uma análise das publicações feitas sobre as arquitetas premiadas no Pritzker 2020 e destacar como a questão de gênero é colocada no campo da arquitetura quando o local de destaque é dado para uma mulher.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
Sayhername; Black; women; invisible; geographies;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

- HEYNEN, Hilde. *Genius, Gender and Architecture: The Star System as Exemplified in the Pritzker Prize*. *Architectural Theory Review*, 2013, 12:2-3, pp. 331-345. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/13264826.2012.727443>>. Acessado em 11/06/2018.
- MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. *La construcción del relato arquitectónico*. Disponível em: <https://www.academia.edu/23493297/LA_CONSTRUCCION_DEL_RELATO_ARQUITECTONICO> Acessado em 09/06/2019.
- NOCHLIN, Linda (1971). *Por que não houve grandes mulheres artistas?* Tradução Juliana Vacaro; revisão técnica Juliana Vacaro e Júlia Ayerbe, São Paulo: Edições Aurora, 2016.
Disponível em <<http://www.edicoesaurora.com/ensaios/Ensaio6.pdf>> Acessado em: 27/01/2020.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre, pp. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721>>. Acessado em 20/04/2019.
- STRATIGAKOS, Despina. *Where are the Women Architects?* New York: Princeton University Press, 2016.

Hacia unas especialidades feministas

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1 Equal Saree somos un equipo de mujeres arquitectas, expertas en género e investigadoras feministas que, desde el año 2010, trabajamos para pensar, planificar, diseñar y construir entornos inclusivos, sostenibles y coeducadores.

Los espacios educan y nos transmiten mensajes. Cuando la cocina ocupa el lugar más pequeño y oscuro de la vivienda, cuando en una ciudad se prioriza los vehículos frente a las personas, o cuando en un patio escolar se destina más del 70% a la pista de fútbol, se está transmitiendo que hay unas actividades más importantes que otras, las que ocupan más y mejores espacios. Las actividades "invisibles", como los cuidados, no se priorizan en el diseño, ni fuera ni dentro de las viviendas, perpetuando la brecha de género en el acceso, uso y disfrute de los espacios comunes.

¿Quién decide el diseño de los espacios y las ciudades? ¿Qué experiencias se tienen en cuenta? ¿Qué necesidades se prioriza resolver? Estas son las preguntas clave para cuestionar una concepción hegemónica y jerárquica de la planificación y el diseño.

En esta ponencia nos gustaría exponer nuestra visión del urbanismo y la arquitectura atravesada por los pilares del feminismo, la perspectiva de género y la participación ciudadana. Compartiremos las metodologías y las herramientas que utilizamos cotidianamente en nuestro trabajo, además de presentar algunos ejemplos de buenas prácticas que ya se han implementado. Estos ejemplos nos servirán para ilustrar cómo se pueden materializar los procesos participativos y los criterios feministas de diseño en proyectos concretos. El hecho de haber podido evaluar algunos de nuestros proyectos, que ya han sido construidos y habitados, nos ha permitido comprobar que los espacios urbanos (educativos, de encuentro y de relación, etc.) pensados colectivamente y desde un paradigma feminista son más utilizados, están mejor cuidados y promueven relaciones más igualitarias entre las personas que los utilizan.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Género; Feminismos; Participación; Arquitectura; Especialidades;

Da formação da casa brasileira e de espaços segregados à construção de narrativas e experiências feministas

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1 Ao analisar a evolução histórica dos modos de habitar e da definição da casa no Brasil, percebe-se a clara relação entre os processos de servidão advindos do modelo colonial de formação do território e o desenho da habitação (Veríssimo & Bittar, 1999). Nesse sentido, o estabelecimento de uma setorização entre áreas íntima, social e de serviços ainda define o modelo da casa brasileira, refletindo um pensamento de segregação, domínio e poder – em modo de atualização, mas atrelado à origem das relações servis materializadas no século XVI. Tal modelo, fortalecido pelos processos urbanos de ocupação do território pautados sobretudo pela ideia de setorização, ora em esquema centro-periferia – isolando as comunidades muitas vezes favelizadas em lugares sem infraestrutura –, ora em sistema de cidade planejada modernista – convencionando o uso dos espaços a papéis sociais e ao poderio econômico – tem como suporte o controle dos corpos (Alcocer, 2011) e suas experiências no espaço a partir do poder masculino (Martínez, 2018). Este artigo pretende estabelecer uma reflexão crítica sobre as possibilidades de rompimento desta lógica, visando à construção de espaços de equidade e baseados no senso de cuidado e coletividade. Para tanto, parte-se da análise do desenvolvimento da moradia brasileira, acrescentando a ela outros fatores globais importantes para a formação da casa e o apontamento de caminhos históricos relacionados às utopias domésticas (Cunca, 2006) e seus projetos. Serão levantadas propostas feministas de produção dos espaços privado e público que pretendem estabelecer novos parâmetros de atuação (Madariaga, 2013) no campo arquitetônico e urbanístico e escrever uma outra narrativa para a experiência cotidiana, mais inclusiva e capaz de abarcar as complexidades dos corpos e dos lugares.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

casa; cidade; narrativa; experiência; feminista;

#GenderStories, #UnmaskingBauhaus, #StarchitectPressure: feminist activism in Dessau

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1

This paper will elaborate on the activist experiences of the students of three seminars at the Dessau International Architecture Master Program. *Gender Masquerade*, *Mapping Bauhaus Couplings* and *Coupling Portrait* are proactive intersectional-feminist pedagogies that utilise the content of couplings—professional partnerships that are also intimate (Colomina 1999)—and the method of role-playing to unmask stereotypical gender roles in the practice of architecture. In the context of the Anhalt University of Applied Sciences, since 2018 these were the first courses dealing with ethics in the curricula of the DIA and were the few taught by a female (20%) and non-German lecturer (30%). After grounding the information with seminars and group discussions on architecture and feminisms, the DIA students take the next step to develop a critical eye by putting together activist interventions around the university campus in Dessau and, during the COVID19 pandemic lockdown, on social media. For each seminar respectively, they created the hashtags #genderstories, #unmaskingbauhaus, and #starchitectpressure. Through quotes, collages, and installations, future graduates feel for the first time they have an active voice in making the architectural discipline more inclusive for them. With an awakened confidence, the multicultural international students are empowered to engage critically with issues of architectural labour and of their own belief system. Embracing the experiential strategy in a feminist reciprocal-learning environment, *Gender Masquerade* concludes with a performative story-telling on the dynamic of couplings, *Mapping Bauhaus Coupling* with a puzzle party at the Bauhaus Stage in Dessau, and *Coupling Portrait* with a critical re-enactment of portrait-photos of famous starchitects.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
feminism, architecture, education, activism, coupling;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

- Ahrentzen, Sherry, and Kathryn H. Anthony. 1993. "Sex, stars, and studios: A look at gendered educational practices in architecture." *Journal of Architectural Education* 47, no. 1: 11-29.
- Battersby, Christine. 1989. "Gender and genius: Towards a feminist aesthetics." *Indiana University Press*, Vol. 578.
- Blau, Judith. 1984. *Architects and Firms: A Sociological Perspective on Architectural Practice*. Cambridge: MIT Press.
- Colomina, Beatriz. 1999. "Couplings." *Oase* 51: 20-33.
- Scott Brown, Denise. 2000. "Room at the Top? Sexism and the Star System in Architecture." *Gender Space Architecture: An Interdisciplinary Introduction*: 258-65.

Releyendo la ciudad moderna: resistencias desde la literatura vasca

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1 Este trabajo propone una relectura de la ciudad moderna mediante representaciones feministas del espacio urbano en la novela vasca, las cuales quedan descentradas de la concepción eurocéntrica y androcéntrica de la literatura urbana, pero a su vez se encuentran en una posición que propicia la creación de nuevos relatos de lo urbano desde la resistencia. Es, por lo tanto, una tentativa para ampliar narrativas desde la literatura, una aportación a la historia de la relación entre las mujeres de la ciudad.

La experiencia urbana de las mujeres ha resultado conflictiva para el modelo hegemónico de ciudad moderna. A su vez, la modernidad constituida desde las grandes potencias europeas implica una marginalización para las naciones que no se atañen al marco Estado-nación. Esto se refleja en la modernidad literaria, donde la representación de la ciudad en la novela es fundamental, pero excluye asimismo a los sujetos periféricos, generando críticas tanto de las teorías decoloniales y feministas, como de literaturas de naciones oprimidas. Así pues, al enfocar este conflicto desde los feminismos, las representaciones urbanas de las escritoras vascas pueden entenderse como resistencias en la búsqueda de discursos alternativos a la historia moderna de la literatura urbana.

Partiendo de referentes clásicas como Wolff (1985) o Pollock (1988), quienes han problematizado la modernidad artística, se analizará la crítica feminista a la dicotomía público-privado, así como a la figura del flâneur. Se profundizará en las vivencias y representaciones urbanas de las mujeres desde la capacidad subersiva que conlleva el caminar (Iglesia, 2019) y las consecuencias de poner el cuerpo en el espacio público (Sennet, 1997; Cedeño, 2013). La investigación teórica se verá reforzada mediante ejemplos concretos que abarcan diferentes épocas de la novela vasca: Zergatik panpox (1979), Ugerra eta kedarra (2003), Jenisjoplin (2017).

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
ciudad; literatura; feminismos; modernidad; novela;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

Cedeño, M. (2013). *El cuerpo femenino en el espacio público urbano*. Zainak, 36, 325-341.

Iglesia, A. (2019). *La revolución de las flâneuses*. Terrades: Wunderkammer.

Pollock, G. (1988). *Modernity and the spaces of femininity*. En *Vision and Difference: Femininity, Feminism and the Histories of Art* (pp. 50-90). London: Routledge.

Sennet, R. (1997). *Carne y piedra*. Madrid: Alianza Editorial.

Wolff, J. (1985). *The invisible flâneuse*. *Women and the literature of modernity*. Theory, Culture & Society, 2, 38-46.

Dimensões espaciais da vida cotidiana pela perspectiva de género – estudo de caso no Porto

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1 A proposta debruça-se sobre o setor oriental (Antas/Campanhã) da cidade do Porto, a partir da perspectiva de género. Pretende-se reconhecer e esclarecer aspectos relativos à dimensão espacial que sejam determinantes nas vivências e no quotidiano das mulheres que vivem e circulam no contexto urbano de proximidade, quanto às funções de suporte à vida, como a habitação, mobilidade e lazer. Especificamente como tais elementos coletivos respondem às solicitações particulares que se colocam às mulheres, tendo em vista os seus papéis sociais. Do ponto de vista territorial, destaca-se que a escolha do referido setor deve-se à sua inserção urbana e territorial, à diversidade populacional e de usos que apresenta, constituindo um ambiente propenso a diversas narrativas e pontos de análise. E ainda pela emergência de novas dinâmicas, públicas e privadas. A metodologia baseia-se num trabalho de proximidade com as pessoas, na escala territorial analisada, e consiste em técnicas de investigação qualitativa, nomeadamente pela observação sistemática, grupos focais, gen.walks, inquéritos e entrevistas semi-abertas a homens e mulheres. Assim, tenta-se contribuir com esta abordagem para a identificação de um conjunto de relações urbanísticas que importam aos termos de qualidade de vida e das relações interpessoais de seus habitantes nos espaços que “habitam”.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
Porto; Vida cotidiana; Igualdade entre homens e mulheres;

Como ficar em casa? Mulheres e direito à habitação em tempo de pandemia

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1

Segundo o último levantamento do IHRU, mais de 25 mil famílias viviam em 2018 sem condições mínimas de habitabilidade, 55% das quais na Área Metropolitana de Lisboa (AML), em construções precárias e aglomerados degradados. Em situação pandémica, tornou-se impossível a muitas destas famílias cumprir as medidas de distanciamento social, confinamento e higiene exigidas. Vivem em lugares caracterizados por precariedade sócio-económica, níveis baixos de literacia e altos de desemprego, compostos maioritariamente por comunidades afro-descendentes e ciganas, com grande incidência de famílias monoparentais encabeçadas por mulheres.

A proposta de comunicação foca-se nos resultados do projeto 'Como ficar em casa? Intervenções imediatas de combate à Covid-19 em bairros precários da AML', desenvolvido entre Agosto e Dezembro de 2020, ao abrigo do programa FCT Gender Research 4 COVID-19.

O projeto teve como principal objetivo a participação de mulheres num programa de intervenções rápidas no espaço e nos hábitos quotidianos, dirigido à implementação de medidas imediatas que possam minimizar as taxas de infecção em bairros precários.

Pesquisas recentes sobre habitação e movimentos urbanos, atestam que na AML são maioritariamente as mulheres as protagonistas das lutas pelo direito à habitação em bairros precários, inseridas em estruturas representativas como associações de moradores ou organizadas de forma informal. Foi com elas que o projecto estabeleceu contato, com o apoio da Associação pelo Direito à Habitação e à Cidade, próxima às situações de maior precariedade habitacional. Apresenta-se o mapeamento das situações de maior precariedade, a co-construção de respostas aos desafios da COVID-19, e a capacitação de mulheres enquanto agentes de disseminação de conhecimento. Pretende-se uma reflexão sobre os avanços e obstáculos de mulheres na conquista pelo (seu) direito à habitação em tempos de pandemia, mas sobretudo, na preparação do futuro pós-pandémico e do garante de que este direito fundamental é respeitado.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
direito à habitação; COVID-19; habitação; pandemia; mulheres;

Sistema de ciudades/ La calle y el modelo de ciudad en Madrid post-Covid

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1

La crisis del COVID-19, con confinamientos estrictos y drásticas reducciones de movilidad, se ha sumado de forma abrupta a las crisis sistémicas que ya experimentaban las ciudades europeas. En Madrid, hemos visto como esta situación ha agudizado las brechas de género, raza, clase y edad, y ha expuesto a la vista la crisis del modelo de ciudad moderna, basado en la movilidad obligada y la segregación de usos. Desde diferentes perspectivas, feministas y ecologistas se han planteado modelos de ciudad alternativos basados en la proximidad y la mezcla de usos, donde los cuidados se sitúan en la esfera pública y comunitaria. En estos modelos, las funciones sociales exigen nuevas formas, que no nueva ciudad: los espacios públicos de calidad, en abundancia y de proximidad para el desarrollo de la vida, y en espacial para los cuidados, dotan a las ciudades de mayor resiliencia en situaciones como la actual pandemia.

La calle y su reconfiguración son determinantes clave del cambio de modelo. En este trabajo, analizamos la red viaria de la ciudad de Madrid y su dotación de equipamientos de cuidados a través de información geoespacial, estudiando en particular las calles de menos de 11m. Este análisis permite identificar áreas de la ciudad construidas con lógicas alternativas a la ciudad moderna, cascos históricos medievales o arrabales informales donde la proximidad y la movilidad peatonal tuvieron prioridad. Estas áreas suponen una oportunidad de cambio de modelo: Madrid no ha resultado resiliente a la crisis pandémica, pero su configuración material permite fácilmente re-formar sus calles y componer un sistema de ciudades, creando una ciudad polinuclear con una densa red de espacios públicos de proximidad y encuentro seguro.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

urbanismo moderno; urbanismo feminista; movilidad urbana; cuidados; salud pública;

Spanish (non) professional architecture media as an alternative archive: unexplored venues for female talent

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1

Since the end of Franco Regime in 1975, the architecture profession underwent major changes in Spain. One of them, and perhaps the most relevant, is the incorporation of women in higher studies. Between 1965 and 2000, women were occupying the classrooms of Universities progressively, to such an extent that from the mid-1990s women were more than 40% in the Spanish Schools of Architecture. This situation came to the increase of Schools of Architecture throughout the country and, in turn, encouraged by the creation of new Official Institutes of Architects dependent on the different Regions (Comunidades Autónomas) that would constitute the new territorial organization of the Spanish State. A phenomenon associated with these institutional changes was the progressive emergence of architectural periodicals connected with those Institutes, Schools, and several new private editorials companies linked with the architecture and design field of knowledge.

This paper pays attention to this phenomenon and proposed analyzing this blooming of architectural periodicals from a gender perspective. Periodicals are understood as archives, as sources of documentation to locate female talent. The dominant discourse on how media has approached the work done by women tends to speak of non-visibility. However, through the analysis of around thirty periodicals, we want to question this discourse. This presentation aims to understand that 'occasional' publications of women's work could serve as a device to locate architectural designs of great value done by women. It involves de-construct the patriarchal idea that assumes that talent —recognized in awards and media— must be supported by long professional careers; a conception that excluded women, who had fewer opportunities and shorter life's work at this moment in Spain.

This proposal is part of the Research Grant- PGC2018-095905-A-I00 "Women in Spanish (Post)Modern Architecture Culture, 1965-2000" funded by the Spanish Government and lead by Dr. Lucía C. Pérez-Moreno.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
Women Architects; Architectural periodicals; Spanish Architecture;

Ponto de Encontro (Pe): conhecimento e ativismo que reivindica espaço para as mulheres no planeamento da mobilidade urbana

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1

O Ponto de Encontro (Pe) é um grupo formado por mulheres com o pé no chão. Dispostas a caminhar com os pés descalços e de saltos, a meter o pé na porta, e a construir com o pé na terra, na areia ou no cimento, estas mulheres caminham juntas e misturadas agregando mais e mais mulheres neste encontro. Conciliando projetos e ações com a comunidade, redes sociais e academia, são apresentados os contextos dos seus trabalhos, obstáculos e desafios, bem como os impactos e oportunidades sentidas e presenciadas por estas mulheres ao longo das suas caminhadas.

Os projetos e ações partilhadas pelo Ponto de Encontro focam a mobilidade, território, género e etnia, misturam conhecimento e ação por meio do ativismo e constituem um mosaico composto por quatro iniciativas:

- i) Pedal na Quebrada, um projeto sociocultural de mobilidade ativa de bicicleta nas periferias da cidade de São Paulo, orientado para crianças, meninas, jovens e mulheres negras;
- ii) Mulher uma força que caminha, um estudo comparativo em Brasília e Lisboa que explora questões de infraestrutura e de segurança pública que influenciam e oprimem o deslocamento a pé das mulheres;
- iii) Atransportista, um podcast centrado na mobilidade urbana cujo objetivo é divulgar conteúdos de transporte e mobilidade enquanto forma de combater o machismo estrutural existente na área;
- iv) GenMob, um projeto que demonstra por meio da utilização de smartphones e GPS que existem consideráveis diferenças de mobilidade entre mulheres e homens no uso do espaço-tempo implicando diferentes motivos e oportunidades na conciliação casa-trabalho.

As mulheres do Pe comprovam que o planeamento dos transportes tem sido um tema sobre a “cidade do homem”. As suas pesquisas e iniciativas revelam que a mobilidade na perspetiva das mulheres, na sua unidade e diversidade, é uma questão complexa e urgente. Conhecimento, consciencialização, ação e reivindicação de espaços na cidade, bem como liberdade de opções de mobilidade, são exigências esquecidas nas políticas de mobilidade. Agregando mulheres, este Ponto de Encontro, enquanto movimento de resistência, foca a mobilidade das mulheres como um tema estratégico no planeamento urbano e por isso deve ser ocupado por elas, com propriedade e competência.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Mobilidade das mulheres; Políticas de mobilidade; Conhecimento-Ação; Academia; Comunidade; Redes sociais;

Impactos de la gentrificación en la vida cotidiana de las mujeres en el barrio de Poblenou de Barcelona

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1

Se presenta un análisis de los impactos sociales generados por el proceso de mercantilización que conoce Poblenou, evidente en los síntomas de la gentrificación que han sido detectados a través del testimonio de mujeres que viven en el barrio. El estudio ha sido realizado desde una aproximación etnográfica a la dimensión percibida del espacio, a partir de observaciones sobre el terreno, itinerarios comentados y un taller realizado con un grupo de vecinas para indagar cómo las mujeres resisten o asimilan desde su cotidianeidad el incremento de la renta generado por las presiones urbanísticas que afectan el sector.

Estudiar la gentrificación desde una perspectiva de género, implica evidenciar la ideología urbanística orientada a sostener el orden político y económico - que es en esencia capitalista y patriarcal- como un aspecto que impacta directamente sobre las formas de sociabilidad. Por ello, la aproximación metodológica toma como punto de partida la premisa fundamental de los estudios feministas al poner la vida en el centro, desde un enfoque interseccional que atiende a las jerarquías por razones de género, de raza y de clase que se materializan tanto en las fronteras simbólicas que condicionan las formas de habitar, como en las fronteras físicas evidentes en la segregación de las zonas residenciales para garantizar la apropiación del capital y su ajuste sociespacial neoliberal (spatial fix). La gentrificación no deja de ser, en última instancia, una expresión de la circulación del capital por la ciudad, que desemboca en un proceso de sustitución progresivo de la población obrera por familias de renta superior, cuya particularidad para el caso de Poblenou ha sido analizada desde la cotidianeidad de las mujeres que habitan el barrio.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Gentrificación; Género; Vida cotidiana; Formas de habitar;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

FRASER, N. (2013) *Fortunes of Feminism: From State-Managed Capitalism to Neoliberal Crisis*. Londres: Verso.

MCDOWELL, L. (1996) "Spatializing Feminism: Geographic perspectives". En DUNCAN, N (ed) *Bodyspace. Destabilizing Geographies of Gender and Sexuality*. London: Routledge.

SAKIZLIOGLU, B. (2018) "Rethinking Gender-gentrifications nexus". En LEES, L. (ed.). *Handbook of gentrification studies*. Leicester: Edward Elgar Publishing.

SMITH, N. (1996) *The New Urban Frontier. Gentrification and the revanchist city*. New York: Routledge. Versión en castellano: [SMITH, NEIL. *La nueva frontera urbana. Ciudad revanchista y gentrificación*. Madrid: Traficantes de sueños, 2012].

WEKERLE, G. R. (1984) "A woman's place is in the city". *Antipode*, 16, p. 11-19.

The Practices of Flâneuses within the context of the COVID-19 pandemic: feminist geography vis-à-vis automation discourse

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1

The paper, drawing upon Leslie Kern's *Feminist City: Claiming Space in a Man-Made World*, examines the interconnections between "feminist geography" – a sub-discipline of human geography that applies the theories, methods, and critiques of feminism to the study of the human environment, society, and geographical space – and the methodologies of history and theory of architecture and urban planning. Among the questions that are addressed in the aforementioned book is: "Could the flâneur be female?". The practice of flânerie has been threatened during the pandemic. Lauren Elkin's *Flâneuse: Women Walk the City* is useful for analysing the relationship of women and men to public space during these challenging times. Elkin argues that "women have been simultaneously hyper-visible and invisible in the streets", underscoring that Charles Baudelaire, Walter Benjamin, and Georg Simmel neglected the role of female flâneurs because of their "inability to notice women acting in ways that didn't fit their preconceived notions". The paper sheds light on how the status of "flâneuse" has changed during the COVID-19 pandemic, exploring how the home-office conditions have challenged the approaches of "feminist geography". It draws upon "feminist geography", and automation discourse, placing particular emphasis on Aaron Benanav's *Automation and the Future of Work*. Benanav addresses the role of women in the fourth and sixth chapters of the book entitled "A Low Demand for Labor" and "Necessity and Freedom" respectively. The paper relates the arguments of these two chapters to the questions raised by feminist geographers, relating the current home-office conditions to Benanav's remark that "social distinctions between waged and unwaged work, which have historically consigned women to the 'hidden abode' of household production, would have to be abandoned", and exploring how the methods of history and theory of architecture and urban planning could contribute to the endeavour to reject such social distinctions.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Flâneuses; COVID-19 Pandemic; feminist geography; automation theories; Leslie Kern; *Feminist City*; Aaron Benanav; *Future of Work*; home-office conditions;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

Benanav, Aaron. (2020). *Automation and the Future of Work*. Verso.
Blakeley, Grace. (2020). *The Corona Crash: How the Pandemic Will Change Capitalism*. Verso.
Kern, Leslie. (2011). *Sex and the Revitalized City: Gender Condominium Development and Urban Citizenship*. University of British Columbia Press.
_____. (2020). *Feminist City: Claiming Space in a Man-Made World*. Verso.
Russell, Legacy. (2020). *Glitch Feminism: A Manifesto*. Verso.

The gender of commute

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1

Commute: (verb)

1. travel some distance between one's home and place of work on a regular basis.
2. reduce (a judicial sentence) to another less severe one.

It is inadequate that the phrase "women in architecture" embeds primarily the names of unknown or long forgotten female architects, or refers to contemporary female architects who are labelled and therefore indefinably distinguished from other professionals in their field. Although the numbers and importance of the roles that women are claiming in architecture, hence the production of space, today are growing, the questions which can be associated with the meaning of the phrase "women in architecture" remain and become more complex. The binary nature of the phrase calls for a deeper insight into the position of women in today's built environment: who are the (female) architects of our world and what role they play can hardly be separated from questions related to the space which women are permitted, by cultural as well as socio-economic circumstances, to participate in or have control over.

The deterioration of territorial rights, which progressed in parallel with perceived emancipation of women, may play a crucial role in our understanding of the female architect's commission and her responsibility to women's everyday experience.

"The title women and fiction might mean, ..., women and what they are like, or it might mean women and the fiction that they write; or it might mean women and the fiction that is written about them, or it might mean that somehow all three are inextricably mixed together and you want me to consider them in that light.

All I could do was to offer you an opinion upon one minor point—a woman must have money and a room of her own if she is to write fiction; and that, as you will see, leaves the great problem of the true nature of woman and the true nature of fiction unsolved."

Virginia Wolf, A Room of One's Own, 1929

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
women in architecture; female perspectives; gender; space;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

Jacobs, J. (1961) *The Death and Life of Great American Cities*, Vintage Books Edition, NY
De Beauvoir, S. (1949) *The Second Sex*, Vintage Books, London
Office for National Statistics (2017) *The commuting gap: women are more likely than men to leave their job over a long commute*, viewed September 2020,
<https://www.ons.gov.uk/employmentandlabourmarket/peopleinwork/earningsandworkinghours/articles/thecommutinggapwomenaremorelikelythanmentoleavetheirjoboveralongcommute/2019-09-04>

Revista LINA, perspectivas feministas em arquitetura e urbanismo

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1

A revista LINA surge da vontade e necessidade de criar um espaço de discussão e reflexão protagonizado por mulheres dentro das esferas arquitetônicas e urbanísticas, que inclua a perspectiva de género e questione a falsa noção de neutralidade do masculino dentro destas profissões e estudos. Partindo desta necessidade de re-escrita crítica, coletiva e inclusiva dedicamos o nº 0 da nossa Revista Lina ao tema “Onde estão as Mulheres?” para lançar o desafio a todas as mulheres e pessoas que tenham interesse em contribuir com a sua proposta de historiografia alternativa.

Pretendemos, apesar da historiografia elitista da profissão, discutir e expor teorias, além de promover um pensamento igualitário e interseccional sobre as seguintes temáticas: urbanismo feminista, apagamento de mulheres da história da profissão, sexismo na profissão e no ensino, feminismos, violência de género, direito à cidade, mobilidade, entre outros tópicos. Nos interessamos tanto pela história e impacto de mulheres na profissão, quanto pelo estudo de mulheres como sujeitas que vivem os espaços.

Temos consciência que os sistemas capitalistas, patriarcais e colonialistas existem dentro e fora da profissão, o que ao longo do tempo tem apagado as histórias de mulheres (e outras minorias), como criadoras e usuárias de espaços, sejam estes privados ou públicos. Não queremos, assim, ocupar espaços dentro de sistemas opressivos, mas sim desconstruir estes sistemas, através de uma análise crítica e diversa de discursos sobre arquitetura e urbanismo, e sobre a produção dos mesmos.

Acreditamos na sororidade e coletividades entre mulheres, de forma a criar uma rede de discussão e debate que visa ampliar os campos de arquitetura e estudos urbanos. Queremos abrir o diálogo e conseguir, num mesmo espaço (desta revista) dar voz a uma multitude de sujeitas, alunas, arquitetas, professoras, numa visão não-hierárquica que quebre com o sistema de valorização “starsystem” que constringe a nossa profissão.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Historiografia feminista; feminismo; mulheres; arquitetura; urbanismo;

A condição das mulheres no espaço público: territórios de conforto e desconforto na urbanidade contemporânea

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1 Ao longo da história, na projeção das cidades tem sido dada uma falsa noção de que as mesmas são projetadas para um sujeito neutro e universal. E, portanto, muito pouca atenção tem sido dada à relação das vivências das mulheres com o espaço público da cidade, sendo objetivo desta investigação compreender esta relação. Assim, através da análise da literatura nacional e internacional, do olhar de coletivos, associações e ateliers de arquitetura e urbanismo feministas, com foco na obra *Urbanismo Feminista* (2019) do coletivo Punt6, da voz de quatro participantes, três arquitetas e uma psicóloga, e de um caso de estudo, o projeto Plaza Baró, analisamos as vivências das mulheres da cidade e os processos participativos sob a perspetiva feminista. Centrando o discurso na vida e nos cuidados, partindo de uma perspetiva feminista e ecofeminista anticapitalista, verificamos que os espaços públicos ainda descumrem a segurança das mulheres e meninas. Verificou-se também que muitos passos têm vindo a ser dados por arquitetas e urbanistas no sentido de um urbanismo feminista, mas muito pouco expressivo em Portugal. Salienta-se, ainda, que o cariz participativo de projetos como aqui analisado no estudo de caso, torna-os morosos, apelando, portanto, a uma maior apoio oficial dos estados para a sua concretização. Conclui-se que há ainda muito por fazer de modo a que as cidades, os espaços públicos sejam base segura a partir da qual as mulheres e meninas possam explorar e vivenciar todas as suas possibilidades. Espera-se que as reflexões possam também servir de ponto de partida para um novo olhar sobre as cidades e a segurança deve continuar a estar no horizonte e no interesse dos futuros e das futuras profissionais da arquitetura.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

espaço público; cidade; feminismo; mulheres; arquitetura; género; urbanismo feminista;

“Todas a casa”. Las contradicciones del experimento

EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4

El confinamiento y la distancia social han sido pilares de las políticas de gestión de la crisis sanitaria. Entendiendo como espacios seguros la casa y la familia. El artículo analiza las vinculaciones entre propiedad privada de la vivienda, modelo de familia patriarcal y las violencias contra niñas y mujeres.

Tras la guerra civil se dan dos grandes cambios de modelo habitacional en el Estado Español: la migración campo-ciudad, y el cambio de tenencia de la vivienda. La “cultura de la propiedad” de la vivienda tiene su origen en las dos primeras décadas de la dictadura, y se basa en “un “microcosmos” donde las fantasías falangistas situaban los valores de la familia como célula básica del Estado”.

Analizando los datos del feminicidio en España, vemos que las mujeres son asesinadas mayoritariamente en sus casas y por sus maridos y ex-maridos. Datos recientes señalan que 1 de cada 4 niñas sufre acoso-violencia sexual en el entorno familiar. A estos datos se suma las noticias relativas al aumento de un 25% en producción y descargas de “pornografía infantil” durante el confinamiento en casas.

Se analiza la gestión de la crisis sanitaria, especialmente en lo relativo a fortalecimiento del modelo sexista que no ha cuidado las vidas de niña y mujeres; de mayores, de personas/comunidades migradas, empleadas de hogar, etc... que, casualmente, sumamos la mayoría de la sociedad. El androcentrismo tiene la virtud de hacer segregar en minorías a la mayoría y de hacer universal las prioridades de una minoría.

Como señaló el Secretario General de la ONU, 4 de mayo:

“Para muchas mujeres y niñas, la amenaza es mayor precisamente allí donde deberían estar más seguras. En sus propios hogares. (...) En algunos países se ha duplicado el número de mujeres que llaman a los servicios de asistencia.(...)”.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
vivienda; ditadura; violencia; feminicidio; propiedad; covid19;

Minha rua, minhas regras: redesenho urbano com perspectiva de gênero no bairro Camobi

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1 Historicamente, os espaços públicos das cidades foram pensados para os homens, as mulheres ocupavam o espaço privado das residências. Entretanto, as dinâmicas da globalização, fizeram com que isso mudasse, mulheres passaram a frequentar os espaços públicos e assim como os homens, foram para o mercado de trabalho, ocupando lugares que antes eram restritos a eles, rompendo também com o modelo patriarcal de família, onde cabia as mulheres as tarefas domésticas, que vem sendo substituído desde o século XIX. Nesse momento as mulheres passaram a experimentar um espaço que era estranho a elas. Os processos de crescimento que as cidades sofreram não acompanharam essas mudanças sociais, ignorando as necessidades femininas dentro da urbe, e como consequência gerando um espaço urbano que não acolhe as mulheres e onde homens se sentem à vontade para invadir o corpo da mulher. Invisibilizar as mulheres na vida pública dificulta a inserção daquelas que desafiam os papéis patriarcais e buscam a equidade de oportunidades nas relações sociais e econômicas possibilitadas pela cidade. Há muitos anos homens e mulheres não tem a mesma experiência urbana e essa questão recém está sendo colocada em pauta durante o planejamento urbano.

Este trabalho pretende investigar e inserir a visão da mulher nas políticas públicas e decisões de planejamento urbano, com estudo de caso no Bairro Camobi, cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul - Brasil. O bairro localizado na zona leste da cidade, abriga a Universidade Federal de Santa Maria com 27.887 (PORTAL UFSM, 2020) alunos, o que torna o mais populoso da cidade, ainda carece de infraestrutura urbana e índices de violência preocupantes. A partir da coleta de dados de mulheres que frequentam a região, foi possível entender as suas necessidades ligadas ao território e, posteriormente, utilizar as informações para desenvolver as diretrizes do projeto de redesenho urbano.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
redesenho; mulher; cidade;

Os subúrbios no cinema: território feminino?

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1 Seria a cidade um lócus de sedução e perdição para as mulheres, uma ameaça à unidade das famílias nucleares? A julgar pela divisão espacial sexuada expressada por alguns filmes e séries televisivas recentes, sim. Nesta apresentação pretendo discutir lugares das mulheres esposas, profissionais etc. na cidade a partir de filmes como *The Revolutionary Road* (Sam Mendes), *Stepford Wives* (Brian Forbes, 1975), *The Hours* e das séries *Mad Men* (Matthew Weiner, 2007-2015). Nestes filmes, mulheres são divididas entre as casadas e mães e aquelas que se dedicam à alguma profissão (geralmente secretária), e tal divisão se espelha também em seus lugares de moradia. O subúrbio aparece como um lugar de promessas: vida familiar, jardins, quintais. Aos homens/maridos, caberia o transporte até a cidade onde trabalham – sempre Nova York – onde também estão suas colegas e trabalho, eventuais amantes e casos fortuitos.

Desde Lewittown, subúrbio construído entre 1947 e 1951 pelo empreendedor William Lewitt, a ideia prosperou, gerando diversas réplicas ao redor das grandes cidades estadunidenses. À medida que os subúrbios se espalhavam, sociólogos começaram a se indagar a respeito dos efeitos de tal estilo de vida, evocando temas como a exaustão masculina pelo deslocamento e o sentido de conformidade e isolamento. O grande ataque veio pelo best-seller escrito por Jane Jacobs. Não se trata de um debate de gênero, mas este está presente em passagens do livro. Por outro lado, encontramos uma dimensão espacial em um debate de gênero em *A mística feminina*, de Betty Friedan. A mulher que tinha tudo com que sempre sonhou – marido, filhos, casa, automóvel e supermercados – também tinha uma depressão inexplicada, denominada por Friedan de problema sem nome. Essa mulher vivia no subúrbio. Os impasses enunciados por Jacobs e Friedan são dramatizados por April, Joanna, Peggy e outras personagens dos filmes e séries aqui analisados.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
subúrbio; cinema; telesséries; feminismo de segunda onda; Estados Unidos;

Arquitetura e Urbanismo como estruturas ideológicas de poder: por uma leitura contra-hegemônica teórico-prática

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1

O Brasil caracteriza-se como um país de capitalismo dependente (Fernandes, 1975), fruto de uma herança de cinco séculos de colonização. Essa relação de dominação e exploração consolida uma desigualdade social estruturante, preservando traços patrimonialistas e heranças escravistas de trabalho. Mesmo neste contexto, o ensino e a prática de Arquitetura e Urbanismo configuram-se como campos epistemológicos neutros, muitas vezes relacionados exclusivamente à técnica e arte (TEIXEIRA, 2013). Esta pesquisa visa combater esta falsa neutralidade, no que diz respeito às questões estruturantes capitalistas constituintes da sociedade brasileira, como gênero, raça e classe.

No Brasil, a casa, partido primário da Arquitetura, ainda é lugar de trabalho precarizado, mesmo com o fim da escravidão legalizada. Como expõe Gago (2020), as donas de casa realizam trabalho doméstico não remunerado, além das desvalorizadas empregadas domésticas, muitas das quais negras. Gago conclui que a casa tem sido uma unidade reprodutiva superexplorada e invisibilizada, um lugar de apropriação de produção de valor pelo capital neoliberal. Em tempos de pandemia, essas questões se evidenciaram: em dois meses, a violência doméstica aumentou 260% no Rio Grande do Norte; e a primeira vítima fatal por COVID-19 no Rio de Janeiro foi uma doméstica que contraiu a doença de sua patroa recém retornada da Itália. Porém, no mercado imobiliário, essas relações ainda são reforçadas, já que, nos empreendimentos de alto padrão, através das “dependências de empregada” e “elevadores de serviço”.

Lefebvre (1994) compreende o espaço como resultado das relações de produção; Cortés (2008) reforça que a produção do espaço não é homogênea nem apolítica. Assim, percebemos que Arquitetura e Urbanismo neutros revelam-se como instrumentos ideológicos racistas, patriarcais, coloniais e neoliberais, perpetuando opressões que assumem formas sutis de se enraizarem no imaginário da sociedade brasileira. Por isso a urgência em fomentar discussões para construir metodologias contra-hegemônicas, anticoloniais e antirracistas.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Arquitetura e Urbanismo; Falsa Neutralidade; Feminismo Interseccional;

Ciudad y maternidad

EIXO 1 - EJO 1 - AXIS 1

En los estudios urbanos la relación ciudad y maternidad ha sido un tema poco abordado. Las dificultades que enfrentan las madres para amamantar en espacios públicos, la falta de lugares acondicionados para carros de bebés en el transporte público o, el nulo civismo que muestran algunos pasajeros para ceder los asientos reservados a mujeres embarazadas, son algunas problemáticas que quedan como una simple anécdota, o bien, son completamente invisibilizadas. Esta ponencia presenta los resultados de una investigación preliminar sobre la experiencia de maternidad en tres ciudades: Porto, Lisboa y Ciudad de México.

Durante el segundo semestre de 2019 y primer trimestre de 2020 recolecté los testimonios de 34 mujeres embarazadas, madres y cuidadoras (abuelas) en grupos virtuales y presenciales. Desde la perspectiva sociológica simmeliana, que estudia el papel del cuerpo y los sentidos en el medio urbano, propongo reflexionar sobre la percepción sensorial de los espacios urbanos y la movilidad de las mujeres embarazadas en las ciudades. En este sentido, fue mi propia experiencia la que me hizo reflexionar sobre los cambios y nuevas dinámicas que establecí con la ciudad en cada etapa de mi embarazo. La presentación estará dividida en tres secciones: 1) Experiencias de maternidad en tres ciudades, 2) Auto-Etnografía urbana de un embarazo, 3) Reflexiones y propuestas.

Los resultados de investigación evidencian la complejidad social y los rezagos en infraestructura de una megalópolis como la Ciudad de México. Las distintas realidades urbanas, sus desigualdades y problemáticas sociales marcan la experiencia de la maternidad. Aunque aparentemente las ciudades portuguesas tienen una mejor accesibilidad en el transporte existen problemáticas urbanas que se repiten. Es tarea de todos promover políticas urbanas con una infraestructura accesible e inclusiva que faciliten la experiencia de madres e hijos/as en la ciudad..

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
 Ciudad; Maternidad; Feminismo; Urbanismo;

EIXO 2 – EJO 2 – AXIS 2 JUSTIÇA CLIMÁTICA – JUSTICIA CLIMÁTICA – CLIMATE JUSTICE

PT No actual contexto de crise ambiental e social profunda, a que a pandemia trouxe uma urgência crescente, é fundamental pensar a partir das praxis eco-feministas e da necessidade de efectivar a justiça espacial. A concretização territorial, a igualdade e o papel das mulheres e das raparigas na defesa dos territórios e do planeta são basilares na ampliação de estratégias e compromissos.

ES En el contexto actual de profunda crisis ambiental y social, que la pandemia ha traído una urgencia creciente, es fundamental pensar desde la praxis ecofeminista y de la necesidad de hacer justicia espacial. La realización territorial, la igualdad y el papel de las mujeres y niñas en la defensa de los territorios y del planeta son fundamentales para la ampliación de estrategias y compromisos.

EN Within the present context of extensive social and environmental crisis, which became even more urgent with the current pandemic, it is fundamental to think through eco-feminist praxis and the necessity to attain spatial justice. The territorial evidence, equality and the role of women and girls in the defence of regions and the planet are indispensable to increase environmental strategies and compromises.

Against more disappearances. Against extraction, violence and marginalisation

EIXO 2 - EJO 2 - AXIS 2

The systematic murder of environmental and social leaders in Colombia in the last ten years has increased dramatically. Just in the first sixteen days of 2020, twenty were killed in the rural areas of the country, more than one per day. As a call for action and as an act of protest, this paper aims to expose a wearisome situation where violence, displacement, marginalisation and extraction practices are inextricably linked. Just before her murder in 2019, leader of the indigenous Nasa community Cristina Bautista voiced: 'If we keep silent, we get killed, and if we speak too. So we speak.' For Bautista 'we' not only stands for environmental activists but also for community leaders whose race, ethnicity, class and sexuality have been mobilized in definition and identification of Others and, thus, as targets of historical and physical disappearance. To prevent this from becoming one more erasure of environmental bodies and voices, and in Colombian and the world's modern history, this paper turns to this group of protagonists argue that this forced disappearance and erasure derives and is product of neocolonial practices inherited from colonization; and further legitimised by the advent of republican systems of governance, modernisation and development, as Silvia Cusicanqui and others have argued. While architecture as a discipline has largely been thought of as built object, I argue for the importance of thinking of it through the body as racialised, classed and gendered, and by drawing on this framing to think specifically about architecture and its relationship to land, bodies and violence.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

extraction; marginalisation; violence; neocolonialism; environmental activism;

Breaking Dualism. Ecofeminist strategies for a post-anthropocentric society

EIXO 2 - EJO 2 - AXIS 2

“Breaking Dualism” is about the exploration of the relationship between ecofeminist theories on non-patriarchal and nonlinear structures and the importance of social-political aspects in architecture and urban space. Moving on the latest works of Anna Tsing (“*Feral Atlas*”, 2020; “*Arts of Living on a Damaged Planet*”, 2017; “*The Mushroom at the End of the World*”, 2015) and Donna Haraway (“*Staying with the trouble*”, 2016), the paper aims to bring a reflection on socio-spatial relations between bodies and their surrounding environment, considering the infinite intertwining of planned/unplanned, human/nonhuman configurations and their reciprocal influence in our lives. Through a range of different case studies located in the area of Belo Horizonte, Brazil, where urban, rural, social and environmental topics come together, different questions about past and present social-urban challenges of the anthropocene are explored, such as: environmental racism and sexism, role of women and nature, structural urban deficits, precarious inhabitation conditions, mining and industrial processes, influence of toxic environments. Additionally to the texts of Tsing and Haraway, the paper also offers a reflection on ecofeminist theories by Vandana Shiva (“*Ecofeminism*”, 1993; “*Soil Not Oil*”, 2008; “*Staying Alive*”, 2010), in a constant dialogue between feminist, urban and environmental models, reinventing hybrid configurations and social relations beyond dualism and Western patriarchal paradigms.

This paper can be understood as part of a broader work-in-progress research project on assemblage thinking in the (post-)anthropocene in a link between living beings, societies and constructed environments. The research on its fundamentals started as my master thesis at the Academy of Fine Arts in Vienna and is currently being further developed in order to become the starting point for a PhD research in 2021. Being half-European and half-Brazilian ecofeminist architect actively determines my position in the discussion also in relation to the case studies, allowing me to have a critical and a broader point of view on multiple aspects of the societies we live in.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

ecofeminism; post-anthropocentrism; architecture; environment; equality;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

- Bhabha, Homi K. *The Location of Culture*. London and New York: Routledge, 1994.
 Haraway, Donna J. *Staying with the Trouble. Making Kin in the Chthulucene*. Durham and London: Duke University Press, 2016.
 Shiva, Vandana and Maria Mies. *Ecofeminism*. London & New York: Zed Books, 2nd Edition, 2014.
 Shiva, Vandana. *Soil Not Oil: Environmental Justice in an Age of Climate Crisis*. Boston: South End Press, 2008.
 Shiva, Vandana. *Staying Alive: Women, Ecology, and Development*. Berkeley, California: North Atlantic Books, 2010.
 Tsing, Anna Lowenhaupt. *Arts of Living on a Damaged Planet: Ghosts and Monsters of the Anthropocene*. Minneapolis and London: University of Minnesota Press, 2017.
 Tsing, Anna Lowenhaupt. *The Mushroom at the End of the World. On the Possibility of Life in Capitalist Ruins*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2015.

Questões de género na predisposição das crianças para a utilização da bicicleta na cidade

EIXO 2 - EJO 2 - AXIS 2 Em 1895, no livro "A wheel within a wheel", Willard refere a bicicleta como ferramenta de emancipação da mulher. Sentia-se livre para mover-se na infância, entretanto as regras sociais restringiram esta liberdade na adolescência. Estas questões de gênero continuam presentes no debate contemporâneo. (2018, Harkot).

A percepção que menos raparigas usam a bicicleta em contexto de mobilidade está evidenciado na literatura (2010, Hanson), e em Portugal, dos que se deslocam regularmente em bicicleta apenas 27% são mulheres (2019, INE).

Para fomentar o uso da bicicleta é essencial compreender as razões que influenciam esta disparidade. A maioria dos estudos sobre mobilidade e género procura responder como o género influencia a mobilidade através de abordagens quantitativas que ignoram dimensões contextuais e subjetividades como relações de poder, corporalidade, identidade ou segurança. É importante articular abordagens qualitativas que percebam estas interações colocando o contexto no centro do debate. (2010, Hanson).

É fundamental perceber o papel da educação sobre a autonomia das raparigas na utilização da bicicleta, nomeadamente maior protecionismo, restrição de liberdade e outras condicionantes que impactam na predisposição para a sua utilização.

Analisaremos como a construção de estereótipos de género desde a infância pode determinar constrangimentos na adolescência com relação à imagem corporal, vergonha, influência dos pares, que interferem na opção pela bicicleta. Conhecendo estas diferenças e avaliando aspectos determinantes na decisão pela sua utilização, buscamos pistas para produzir cidades mais inclusivas, gentis e direcionadas à mobilidade sustentável.

Para isso serão aplicados inquéritos em duas escolas, uma do primeiro ciclo e uma do segundo e terceiro ciclos, no âmbito do projeto Rota Segura para a Escola em Aveiro. Posteriormente serão realizados grupos focais com raparigas adolescentes, com objetivo de obter informação sobre os factores identificados, observando as diferenças de percepção quanto à utilização da bicicleta e avaliar quais aspectos determinam a decisão por esta opção.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

igualdade de género; mobilidade em bicicleta; educação; percursos escolares;

COVID-19 em áreas de risco do município de Campinas/SP: protagonismo feminino no combate aos efeitos da pandemia

EIXO 2 - EJO 2 - AXIS 2

Durante as últimas décadas, inúmeros desastres foram registrados no Brasil e no mundo, os quais vêm aumentando em frequência e magnitude (Seneviratne et al., 2012) e acarretam diversos danos sociais, econômicos e ambientais. Tal cenário está relacionado ao processo de urbanização desigual e à intensificação das mudanças climáticas globais. Ressalta-se a maior vulnerabilidade feminina frente estes eventos, o que se dá em função de fatores culturais e socioeconômicos (UN Office for Disaster Risk Reduction, 2012). Apesar disto, as mulheres possuem grande potencial para promoção de ações de mitigação e gestão de desastres e a participação feminina em processos decisórios locais aparece como característica central na busca por comunidades resilientes (UN & International Strategy For Disaster Reduction, 2008.)

Em 2020, um desafio global se impôs: a pandemia do novo coronavírus, entendida como um desastre à medida que representou a interrupção da vida diária devido à exposição a um evento ameaçador, em condições de vulnerabilidade da população e do território (Lavell & Lavell, 2020). Este artigo objetiva analisar experiências insurgentes, protagonizados por mulheres que habitam áreas de risco no município de Campinas/SP, no enfrentamento aos efeitos causados pelo COVID-19. O método empregado se divide em três momentos: 1) levantamento documental para composição de um quadro que retrate os riscos de desastres e seus efeitos em áreas urbanas do Brasil; 2) levantamento teórico-conceitual que esclareça a relação entre mulheres e risco; e 3) coleta de depoimentos de mulheres que protagonizaram ações de resposta aos efeitos da pandemia em comunidades vulneráveis de Campinas/SP. Como resultado, esperamos demonstrar que a escuta de mulheres, frequentemente engajadas em lutas por melhorias em suas comunidades, pode tornar políticas e planos de mitigação e gestão de risco de desastres mais eficazes e, com isso, gerar melhorias territoriais, bem como minimizar as vulnerabilidades ambientais vivenciadas pela população como um todo.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

risco de desastres; gênero; participação social; planejamento insurgente;

Struggles at the peripheries of extractive hegemonies (knowledge activism in architecture)

EIXO 2 - EJO 2 - AXIS 2 In extractive territories, companies determine local territories, from the scale of shared environments and urban transformations to cultural events. With my observations from two mining communities I aim to foreground feminist actors who apply spatial practices of care, support, maintenance and reproduction, are excluded from direct salaries of extraction, and, yet, they are highly relevant for the function of the communities. Two goals frame these observations: (1) drawing attention to feminist actors' reparative and counter-extractive practices as forms of architectural interventions within already documented architectures of mining, and (2) providing a deeper knowledge and material positionality of extraction as requirement for architectural production based on iron ore.

The first town of my fieldwork is Malmberget (literally meaning 'ore mountain') in the North of Sweden which is going to disappear due to the expansion of mining. The second town is Erzberg (also meaning 'ore mountain') in the Austrian Alps, likewise in a crisis of identification, over-aging and shrinking, because mining needs less and less human workforce. Since both communities are in search of new narratives for post-extractive futures, I want to ask, can architectural research 'observe' differently, foregrounding alternative actors, their feminist ecologies and their productive spaces? Learning from actors who embroider architectures soon to be lost, curate farewell events for architectures, or preserve colors of facades in paintings, as well as from my experience of participating in their processes and after numerous conversations, I argue that this field is diverse, full of pleasure and creativity, critical agencies of feminist spatial practices – in response to male-dominated extractive practices. For future scenarios, I suggest to activate this situated knowledge with alternative methods of knowledge production and dissemination. With all of this I aim to contribute to feminist visions for post-extractive environments.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

knowledge activism; extraction; feminist spatial practices; feminist local agency; situated knowledge

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

- Gómez-Barris, M. (2017). *The extractive zone: Social ecologies and decolonial perspectives*. Duke University Press.
 Haraway, D. (2016) *Staying with the trouble: Making kin in the Chthulucene*. Duke University Press.
 Harcourt, Wendy & Ingrid L. Nelson (2015). *Practising feminist political ecologies: Moving beyond the 'green economy'*. Zed Books Ltd.
 Frichot, H. (2019). *Creative ecologies: Theorizing the practice of architecture*. Bloomsbury.
 Schalk, M., T. Kristiansson & R. Mazé (2017). *Feminist futures of spatial practices: Materialisms, activisms, dialogues, pedagogies, Projections*. AADR Spurbuchverlag.

Renée Gailhoustet: marxismo arquitectónico en la Francia de los años 60-70 desde una perspectiva feminista, o ¿por qué no? incluso eco-feminista

EIXO 2 - EJO 2 - AXIS 2

Esta comunicación analiza la obra de la arquitecta marxista Renée Gailhoustet durante las décadas de los 60-70, en ciertas periferias comunistas del París.

El objetivo será confirmar la hipótesis del materialismo histórico respecto a que los procesos sociales pueden explicarse a través de una dialéctica cuyo estímulo es la interacción del ser humano y el mundo material. Bajo dicha premisa, y siguiendo metodológicamente la secuencia cuerpo-casa-barrio-ciudad, se estudiarán sus complejos de vivienda colectiva en los que combinando funciones fomentó los “lazos débiles” necesarios para la consolidación de una comunidad.

Su discurso teórico, elaborado en su ensayo “Des racines pour la ville” (1928) y en el artículo titulado “Abécédaire” - una especie de “doxa” o vademécum- ayudará a descubrir los criterios que fundamentaban sus decisiones de proyecto. Un imaginario, que recorría desde el ámbito doméstico hasta lo urbano, remitiéndose a un patrimonio heredado que contemplaba con una mirada contemporánea y crítica.

La relectura de imágenes de la ciudad, de arquitecturas remotas y coetáneas, o de mecanismos arquitectónicos que suscitaron su interés se sucederán como referentes en el análisis de sus proyectos.

Las conclusiones abordarán aspectos urbanos como la densidad, la movilidad o la combinación de funciones frente a sectorización. Todas se complementarán con otros referidos a la arquitectura doméstica colectiva tales como el rechazo a la repetición de la vivienda tipo a favor de la apropiación individual del espacio, o a la integración de la naturaleza en las terrazas ajardinadas que facilitan cierta biodiversidad en la ciudad. Todos ellos se conectarán con el debate feminista o ecofeminista, acelerado por las circunstancias del Covid-19, respecto a la atracción de la vida de vecindario, a la ciudad de los quince minutos, o la idea de poder vivir, trabajar, comprar, educarse, entretenerse y cuidar a poca distancia entre sí.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
Renée Gailhoustet; architecture; city; combination;

Eliane Brum e seu engajamento socioambiental: “a floresta é o centro do mundo”

EIXO 2 - EJO 2 - AXIS 2

“A vida é banzeiro”. É assim que Eliane Brum define a luta por sobrevivência de ribeirinhos e de vários indígenas após a construção da usina de Belo Monte (Pará). Repórter, documentarista, escritora, e, principalmente, escutadeira como se autodefine, a escrita plural de Brum é sua marca registrada, cujas obras e estilos próprios garantem uma leitura precisa em cada assunto que procura abordar. Nesse sentido, podemos dizer que Brum é uma escritora que anuncia em seus escritos os reflexos das relações do homem em sociedade, em um movimento possível em que participa diretamente de momentos históricos, e antevê substancialmente que, somente por meio de variadas lutas, pode-se ganhar voz e dar voz a quem sofre opressão.

Discutiremos, nesta comunicação, como que Eliane Brum atua na imprensa nacional e internacional transmitindo sua voz e dando voz aos povos da floresta por meio de diversos veículos, desenvolvendo, assim, um papel que gera conhecimentos, procurando modificar pensamentos, sempre com ideal de que é preciso deslocar o conceito de centro e de periferia. Portanto, para ela, observar o Brasil e o mundo desde a Amazônia, convivendo com os povos da floresta é sua forma de lutar pelo meio ambiente.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
 Pritzker; premiações; mulheres;

EIXO 3 – EJO 3 – AXIS 3 PRÁTICAS PROFISSIONAIS – PRÁCTICAS PROFESIONALES – PROFESSIONAL PRACTICES

PT A disparidade entre o número de estudantes de arquitectura e o número de arquitectas com práticas profissionais mantém-se, apesar de se ter atenuado ligeiramente nas últimas décadas. Mantêm-se fundamentais a visibilização e a investigação sobre as mulheres arquitectas e as práticas arquitectónicas enquadradas em processos feministas e emancipatórios, assim como de projectos de espaço urbano feministas.

ES La disparidad entre el número de estudiantes de arquitectura y el número de arquitectas con prácticas profesionales persiste, a pesar de haber disminuido ligeramente en las últimas décadas. siguen siendo fundamentales la visibilidad y la investigación sobre las mujeres arquitectas y las prácticas arquitectónicas dentro de los procesos feministas y emancipatorios, así como los proyectos de espacios urbanos feministas.

EN The lasting disparity between the number of students and the number of practising women architects remains, despite a slight improvement during the last decades. It is still fundamental to analyse and to bring visibility to the work of women architects, and to architectural practices within a framework of emancipatory feminist processes, as well as to feminist urban planning.

O corpo feminino situado em conexão com o estético e o político

EIXO 3 - EJO 3 - AXIS 3 Uma visão contemporânea da arquitetura tem no lugar um tema de interesse privilegiado nas interpretações que se distanciam do espaço geométrico e indiferenciado, pretensamente neutro, e alcança uma conotação situada e fenomenológica, aberta a múltiplas percepções e à experimentação empírica. Desse modo, o meio urbano se transforma não só em suporte de memórias, mas também objeto de leitura e apropriação, de escritura de novos usos e de novas formas de interação, capazes de reposicionar o corpo e o pensamento de quem o habita (LA CECLA, 2015). Interessa aqui permitir a elaboração de um material de investigação acerca dos limites da disciplina da arquitetura, uma indagação de natureza epistemológica, apostando nas esferas de cooperação social e, assim, buscar por novas formas de constituição da cidade mediante a produção de novos sentidos e de existências para além de referências puramente utilitárias e funcionais (LEFEBVRE, 2000). Estabelecer um recorte na análise do feminino, diante do corpo social e urbano, permite aproximar investigação teórica e experiência sensível, discutir sobre feminismos e a espacialização de resistências, colocando o corpo como potência de expressão e crítica que, por meio da mobilização do imaginário, pode não só romper com automatismos, assumindo seus lugares de fala (RIBEIRO, 2017), mas também reafirmar o seu papel nos movimentos pela reprodução da vida, pela reafirmação do controle da vida cotidiana e das decisões coletivas (FEDERICI, 2017). Nessa perspectiva, as reflexões teóricas se entrelaçam a experimentações estéticas, tomando a obra *Body Configurations*, da artista Valie Export, como referência poética para alimentar a discussão sobre outra prática de projeto ancorada não mais em autorreferências, mas em experiências sensíveis que invocam tensões entre corpo e território, oferecendo pistas de leitura capazes de reconhecer o corpo como elemento apto a contribuir para a reinvenção de lugares e de novas formas de existência (PALLAMIN, 2015).

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
arte e cidade; memória e experiência; corpo feminino;

Pandemia: reflexos e reflexões no campo da arquitetura

EIXO 3 - EJO 3 - AXIS 3

A pandemia covid-19 teve um impacto imenso na vida das pessoas, em especial das mulheres, pois cabe a elas, ainda hoje, as funções relativas à “reprodução social” – conceito que inclui essencialmente as tarefas domésticas e cuidados familiares não remunerados. Muitas mulheres e mães, até mesmo aquelas pertencentes às camadas privilegiadas da sociedade, a partir do isolamento social imposto, que implicou no fechamento das escolas, e na impossibilidade de convívio com funcionários domésticos, se viram confinadas em suas próprias casas acumulando as tarefas domésticas e profissionais. A casa, representação da arquitetura, como abrigo, lugar seguro para o corpo, no entanto, revela-se uma armadilha, como aquilo que Betty Friedan, na sua obra “A Mística Feminina” (1963) chamou de “problema sem nome”. Este artigo se propõe a buscar na conexão entre arquitetura, arte e a mulher, um aporte para as reflexões sobre a domesticidade, tema que ganha nova centralidade impulsionado compulsoriamente pela pandemia. A arte se apresenta como meio de representação da simbiose da arquitetura ao corpo da mulher explorado através das identidades femininas: mulher, mãe e profissional, abordados sob os temas do seu útero, corpo, feminilidade, sexualidade nas suas funções produtivas e reprodutivas. Conforme a casa é tida como um lugar essencialmente feminino, lugar da domesticidade composta por mobiliários e eletrodomésticos, estas produções indicam o debate em torno da objetificação, ausência de liberdade, adiamento de suas vidas profissionais que impactaram as mulheres com sentimentos de insatisfação configuram-se como uma oportunidade de reflexão. Apresentaremos obras, de mulheres artistas, brasileiras e estrangeiras, nos quais as artistas são duplamente protagonistas: como autoras e performers. Estas serão utilizadas como aporte para a análise das atuações de duas arquitetas tidas como modelos femininos: Zaha Hadid e Lina Bo Bardi, evidenciando as questões relacionadas a domesticidade, feminilidade, e de produção e reprodução social nas suas trajetórias.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Pandemia; Reprodução Social; Arquitetura; Arte; Domesticidade;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

FRIEDAN, Betty. A Mística Feminina. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

GÁTI, Andréa. Lina e Zaha: exceções que confirmam a regra. Anais do 6º. Seminário Ibero-americano de Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte: UFMG, 2019.

JAFFE, Sarah. DISSENT: Social Reproduction and the Pandemic, with Tithi Bhattacharya. April 2, 2020. Disponível em: https://www.dissentmagazine.org/online_articles/social-reproductionand-the-pandemic-with. Acesso em 1 out. 2020.

MORINEAU, Camille; PESAPANE, Lucia. Women House. Paris e Washington: Manuella Editions, 2017.

NASCIMENTO, Flávia do; MELLO, Joana; LIRA, José; RUBINO, Silvana (orgs.). Domesticidade, gênero e cultura material. São Paulo: Edusp, 2016.

Equality between woman and men and their spatial dimensions with diversses scales

EIXO 3 - EJO 3 - AXIS 3 The period of the health crisis has shown how living and working are spatial and socially for women and men. While in the core cities the focus is on the conversion of retail, hotel and office buildings, there is a political consensus that the existing residential quarters of the 1950s and 1960s, as well as the monostructured large housing estates of the 1970s, must be restructured and densified as an option in order to meet the urgent housing demand.

- As a consequence there is a need to intervene in semi-public and privately used open and green spaces. Open space for public use will become more important if housing has to be shared as workplaces in home offices, as soon as companies and businesses reduce their need for office space to an economic minimum.

In this respect, open spaces close to neighbourhoods urgently need to be secured, but also improved as spaces for retreat, movement, recreation, informal meeting places that are not occupied by commercial use. In 2016 within the framework of an integrated action plan for the large settlement Cologne-Chorweiler three squares were redeveloped as key spaces of the housing estate with the participation of broad urban community and different groups of actors. The utilisation requirements were identified (e.g. by discursive site visits, participatory workshops, walk-in model); design by landscape architect was developed and implemented by 2020. The aim was to eliminate the previous conflicts of use in the open spaces in such a way that good orientation and safe use suitable for everyday life is also ensured for women and girls. In addition, women no longer want to live only in residential facilities, but want to use the urban and diverse structures of the city and safe mobility. Therefore, interventions are needed to complement monostructured settlements.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

open space fairly shared; interventions in mono-structured settlements; under-used areas versus public open space;

O Visível Invisível - processo urbano pela visão de gênero

3 - EIXO 3 - EJO 3 - AXIS 3 A estrutura social do Brasil é patriarcal e machista quase que como consequência do capitalismo. A cidade serve ao capital, atuando como um mecanismo mantenedor do status quo. Seguindo a lógica capitalista de se produzir cidades, são descartados os recortes de gênero, raça e classe, tão importantes para um desenho urbano plural e realmente inclusivo. Podemos dizer, assim, que cidades foram feitas por e para homens, impactando de forma direta e indireta a manutenção de uma relação de poder que necessita da violência contra a mulher para ser mantida.

Este trabalho se propõe a instigar pensamentos acerca do planejamento urbano e como seu desenho afeta a relação mulher-cidade, agindo como uma das engrenagens mantenedoras das relações de poder, bem como propor a ideia de que uma cidade planejada por e para mulheres é verdadeiramente inclusiva e que promove plenamente o direito à cidade. São levantados, portanto, questionamentos sobre o papel da mulher na cidade e a relação que ela exerce com o espaço público. O processo urbano, do desenho ao desenvolvimento, é impactado pela estrutura patriarcal, da mesma forma que essa estrutura sofre influência do desenho urbano.

A fim de responder tais questionamentos, e com o suporte de uma pesquisa online realizada pela autora com 795 respostas de homens e mulheres de todo o Brasil sobre violência contra a mulher no espaço público e suas consequências, foi elaborado um ensaio projetual que apresenta uma área de estudo e sua leitura urbana. Demarcando um trajeto e propondo intervenções artísticas e projetuais em diferentes escalas, com o objetivo de chocar e instigar pensamentos e consciência a quem transite pelos locais, e com enfoque na violência no espaço público e na mobilidade urbana.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Feminismo; Urbanismo; Gênero; Cidade; Violência; Ensaio Projetual;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

- CALIÓ, S. (1991). *Relações de Gênero na Cidade: uma contribuição do pensamento feminista à Geografia Urbana*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo. São Paulo
- DAVIS, A. (2016). *Mulher, raça e classe*. São Paulo: Boitempo
- FEDERICI, S. (2017). *Calibã e a Bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editor Elefante
- JACOBS, J. (1961). *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes
- LEFEBVRE, H. (2011). *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro

Female Symbols and Urban Space. Creating alternative female spaces and practices by art

EIXO 3 - EJO 3 - AXIS 3 How are women (re)present(ed) in the city? How do they experience urban life, in real and virtual? Which places do they claim, or are left for them? How does the shifting border between public and private spheres caused by Covid-19, affects women's lives? How do they shape their identity in all its diversity and intersectionality?

Amazone, the resource center for crossroads gender equality, organized a design competition in order to renew the debate on gender and public space, and discuss the added value of taking the (gender) differences in the design of public spaces into account. Thirteen projects were selected for the exhibition Female Symbols and Urban Space (Brussels, 17/9/'20-31/01/'21), ranging from artisanal flags, city maps, sculptures, performances, a clothing collection, drawings, paintings and digital media work. Each work reveals dreams of women, visualizes female spaces in the city or constructs another meaning of existing places and objects. Many projects are activist because they struggle against patriarchy and empower women.

One category of projects focuses on how women deal with experiencing the city, mainly its dark and dangerous sides, and how they internalize sexism and oppression. The other category of works concentrates on tactics of resistance by means of claiming space, as well as strategies of the spatialization of women's rights. Interestingly, the quarantine also fueled new models of theatre. For example, the ODC Ensemble designed a theatre of seclusion, namely a live-streamed ZOOM-performance executed in the many different homes of the artists. Public space and domestic space merge into one (virtual sphere). The "cinematic concert" exposes an ambivalence: are the artists trapped, safe or emancipated?

This paper discusses the narratives evoked by the projects. It shows how they make people feel and experience the world of women, and this feeling may spur empathy, reflection, engagement and even action.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

female symbols; urban space; visual and performing arts; virtual space; internalized sexism; theatre of seclusion;

Building and re-building a proud (Queer) space

EIXO 3 - EJO 3 - AXIS 3

There have been two buildings designed specifically for the LGBT+ community in Manchester, just thirty years apart and on the same constrained city-centre site. All other similar community centres re-appropriate existing buildings or make use of generic community spaces. This paper will reflect on a seven-year collaborative design and build process constructing the new LGBT+ Centre, one fit for 21st Century activism, as it replaces the previous gay centre, built in 1988.

In this two part paper we will contrast and reflect on the original 1988 building in comparison to the new 2021 design and their very different economic and social contexts. There is symmetry in both project's stories from funding, design and construction, however, it is striking how different the brief and representation was for each iteration. From an 80s bunker-type local authority building afraid to let anyone know who was inside for fear of petrol bombs, to a building rising proudly to the sky shining gold to welcome people in, whilst still providing protection to those more vulnerable inside. This project, while accepting fully that "architecture is constituted through occupation" (Rendell et al, 2000), demands physical space; not only the use of it. We will discuss the audacity with which campaigners in Manchester demanded physical space first in the 1980s, and then again in the 2010s. We will reflect on how the occupants of the building affected the architectural process, the act of design and the designers themselves, and effected the 'product' of the building.

The project has been a collective act with no one person owning the process or product. A researcher/practitioner, a young person who uses the centre, and employee of the charity who manages the centre, will present this paper together. This is in active resistance to the (sometimes) exclusionary academic format of conference presentations.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
LGBT+ Community Centre; Collaborative Design; Queer Space;

Feminist impact on temporary urbanism in Paris – on toilets, quarantine and low-budgeted programs

EIXO 3 - EJO 3 - AXIS 3 It exists a (fairly) new strategy in Parisian urban policy. Since “Paris Plage” (City of Paris since 2006) and “Les Grands Voisins” (Plateau Urbain 2015-2020), the temporary and glittered urbanism seems to be in charge of the idealistic dream of a young and renewed city, renewable, tireless, attractive and...sexy (Pradel 2008; Gagnaire et Haddak-Bayce 2018); practice which involves numbers of young architects and urbanists, such as Plateau Urbain, Yes we Camp, Bellastock, etc., (Rollot et Atelier Georges 2018).

– What is it beyond the technical, bureaucratic process of an “urbanisme transitoire” (transitional urbanism)? How does the “machine” work? Is it “gender sensitive” or not (Custodi 2017)?

Taking into account the experimental approaches of some French cities (Genre et Ville 2019; Luxembourg, Faure et Hernandez-Gonzalez (eds.) 2017) and some international considerations about architecture and urban feminism (Brown 2016; Frichot, Gabrielsson et Runtig 2017) I wonder if there is a place for a gendered practice which could include a feminist approach in those kind of urban interventions.

To do this, I would like to compare two case studies: the “7 place” project (City of Paris 2016-) and the “Bruneseau Project”, an ongoing project in the 13th arrondissement of Paris. About the first case study, as intern in 2018 at the City of Paris I deeply analyzed the gendered approach on the “7 places” project beyond a feminist gaze. For the second case study, as employee of the “Genre et Ville” design office in 2019 and 2020 I was asked to take part on the steering committee during 2020, in which the first part of the project was meant to be delivered.

I will explore the problems of a feminist implication in these cases, from an operational and theoretical point of view, and the differences on gender understanding between the public (first case) and the private (second case). For the second case, I will propose to include the post-quarantine point of view on gender issues in urban Parisian spaces.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
urban feminism; gendered gaze; temporary urbanism;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

BROWN Lori A, 2016, *Feminist practice: interdisciplinary approaches to women in architecture* / edited by Lori A. Brown., London, Routledge.

CUSTODI Giulia, 2017, « L'approche “gender mainstreaming” dans l'exemple des espaces publics viennois » dans *La ville: quel genre?*, s.l.

FRICHOT Helene, GABRIELSSON Catharina et RUNTING Helen, 2017, *Architecture and Feminisms: Ecologies, Economies, Technologies*, New York, Routledge, 310 p.

GENRE ET VILLE, 2019, *Garantir l'égalité dans l'aménagement de l'espace public - méthodes et outils*, Anru et Villiers-Le-Bel., s.l., 119 p.

LUXEMBOURG Corinne, FAURE Emmanuelle et HERNANDEZ-GONZALEZ Edna (eds.), 2017, *La ville : quel genre ? - l'espace public à l'épreuve du genre*, s.l., le temps de cerises, 300 p.

PRADEL Benjamin, 2008, « Festive events and temporary urbanism : the use of scenography in public spaces / Mettre en scène et mettre en intrigue : un urbanisme festif des espaces publics », *Géocarrefour*, 2008, n°82/3.

ROLLLOT Mathias et ATELIER GEORGES, 2018, *L'hypothèse collaborative : conversation avec les collectifs d'architectes français*, s.l., Hyperville, 300 p.

Praça Luiza Távora em Fortaleza: uma perspectiva feminista no urbanismo brasileiro

EIXO 3 - EJO 3 - AXIS 3

A Praça Luiza Távora, referência de espaço público de qualidade na cidade de Fortaleza, é uma das raras praças com nome de mulher e simultaneamente projetada por mulheres: as arquitetas Nelia Romero e Melânia Cartaxo, sendo um marco significativo na trajetória de mulheres arquitetas produzindo espaços públicos na cidade. Mulheres ainda estão marcadas pela noção de alteridade tanto social quanto historiográfica, o que significa que ainda permanecem à margem. Este trabalho tem como objetivo compreender, à luz da concepção feminista, a importância da praça Luiza Távora e investigar por meio da aplicação da metodologia desenvolvida por um coletivo especialista em Urbanismo Feminista – o Col.lectiuPunt6- a incorporação da perspectiva de gênero à Praça Luiza Távora. A partir dessa análise, refletiremos sobre as possíveis contribuições desse método no planejamento urbano e, conseqüentemente, sua contribuição para viabilizar o direito das mulheres à cidade, como também para projetar espaços urbanos mais democráticos.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
Praça; Urbanismo Feminista; Perspectiva Feminista;

Three women at the top: how do women architects in power positions see themselves?

EIXO 3 - EJO 3 - AXIS

In Estonia, due to the Soviet Union official policies favouring women's emancipation, there were almost equal numbers of male and female architects already from the mid-20th century. In practice, however, the glass ceiling was still there: women often assumed collaboratory roles in larger design teams in the state design offices and were mostly assigned less important design tasks, rarely receiving commissions for prominent public buildings. Accordingly, their contribution was less acknowledged and awarded, and the canon still remains predominantly male. However, there are exceptions. The proposed paper will examine three women architects in the position of power: Irina Raud, chief architect and vice mayor of Tallinn in 1989 - 1991; and two presidents of the Estonian Union of Architecture, Margit Mutso (2004-2005) and Katrin Koov (2016-2020). I'm interested in the strategies of their self-assertion in the predominantly male professional field and in their very different self-reflection concerning career advancement as a woman. I would also like to investigate if they did bring along any significant changes in the conception of architects' role and agency, and how did they formulate their primary goals in those positions of power? Comparing the three also highlights social and political differences – whereas Irina Raud was appointed when there was still Soviet rule, and her activities made an important contribution to the changes in architecture culture during transitioning to an independent republic, Margit Mutso's and Katrin Koov's career has advanced already in the democratic republic, contributing to architecture's increasing position in the public sphere.

The paper is greatly based on interviews thus also highlighting the importance of oral history in challenging the architectural canon and the conventional views of architecture production. By stressing the importance of oral accounts, it proposes one possible strategy for diversifying the canon and arriving at more equity in architectural history writing.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Eastern Europe; Soviet architecture; oral histories; female leaders;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

Abrams, Lynn. (2010). *Oral History Theory*. Milton Park & New York: Routledge.

Gosseye, Janina, van der Plaat, Deborah, Stead, Naomi (eds.) (2019). *Speaking of Buildings: Oral History in Architectural Research*. New York: Princeton Architectural Press.

Pepchinski, Mary, Simon, Mariann (eds.) (2017). *Ideological Equals: Women architects in Socialist Europe, 1945-1990*. London: Routledge.

Mapeamentos colaborativos para um ativismo feminino

EIXO 3 - EJO 3 - AXIS Esta comunicação foca o processo de mapeamentos colaborativos enquanto prática de ativismo feminino e como ferramenta de expressão na construção de uma cidade inclusiva. O plano digital permite a criação e manutenção de uma rede de ativismo, onde é possível anotar e escrever sobre práticas espaciais, vivências de lugares do dia-a-dia, onde é possível disponibilizar vídeos produzidos sobre múltiplos aspetos da vida em comum e tornar visível condicionalismos diversos através de imagens georreferenciadas, entre outros. Neste contexto, as práticas de mapeamento comunitário colaborativo exploram o poder narrativo pela inclusão de distintas opiniões no exercício da comunhão socio-espacial, configurando novas territorialidades que importa tornar explícitas para melhor se compreender a urbanização que hoje acontece.

O artigo recentra a necessidade do pensar colaborativo para o compromisso coletivo no desenvolvimento de comunidades. Com esta abordagem, apoiada pela tecnologia e dispositivos digitais com acesso à internet, pretende-se uma maior inclusão das mulheres na configuração e transformação dos ambientes construídos – combatendo, por esta via, fenómenos de exclusão de género.

A cartografia digital permite a georreferenciação de ativismos, transformando estes processos de mapeamentos numa linguagem produtora de conteúdos e identificadora de desigualdades socio-espaciais. O mapa, produto e processo capaz de expressar o território comum, cria imagem e enriquece a “voz” coletiva. O sentimento de pertença e a ligação emocional são estruturantes para a cidade inclusiva, onde a participação na vida pública e o trabalhar em e para a comunidade, incrementam esses sentimentos, revelando a pertinência do contributo da mulher. Nesta abordagem considera-se (de forma multidisciplinar) lugar, interface e pessoas (realçando a perspetiva da mulher) e conduz-se a análise para as suas inter-relações em âmbito de mapeamento participativo para evidenciar problemas territoriais comunitários.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Cidade inclusiva; ativismo feminino; mapeamentos colaborativos; pensamento espacial crítico; cartografia digital;

Vivências e (in)seguranças de um corpo feminino na cidade

EIXO 3 - EJO 3 - AXIS 3 A cidade é um espaço que deveria ser justo e seguro para todos sem distinção de cor, classe ou gênero. Sempre acreditei fielmente sobre isto até surgir uma inquietação ao caminhar por espaços públicos e perceber que as mulheres não tinham a sensação de estar livres ou seguras. Até chegar o dia em que houve a necessidade de falar sobre e para mulheres “por que elas sentem medo ao utilizar a cidade?”.

- Partindo desse pressuposto o trabalho propôs desenvolver uma crítica olhando para a mulher e suas experiências no cotidiano, suas reflexões e sensações sobre o ato de caminhar pela cidade com temas que abordam a relação do corpo e o espaço que ela habita. O intuito será apresentar exemplos bem-sucedidos e instigar a criação de uma proposta que reduza este incômodo que é sentido por mulheres ao utilizar espaços públicos, trazendo assim para o planejamento urbano discussões como equidade de gênero. Para dar voz as mulheres e tentar solucionar os seus anseios por um espaço livre, seguro e digno foi realizada pela autora duas pesquisas uma de cunho nacional brasileiro obtendo 470 respostas e outra localizada na cidade de Anápolis – GO/BR com 50 respostas colhidas na praça chamada Abílio Wolney.

Com estudos e análises finalizados haverá uma proposta Projetual onde através de um olhar urbanista será possível propor soluções e melhores condições em relação ao espaço das pessoas, tornando assim o lugar menos excludente ao corpo feminino. O trabalho tem a pretensão de levar a união entre pesquisa e soluções urbanas para assim transformar a cidade num espaço equitativo, podendo a mulher transitar tranquilamente por ruas, praças, parques, calçadas e afins, propiciando uma maior segurança de forma que seus medos não as levem a não utilização de determinados locais.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
Resistência; Mulher; Direito a cidade

De Ocupação à Casa de Referência da Mulher: porque a Tina Martins, em Belo Horizonte MG é uma alternativa para viabilizar o direito das mulheres à cidade

EIXO 3 - EJO 3 - AXIS 3

No Brasil, a violência cometida contra mulheres ainda é muito amenizada pela sociedade androcêntrica e patriarcal e a opção de deixar suas casas onde habitam com seus agressores se apresenta como quase inviável para a maioria das mulheres. Neste contexto, este artigo se propõe a analisar e a refletir sobre as ações de suporte às mulheres em situação de violência promovidas pela Casa de Referência da Mulher Tina Martins, em Belo Horizonte, no caminho de uma restituição do “direito a cidade” (LEFEBVRE, 1968).

Primeira ocupação autogestionada por mulheres da América Latina (BASTOS, 2020), a Ocupação Tina Martins teve início em 8 de março de 2016, em Belo Horizonte, MG, pelo Movimento de Mulheres Olga Benário - MG, com o apoio do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB) e de lideranças feministas. Ao se juntarem, os movimentos buscavam realizar “um ato político e de resistência” (idem) e visibilizar o tema da violência contra a mulher, pressionando o Estado para a criação de casas abrigo, de mais creches públicas nas periferias e delegacias 24 horas para mulheres – demandas pautadas pela Lei nº 11.340/2006 – Lei Maria da Penha. Após muita luta e negociações com o Estado a ocupação se transformou na Casa de Referência da Mulher, viabilizando suporte às mulheres vítimas de violência doméstica em 4 eixos: formação política; encaminhamento; acolhimento; abrigamento.

A partir de revisões bibliográficas, de observação participante, e da compilação de informações obtidas em entrevistas buscaremos, neste trabalho, evidenciar que a Tina Martins se apresenta como uma alternativa de práxis espacial e de materialização de demandas interseccionais com relação à cidade, articulando a ação de movimentos sociais e feministas que focalizam a questão do cuidado – mulheres cuidando de mulheres –, tanto na escala micro (corpo) quanto macro (espaço urbano) – viabilizando, assim, o direito das mulheres à cidade.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

violência contra a mulher; Direito à cidade; Casa de Referência da mulher Tina Martins - BH- Brasil;

Território, projecto e género em representações de arquitectura - a partir do Open House Lisboa 2019

EIXO 3 - EJO 3 - AXIS 3

O Open House é uma mostra no campo da Arquitectura, vinculada a um território específico e re-editada anualmente, que dá a conhecer um número elevado de espaços a um público maioritariamente não especializado, durante um fim-de-semana, através de um guia e mapa editados em papel e online.

A curadoria da edição de 2019 em Lisboa (OHL) foi um exercício reflexivo de construção de uma “Lisboa sem Centro” que num momento de profunda transformação urbana pretendeu provocar novas perspectivas sobre concepções unívocas e segmentadas sobre a cidade de Lisboa, a sua arquitectura e quem a faz. Re-imaginou-se a sua representação através do cruzamento entre a diversidade teórica, prática e programática emergentes e a pluralidade de processos de trabalho, encomenda e participação actuais, sob o princípio de igualdade entre géneros e da paridade.

A exclusão do centro, delimitado a partir do Plano de Urbanização e Expansão de Lisboa (1948) que configurou o modelo metropolitano centralizador da “capital do império” subjacente à organização do território e espaço urbano que persiste ainda hoje, foi uma forma de subversão espacial que pela sua artificialidade despoletou um diálogo, necessariamente polifónico e a vários tempos, sobre inclusão/exclusão, visibilidade/invisibilidade, pertença/não-pertença, centralidade/periferia nas representações do território de Lisboa, do trabalho em arquitectura e sua autoria.

Este artigo produz uma análise comparativa entre o OHL 2019 e outros exemplos de representação de arquitectura de Lisboa, nomeadamente outras edições OHL, Habitar Portugal, guias e mapas de Arquitectura. Afim, de problematizar as várias dimensões da representação de arquitectura - imagética, científica, projectual e de género – activadas em mostras públicas de alguma transversalidade disciplinar como o OHL e sobre as quais se conclui estar implícita uma interdependência valorativa, contrária à neutralidade e autonomia comumente explicadas, entre as visões urbanísticas, arquitectónicas e profissionais, ou se quisermos, entre território, projecto e género.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Representação; mostra de Arquitectura; Lisboa; género; território; curadoria;

Berlin 1987. A missed confrontation

EIXO 3 - EJO 3 - AXIS 3

The dense calendar of encounters organized by the IBA (International Building Exhibition) as a counterpoint to the design competitions that were redesigning Berlin, envisaged on June 19 an all-female slate between Zaha Hadid and Marta Lonzi focused on “Women and space”. Two women architects, both notable for their early vocation for architecture. The young Zaha had already attracted international interest by her visionary forms of Constructivist inspiration; in Berlin she was involved, among other projects, in the construction of residential Block 2, as part of the special program strongly desired by the FOPA (Feministische Organisation von Planerinnen und Architektinnen). On the other side, Marta, an architect and designer since 1970 involved in an Italian feminist group (Rivolta femminile), had gained reputation mainly to her thinking about the creative process disseminated in the book *L'architetto fuori di sé*. They had two diametrically opposed visions of the creative process, as the further development of their activity fully demonstrated. Their “diversity”, as women architects, should however be sought in their creative processes, and not in their objects, as Lonzi pointed in the conference and throughout her professional life.

This subject resulted from a survey of the Marta Lonzi archive preserved in Milan at the Fondazione Elvira Badaracco. The presentation will be focused on the creative approach of the Italian architect; on the background, IBA Berlin with the initiatives against the under-representation of women in the development of the new urban plans and pioneering practices in urban renewal projects led by women architects.

The Berlin conference can be intended also as a step to the reconstruction of informal networks relating to “Women and architecture “ in Europe between the 80s and 90s, as we can argue from Lonzi’s archive.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Marta Lonzi; Zaha Hadid; IBA Berlin; FOPA; Women architects; Theory and professional practices;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

Campos de Michelena P. (1999). *Identidad y proyecto*. Introduccion. In P. de Bustos, S. Capilla, A. Gil Gómez (Eds.) *Mujeres: Espacio y arquitectura*, Universitat Jaume-I, Projecto NOW

Dörhöfer K. (1999). Die Frauen-Geschichte der IBAs. *Historischer Rückblick auf die Internationalen Bauausstellungen in Deutschland*. Ariadne. Almanach der deutschen Frauenbewegung. Heft 36

Lonzi M. (1982). *L'architetto fuori di sé*. Scritti di Rivolta Femminile/Prototipi

Lonzi M. (1983). *Une femme architecte: Sa propre démarche creative*. Pignon sur rue, 49

Lonzi M. (2006). *Autenticità e progetto*. Jaca Book

Encarnando o vírus: intervenções epistêmicas e performativas à hegemonia disciplinar

EIXO 3 - EJO 3 - AXIS 3

A construção de uma Arquitetura Feminista como teoria, proposta, prática espacial e luta política é a formulação em aliança de uma epistemologia do cotidiano e do corpo-território. Aqui se deriva a generificação do espaço que ora resiste e ora se acomoda simultânea e paradoxalmente (Rose, 1993). Um outra ordem possível que não é ordem. Simultaneamente é provisória mas sem finitude. Não é fixo mas tem fixidez sócio-espacial.

Nossas experiências no cotidiano, no doméstico, no público são dados de pesquisa significativos, para novas abordagens epistemológicas, ou seja, da Arquitetura Feminista a partir de interesses práticos e estratégicos (Molyneux, 2010) contra o assujeitamento através de um um rito normativo que busca demarcar e fixar a lógica sócio-econômica sobre nossos corpos.

A hegemonia na produção e reprodução do conhecimento na disciplina de arquitetura, assim como suas metodologias, está em disputa desde o feminismo, principalmente nas últimas décadas do século XX. Falamos de uma visão específica hegemônica da disciplina baseada em normas, valores e ideias, de onde se exerce o poder do material (Salem, 2020), historicamente resultando no apagamento, desapropriação e apropriação do trabalho exercido pelos corpos femininos, mas não só. Repensar a epistemologia da arquitetura, e o funcionamento dos dispositivos semióticos políticos, implica repensar a ligação vida-território-corpo-espacialidade-vínculo, ampliando os fundamentos que desenham a disciplina.

Assim propomos uma reflexão sobre como percebemos e compreendemos as brechas que se abrem nessa construção que, ao mesmo tempo, representam instabilidades constitutivas de tais construções, escapando das normas tradicionais sobre o entendimento do espaço como categoria e conceito. Processos de repetição de atos performativos no espaço interpretados como um poder de desconstituição de normas. É uma crise potencialmente produtiva para a (re)construção de uma Arquitetura Feminista. É a formulação em aliança de uma epistemologia do cotidiano, do corpo-território, através da constituição de novas tecnologias semióticas (Preciado, 2007).

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

arquiteturas feministas; feminismo; arquitetura; performatividade; tecnologias semiótica; hegemonia;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

Butler, J. (2019). "Corpos que importam" (V. Daminelli, Trad). São Paulo: Crocodilo Edições.

Carrillo, J. (2007). Entrevista com Beatriz Preciado. "Cadernos Pagu", (28), 375-405.

<https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100016>

Molyneux, M. (2010) Mobilization without emancipation? women's interests, the state, and revolution in nicaragua. In: Krook, M.N. & Childs, S. (Eds). "Women, gender, and politics: a reader" (pp.21-28) Oxford: Oxford University Press.

Rose, G. (1993). "Feminist & Geography: The limits of geographical knowledge". Cambridge, Oxford: Polity Press.

Salem, S. (2020). Gramsci in the Postcolony: Hegemony and Anticolonialism in Nasserist Egypt. "Theory, Culture and Society", 21.

DOI: <https://doi.org/10.1177/0263276420935178>.

PRAXXIS_A feminist way of looking at housing: defining family housing across the intersectional issues of class, race, sexual orientation, age, disability and gender

EIXO 3 - EJO 3 - AXIS 3

PRAXXIS is a feminist design atelier at the Manchester School of Architecture examining the current governing structures of the discipline and profession of architecture from a critical gendered and intersectional standpoint¹. By using the multi-layered lens of intersectional feminism, we ask our students to analyse how interlocking systems of power impact on those who are most marginalised in society.

- We claim that architectural education is transformational for both students and staff, which was created as a platform and safe 'thinking space'.
- We use Feminist Design Tools such as feminist theories, dialogues, interruptions, interventions, participatory tools, and spatial agency² to create projects which explore issues such as personal, social, environmental and economic inequity.
- We develop housing schemes which are socially motivated in response to the intersectional protected characteristics, exploring complex issues of sharing internal and external domestic and social spaces across different groups of people. Spatial proposals explore additional agendas such as gender equality, family models, alternative child care approaches, different economies, affordability, sustainability, material choices, cultural differences and similarities. But most importantly different ways of living.

As a way of challenging normative practice, we task our students to construct their own agenda based on the commonly used feminist slogan of the personal is the political, empowering them to develop forms of practice whose aim is not just a building but a tool to transform the social, political and economic conditions of a place.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

intersectional housing; intersectional; feminist design; feminist pedagogy; spatial agency; safe space; difference; otherness

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

- Abiaka, C., Delghandi, M., Kaur, M., & Al-Saleh, M. (2013). *Vitamin D Status and Anthropometric Indices of an Omani Study Population*. Sultan Qaboos University Medical Journal, 13(2), 224–231.
- De Siqueira, G., & Al Balushi, A. (2020). *Co-designing the pedestrian revolution in Muscat*. City, Territory and Architecture, 7(1), 11. <https://doi.org/10.1186/s40410-020-00119-6>
- Heim, B., Joosten, M., Von Richthofen, A., & Rupp, F. (2018). *Land-allocation and clan-formation in modern residential developments in Oman*. City and Territory Architecture, 9. <https://doi.org/10.1186/s40410-018-0084-6>
- Mabry, R. M., Morsi, M., Al lawati, J. A., & Owen, N. (2016). *Descriptive epidemiology of physical activity among Omani adults: the Oman World Health Survey, 2008*. EMHJ-Eastern Mediterranean Health Journal, 22(2), 103–115.
- Nebel, S., & Richthofen, A. von. (2016). *Urban Oman*. LIT Verlag Münster

¹ ed. Benedict Brown, James., Harriss, Harriet., Morrow, Ruth and Soane, James. (2016) *A Gendered Profession: The Question of Representation in Space Making*. London: RIBA Publishing

² ed. Awan, Nishat., Schneider, Tatjana and Till, Jeremy. (2011) *Spatial Agency, Other Ways of Doing Architecture*. Abingdon: Routledge

EIXO 4 – EJO 4 – AXIS 4 HISTÓRIA – HISTORIA – HISTORY

PT A falta de consciência sobre o carácter representacional das mulheres na arquitectura resulta de ausências deliberadas, cometidas por uma historiografia que impôs as grandes narrativas masculinas. A questão da ocultação/menorização dos contributos das mulheres persiste por força da natureza das estruturas institucionais, apoiadas em representações que legitimam as condições assimétricas do mundo. Para a sua desconstrução, novas hermenêuticas estão em debate.

ES La falta de conciencia sobre el carácter representativo de la mujer en la arquitectura resulta de ausencias deliberadas, cometidas por una historiografía que impuso grandes narrativas masculinas. El tema de ocultar/ disminuir las contribuciones de las mujeres persiste por la naturaleza de las estructuras institucionales, sustentadas en representaciones que legitiman las condiciones asimétricas del mundo. Para su desconstrucción, se están debatiendo nuevas hermenéuticas.

EN The lack of awareness regarding the representational character of women in architecture results from deliberate absences, committed by a historiography that imposed great male narratives. The issue of hiding / diminishing women's contributions persists due to the nature of institutional structures, supported by representations that legitimize the asymmetrical conditions of the world. For its deconstruction, new hermeneutics are the subject of debate.

A constituição ideológica dos lugares do samba no Rio de Janeiro: o caso do movimento das mulheres sambistas

- EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4**
- A análise interdisciplinar em perspectiva de gênero interseccional do espaço desvela o caráter não neutro das cidades, que se conformam num aparato de indiferenciação dos corpos a partir da normativa patriarcal e burguesa imposta centrada no sujeito universal (VILLAGRÁN,2014).
- Nesse sentido, propõe-se a análise da produção espacial do Rio de Janeiro e dos processos de moldagem dos seus lugares (DUARTE, 1993) do samba por meio dos lugares determinados às mulheres, que caracterizam um grupo excluído, e que hoje pautam seu lugar neste espaço apropriado e masculinizado.
- Por localizar-se no Brasil, país atravessado por um histórico de colonialidade e seu violento processo de invasão, dominação, exploração e escravização, busca-se demonstrar quais as ideologias presentes nesta produção do espaço, posto que o Rio se configura num imaginário nacional e internacional de identidade brasileira.
- Entendendo que esta advém dos processos desencadeados a partir do evento da transferência da Corte Portuguesa para a cidade que culminariam numa “ideia de Brasil” (PIMENTA, 2006), tenta-se demonstrar que as narrativas e capitais culturais e simbólicos (BOURDIEU, 1989) presentes nesta identidade, promove o apagamento sistêmico da presença de subjetividades, corpos e culturas negras – vistos como marca colonial – na capital de um Brasil que adentrava a modernidade.
- Assim, a proposta de artigo aqui apresentada busca correlacionar o lugar historicamente imposto às mulheres sambistas, fruto de pesquisa bibliográfica sobre o tema, com as práticas que buscam transgredir estes limites. Tais práticas serão analisadas através de conteúdo coletado tanto nas rodas de samba de caráter feminista (em momento anterior à pandemia), quanto de material publicado por estas sambistas, fotos, entrevistas e fóruns de discussão disponíveis em redes sociais das mesmas.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

lugar; gênero; samba, ambiências; espaço público;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

BOURDIEU, Pierre. (1989). *O Poder Simbólico*. Lisboa: Diefel.

DUARTE, Cristiane. (1993). *Intervention Publique et Dynamique Sociale dans la Production d'un Nouvel Espace de Pauvreté Urbaine: Vila Pinheiros, à Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Paris: Universidade de Paris-I Sorbonne.

PIMENTA, João Paulo G. (2006). *Portugueses, Americanos, Brasileiros: identidades políticas na crise do Antigo Regime luso-americano*. Almanack Braziliense, nº03. Disponível a partir de:

https://web.archive.org/web/20070717171955/http://www.almanack.usp.br/PDFS/3/03_artigos_2.pdf

VILLAGRÁN, Paula Soto. (2011). *La Ciudad Pensada, La Ciudad Vivida, La Ciudad Imaginada. Reflexiones teóricas y empíricas*. In La ventana vol.4 no.34 Guadalajara, México.

As (in)visibilidades das mulheres arquitetas. Eventos de arquitetura em Portugal, 2010-2019

EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4 A desigualdade de tratamento e direitos entre mulheres e homens e a disparidade entre ambos, são um problema ainda presente na sociedade atual. Quer a nível de valores pessoais, quer a nível do quotidiano dentro de cada profissão, essa diferença é bastante visível, por exemplo, na representatividade de umas e outros na área a que se dedicam. Para o exercício da arquitetura, nascer-se mulher tende a ser desfavorável, uma vez que a profissão é tradicionalmente patriarcal e o trabalho das mulheres arquitetas é menos visível. Esta questão implica inúmeras outras, que vão desde a ausência nas bibliografias utilizadas nos cursos de arquitetura, a uma menor representatividade em júris, e serem uma clara minoria no que toca a reconhecimento para prémios.

Partindo deste contexto, visou analisar-se ao nível da arquitetura, a desigualdade entre mulheres e homens, através do modo como as arquitetas são invisibilizadas em relação aos colegas. De um modo crítico, pretende-se estudar as presenças de umas e outros em eventos arquitetónicos em Portugal, na segunda década do século XXI e perceber os dados que aferem se existe ou não essa desigualdade. Propõe-se uma investigação em que se comparam dois casos de estudo – a Garagem Sul do Centro Cultural de Belém e a Casa da Arquitectura, de 2010 a 2019 –, fazendo um mapeamento exaustivo dos seus eventos de arquitetura, identificando as presenças e ausências de mulheres e homens, de arquitetas e arquitetos.

No final deste estudo, serão retiradas conclusões acerca dos valores extraídos da análise bem como questionado o porquê desses mesmos valores e das barreiras impostas à arquitetura no feminino. Será feita uma ligação entre os números obtidos e as opiniões e vivências de mulheres arquitetas no panorama atual da arquitetura em Portugal de modo a verificar se há relação entre ambos.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Mulheres Arquitetas; Portugal; Eventos de Arquitetura; Visibilidade; Século XXI;

Las pioneras del diseño español en los Premios Delta (1961-90)

EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4 El comienzo de los premios Delta en 1961 hasta la edición de 1989-90 se ha considerado como una etapa relevante de la historia del país, por el tránsito de la dictadura a la democracia con todas las implicaciones políticas, sociales y económicas que conlleva. También son las tres décadas de logros en la lucha por los derechos de las mujeres, como la Ley del Divorcio en 1981, la de interrupción voluntaria del embarazo en 1985 o la instauración del Día de la Mujer en 1975. En lo relativo al diseño industrial, los Premios Delta ejemplifican las conquistas y los cambios en la industria española desde los últimos momentos del franquismo y la llegada de los modelos internacionales. Fueron los galardones más prestigiosos en el ámbito del diseño pero curiosamente pese a su aparente modernidad y exacerbada defensa de lenguajes inspirados en el diseño italiano o nórdico, en el fondo revelaban la misma estructura patriarcal que otros galardones coetáneos. Insistentemente las mujeres diseñadoras fueron excluidas de los jurados y ocasionalmente llamadas en calidad de secretarías de esas comisiones.

En el trabajo se analizan también el tipo de profesionales mujeres que acudían a los premios y las características de las galardonadas así como el carácter de las obras presentadas. De esta manera se aspira a la definir el rol de las mujeres diseñadoras en España en los casi treinta años que se presentan. Por una parte, se emplea un análisis cuantitativo de la proporción de hombres y mujeres en los jurados, de los seleccionados y galardonados y, por otra, una reflexión más conceptual sobre la singularidad de las obras realizadas por aquellas diseñadoras pioneras de la presencia femenina en un mundo industrial masculinamente hegemónico, muchas de ellas casi desconocidas y otras, como Beth Galí, afamadas en el mundo del diseño y de la arquitectura.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
España; Diseño industrial; Premios Delta; Mujeres arquitectas;

Maria José Abrunhosa de Castro (1949-1999): arquitectura, planeamento, política, cidade e controvérsia democrática

EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4 Maria José Abrunhosa (MJA) foi uma arquitecta formada na Escola Superior de Belas Artes do Porto, num período que coincide com a democratização portuguesa e, no qual os arquitectos promovem a sua função social (Moniz, 2010). Integrou a Brigada Técnica da Bouça no programa habitacional SAAL-Norte (Bandeirinha, 2007), um dos primeiros exercícios sobre a construção da cidade em democracia. No final da década de 70, chega ao município da Guarda, fazendo parte de uma geração de arquitectos que de forma sistematizada passam a integrar os quadros técnicos das recém-criadas autarquias. Aí desenvolveu actividades de projecto e gestão urbana, acompanhando o programa-piloto norte-americano MEREC (1983-1986) (Ramos et al., 2016) e o plano director municipal da cidade. Desde 1994, enquanto profissional liberal dedicar-se-á ao exercício de projecto e planeamento a partir da Beira Interior. Foi participante activa na redacção de revistas da especialidade, seminários e congressos, e ainda na Associação dos Arquitectos Portugueses.

Este artigo tem como objectivo dar a conhecer o percurso profissional de MJA, em especial a partir da sua produção escrita consumada em artigos de opinião publicados em jornais de circulação nacional e regional entre 1992 e 1999. Procura-se escrutinar como MJA coloca em prática ideias que não fazem apenas parte de um discurso disciplinar, mas que dependem do contexto e dos efeitos específicos – económicos, políticos, culturais e sociais – sobre a prática da arquitectura, incluindo-se aqui o planeamento e a construção da cidade portuguesa. Entre as ideias que apresenta ao leitor/cidadão irá discutir a importância da qualidade da intervenção arquitectónica e do planeamento na defesa do interesse público (Castro, 1993). Importância que radica no seu entendimento da política e da democracia como intrínseca à cidade, e da urgência de uma sociedade crítica, exigente e contestatária, instigando valores e critérios de qualidade na cultura social e política dominante.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Maria José Abrunhosa de Castro; Cidade; Política; Democracia; Arquitectura; Planeamento;

Habitar a Água, os lavadouros públicos do Porto: uma experiência das mulheres na cidade moderna

EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4

Esta dissertação visa mostrar uma experiência das mulheres na cidade moderna, entre o final do século XIX e o início do século XX, centrando-se particularmente nos lavadouros públicos da cidade do Porto. Os lavadouros públicos são a espacialização da condição das mulheres no sul da Europa e, no caso deste trabalho, na cidade do Porto, durante o processo de urbanização da cidade moderna. A emergência da dicotomia entre o espaço privado e público priva as mulheres do acesso ao espaço da política. A higiene torna-se uma necessidade vital, enquanto os lavadouros antigos são espaços que transmitem doenças e epidemias. Com a criação da SMAS (Serviços Municipalizados de Água e Saneamento) do Porto, a cidade transforma-se assim em um laboratório de experimentação de tipologias de lavadouros, e, com isso, o lavadouro como espaço comunitário desaparece dando lugar ao lavadouro como espaço de controlo do corpo das mulheres no espaço urbano.

Os lavadouros públicos são espaços potenciais mas negligenciados. O seu processo de abandono coincide com o confinamento das mulheres em casa, transformando os lavadouros obsoletos a partir dos anos 90. O atravessamento no espaço urbano da cidade do Porto permite a compreensão das suas práticas e usos contemporâneos, e, a partir disso, propor uma cartografia actual, visibilizando esses espaços marginalizados.

Os lavadouros públicos são espaços chave para o planeamento urbano feminista na cidade do Porto. A fim de reler a história e incluir as mulheres, é preciso salientar a contribuição do trabalho reprodutivo das mulheres na construção da cidade. A reactivação dos lavadouros públicos requer a requalificação e valorização deste património material, os lavadouros, e do património imaterial, as práticas a eles associadas. Essencial para preservar a memória das mulheres na cidade do Porto, para que a presença de mulheres na cidade não seja apenas um murmúrio.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Lavadouros Públicos; Águas do Porto; Ruína Urbana; Urbanismo Feminista; Memória; Espaço Público;

O quarto de empregada: 'Escovando a história a contrapelo'

EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4 Uma das discussões mais insignificantes da História da Arquitetura Moderna é o quarto de empregada. Embora pouca atenção tenha sido dada ao item do programa residencial, ele é importante para discutirmos algumas questões contemporâneas. Os desenvolvimentos no campo da igualdade entre mulheres e homens, as lutas contra o racismo, a marginalização e a ausência de direitos, levaram a um interesse renovado por uma reflexão crítica sobre as dimensões espaciais da casa. Diante desse contexto propício, esta pesquisa tem como foco o quarto de empregada no programa habitacional paulista, no Brasil. A partir de estudos de caso, serão analisadas algumas soluções de projeto arquitetônico e sua evolução no tempo, tais como: edícula nos fundos da casa principal, duplo acesso social e serviço de edifícios residenciais e quartos de empregada junto às lavanderias. Alguns projetos insalubres, inclusive. O objetivo é verificar o "índice secreto" da arquitetura moderna paulista, aqui seguindo a Teoria Crítica de Walter Benjamin que defende a importância de "escovar a história a contrapelo", para desvelar as ideologias do passado que estão presentes nos "documentos de cultura". Nossa hipótese é que as soluções projetuais para quartos e circulações de criados revelam antinomias insolúveis da sociedade paulista; e que elas contribuíram para manutenção do racismo, segregação e ausência de direitos dos trabalhadores domésticos. Discutir tal tema é romper com a tradição historiográfica e "escovar" a história da arquitetura moderna paulista "a contrapelo", bem como dar visibilidade a um item do programa que permaneceu "invisível" e inalterado diante das inovações programáticas e plásticas do Movimento Moderno.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
Programa da casa; racismo estrutural; tradição; modernidade;

Registro de registros. Gabinetes de narrativas personales y fantasmagorías modernas

EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4

Las narrativas personales y profesionales, cruzadas y propias de las arquitectas que protagonizan esta comunicación se vinculan con una reformulación de la modernidad mediante fantasmagorías proyectuales y teóricas.

La historia oral y la memoria colectiva son herramientas para el registro del pasado que provienen de la antropología y que tienen el poder de renovar la historiografía después de la Segunda Guerra Mundial. Será entonces, cuando nuestras protagonistas construyan un gabinete de narrativas que les permitirá impugnar el gran relato de los “grandes maestros” y presentarse como mediadoras entre la arquitectura y la vida.

Las pequeñas historias de cada una de ellas conforman una suerte de registros de registros. Ruth Rivera (México, 1927-1969) documentó el movimiento moderno mexicano, firmó proyectos diseñados por creadores no acreditados como Mathias Goeritz y el Museo del Eco, y aceptó quedar a su sombra. Clara Porset (Cuba- México, 1895-1981) conectó la arquitectura de Luis Barragan con el arte popular, humanizando cada espacio proyectado mediante su mobiliario. Lina Bo Bardi (Italia-Brasil, 1914-1992) registró sus acciones y obras como si se tratase de uno de sus proyectos expositivos. Charlotte Perriand (Francia, 1903-1999) participó activamente y guardó los archivos del CIAM IV en el que participó Pietro María Bardi. Ray Eames (USA, 1912-1988) coleccionó y recopiló su trabajo como si fueran objetos encontrados en un viaje vital; Alison Smithson (Reino Unido, 1928-1992) definía este material como “objetos de otro mundo”, recopiló y dató durante años las variopintas contribuciones de sus compañeros del TEAM X como Aldo van Eyck o Giancarlo di Carlo y de algunos amigos y soñadores como la ya apuntada Lina Bo Bardi. Todos ellos fueron admiradores del esquema de Patrick Geddes que Jaqueline Tyrwhitt (Sudáfrica-Grecia, 1905-1983) conservó, publicó y enseñó en clases y congresos.

Nuestra propuesta de comunicación comienza con el momento en el que todas estas arquitectas deciden catalogar su propio trabajo, el material y los documentos recopilados por las mismas y los textos que compartieron en los congresos a los que asistieron. El ensayo concluye con nuestra propia visita a los centros de documentación que alojan estos archivos en la actualidad y la trascendencia activa que ha tenido en nuestra propia labor docente y profesional.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
Registros; Narrativas; Fantasmagorías; Gabinete; Arquitectas;

Rosa, Miranda e a consolidação do campo paisagístico em São Paulo

EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4 A partir da década de 1950, algumas áreas da arquitetura possibilitaram uma maior inserção das mulheres em seus quadros profissionais, pois eram menos permeadas por disputas de gêneros e mais abertas à entrada de novas personagens – às suas falas, preocupações e outros modos de atuar –, afirmando-se como um espaço de prática feminina (e feminista). Entre essas áreas está o paisagismo que, supomos, foi eleito pela primeira geração de formandas nas faculdades de arquitetura de São Paulo (entre 1947 e 1972) como campo de inserção profissional, tornando-se assim o lugar em que mais alcançaram divulgação e legitimação de seus trabalhos, além do consequente reconhecimento de suas autorias.

Pensando a partir do conceito de “constelação”, acepção epistemológico-crítica elaborada por Walter Benjamin (2004) e que é explorada a partir de uma perspectiva de gênero por Gwendolyn Wright (1995) e Thaïsa Way (2009), dividiremos essa geração em dois agrupamentos constelares, sendo uma constelação maior, formada por uma comunidade de mulheres que teve seus trabalhos pouco ou nada divulgados, e outra menor, de personagens reconhecidas e mais difundidas no campo.

Interessa-nos, neste trabalho, investigar as trajetórias de Rosa Kliass e Miranda Magnoli, duas figuras proeminentes dessa constelação menor do campo paisagístico. Ambas se formaram arquitetas pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo [FAUUSP] em 1955 e participaram ativamente da consolidação da profissão na cidade: Rosa Kliass é reconhecida pela sua ampla prática projetual, estendida por todo o território nacional, além de ser responsável pelo estabelecimento da profissão a partir da Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas [ABAP]; e Miranda Magnoli foi protagonista na inserção, estruturação e expansão do ensino da disciplina nas faculdades de arquitetura brasileiras. O objetivo deste trabalho é revisitar a historiografia da arquitetura, revisando cânones e padrões pré-estabelecidos, e incluir as narrativas dessas mulheres pioneiras na história.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
Paisagismo; Historiografia; Gênero;

Cozinha paulistana, higienismo e sanitarismo

EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4 O objetivo é apresentar a pesquisa que investiga a modernização da cozinha doméstica na cidade de São Paulo entre 1893 e 1941, observando se os consultórios médicos, laboratórios e hospitais teriam sido as matrizes das mudanças que ocorreram na cozinha como a eletrificação, a assepsia e a funcionalidade. Dessa forma, pretende-se averiguar se por meio da cozinha o higienismo se inseriu no ambiente doméstico. A pesquisa procura observar essa questão em comportamentos, práticas, artefatos materiais, arquitetura e organização racionalizada dos espaços médicos e laboratoriais, que foram incorporados à cozinha. A metodologia consiste em uma análise comparada de fontes com base nos estudos de cultura material e estudos de gênero. Entre as séries documentais estão plantas de terrenos, fotos de mobília e laboratórios, propagandas de jornais, relatórios institucionais, artigos de revistas médicas e voltado ao público feminino, legislação sanitária, manuais domésticos entre outros.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

História do Brasil República; Cultura Material; Cozinha; Higienismo; Gênero;

A importância da visão decolonial na pesquisa feminista em contexto latino-americano

- EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4**
- O trabalho apresentado se propõe a discutir a importância de incorporação da perspectiva interseccional em pesquisas de história da arquitetura feitas a partir de uma epistemologia feminista em contexto latino-americano e/ou não-ocidental.
- Esta pesquisa é parte do doutorado “Modernas brasileiras. Contribuição para uma nova historiografia da arquitetura moderna brasileira, 1930-1960” que propõe retomar a história da arquitetura moderna brasileira revelando personagens femininas que contribuíram para seu desenvolvimento e consolidação, porém não entraram para as páginas da historiografia canônica da arquitetura do país.
- A discussão apresentada se fundamenta no entendimento de que a construção do conhecimento em geral, e em particular da historiografia da arquitetura, habitualmente resulta da visão e dos interesses de grupos sociais historicamente dominante, homens ocidentais, excluindo ou eclipsando a participação de todos aqueles que não se encaixam nesse grupo “padrão” (Grosfoguel, 2016)
- A partir disso se constrói a argumentação com bases teóricas e conceituais no pensamento decolonial latino-americano e caribenho, que revelam o sistema de superposição de opressões e dominações estabelecido sobre as mulheres do subcontinente, o colonialismo e a dominação de gênero (Lugone 2008, Espinosa 2013).
- Por fim se busca defender a necessidade de incorporação de uma visão interseccional, e por tanto decolonial, às pesquisas de história de arquitetura desenvolvida a partir de uma perspectiva feminista através da análise de pesquisas europeias e estadunidenses que, mesmo travando reconhecido esforço em combater as discriminações de gênero na arquitetura, reproduzem uma postura de colonialidade com relação às profissionais latino-americanas e não-ocidentais, sempre que excluem esses contextos de suas revisões historiográficas pretensamente universais.
- Logo, a apresentação implica em oferecer uma discussão teórica que contribua para a construção de um caminho na historiografia da arquitetura latino-americana que contemple as arquitetas omitidas pela história canônica, combatendo com completeza o apagamento dessas profissionais.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

História da arquitetura; Arquitetas latino-americanas; Pesquisa feminista; Decolonial;

La mujer tutelada. Dispositivos de control de los espacios negados

EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4 El presente Trabajo Fin de Grado tiene como objetivo el análisis cronológico, a lo largo de los siglos XIX, XX y XXI, de los objetos personales que configuran la experiencia vital de las mujeres. La investigación parte de la premisa de que estos objetos, entendidos como dispositivos 'foucaultianos', acumulan las normas morales y éticas de una sociedad, asignando a sus usuarios los roles y jerarquías establecidos en ella.

En el caso de la mujer como usuaria, los dispositivos tienen la función de perpetuar los estereotipos de género, en base a unos mitos de la feminidad tradicionalmente asociados a las mujeres como sujetos femeninos: la maternidad, la virginidad, el matrimonio y la belleza. Los objetos actúan como fetiches del empoderamiento de la mujer, mecanismos de ocultación del estado de tutela para evitar la subversión femenina y la ruptura del sistema androcentrista.

La investigación se estructura en dos fases: el marco teórico, donde se definen los conceptos de sujeto femenino y de dispositivos femeninos de control, y el análisis cronológico – dividido en tres etapas – en las que se estudian los objetos femeninos más relevantes de cada época, en función de la evolución histórica y social del sujeto femenino, el espacio privado (casa) y el espacio público (ciudad). En los anexos se incorpora un catálogo de los dispositivos de control y el análisis gráfico de los espacios, tanto públicos como privados, que contienen estos objetos femeninos.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

mujer; casa; ciudad; dispositivo; domesticidad;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

Amann Alcocer, Atxu (2005). *El espacio doméstico: la mujer y la casa* (Tesis Doctoral).

Recuperado de <http://oa.upm.es/164/>

Muxí Martínez, Zaida (2018). *Mujeres, casas y ciudades. Más allá del umbral*. Barcelona: Dpr-Barcelona.

Woolf, Virginia (2009). *Una habitación propia*. Barcelona: Seix Barral.

Zafra, Remedios (2010). *Un cuarto propio conectado: (ciber)espacio y (auto)gestión del yo*. España: Fórcola Ediciones.

Women in architectures of crisis. The consideration of polio in the construction of the modernist *Cité de Droixhe* (Liège, Belgium)

EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4 In the 50s, the *Cité de Droixhe* was imagined to offer more than 1000 rental social housing units in Liege (Belgium) in a vast green space. This large modernist complex project also offers various facilities. Among these, a medical-family center is added in order to provide accommodation for the families of poliomyelitis victims (especially children). The medical-family center is part of a larger home care plan that also wants to adapt different floors of the housing units to allow wheelchair access and to bring iron lungs for paralyzed patients.

This historical fact resonates with the COVID-19 pandemic. Currently, it has been observed that the health crisis particularly affects women, whereas experts are mainly male. In the 60s, the adaptation of the Droixhe project followed the same pattern. It was thought up mainly by men (doctors, architects and politicians) but was set up to allow family life for the sick and to integrate nursing, which was (and still is) mainly the responsibility of women (mothers and nurses).

This article combines a documentary research in the archives of the architects EGAU, supplemented by a series of interviews with different actors. It questions the role and consideration of women in the adaptation of the project. And also observes how the notion of "care" (Tronto, 2013) was apprehended and translated into the architectural design of this project (Mozziconacci, 2017).

How can we ensure that women are taken into consideration and participate in the design of such projects? How can the construction of the city facilitate or hinder women's daily life (Valvidia, 2018) in times of crisis? Drawing lessons from the past, this article will attempt to answer these questions and aims to outline perspectives for a non-androcentric management of the current crisis.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Sanitary crisis; Polio victims; Care; Modernist complex project; Socio-historical analysis;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

- Mozziconacci, V. (2017). Les échelles du care. Du temps et de l'espace pour les relations : une approche féministe des institutions. In Faure, E. & al., *La ville : quel genre ? L'espace public à l'épreuve du genre. Montreuil : Le Temps des Cerises*, 115-133.
- Valvidia, B. (2018). Del urbanismo androcéntrico a la ciudad cuidadora. *Hábitat y Sociedad*, (11), 65-84.
- Tronto, J. (2013). *Caring Democracy: Markets, Equality, and Justice*. New York, New York University Press.

Uma leitura feminista do processo SAAL (1974-1976): Aproximações críticas iniciais

EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4 Apesar da sua curta duração (1974-1976), o Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL) constituiu-se como um momento único na cultura arquitectónica portuguesa. Nascido dos valores e das necessidades primárias do momento pós-revolucionário de 1974, foi uma resposta política a manifestações populares de comissões de moradoras e moradores que habitavam em condições precárias. Esta inscrição na História da Arquitectura deveu-se sobretudo à dimensão político-social e à participação efectiva da população. Não obstante as diferentes leituras dos resultados, o programa SAAL inovou as políticas da habitação social pela sua natureza orgânica única e inovadora, também no contexto europeu.

Dada a profundidade da produção do conhecimento interdisciplinar e das mais ou menos constantes revisitações e avaliações críticas do processo ao longo do tempo, o SAAL permaneceu no imaginário colectivo, comum e profissional, guiado por narrativas históricas e profissionais androcêntricas. As contribuições das mulheres – arquitectas, técnicas e moradoras – estão genericamente ausentes destas narrativas consolidadas. A exclusão e secundarização do papel das mulheres na História da Arquitectura e dos movimentos pelo direito à habitação e à cidade exigem tanto uma avaliação crítica das narrativas historiográficas oficiais como uma ancoragem das personagens femininas enquanto sujeitos históricos activos.

Partindo de uma pesquisa feminista e situada, os métodos centrar-se-ão, numa primeira fase, na revisão bibliográfica e na pesquisa documental, e, depois, no trabalho de campo – visitas aos bairros e entrevistas. Esta proposta foca-se na identificação de conceitos e metodologias feministas que suportem tanto a construção de outras narrativas como o desenho de aproximações críticas que fixem estas mulheres enquanto agentes desta História. O mapeamento dos bairros e das arquitectas, outras profissionais e moradoras, permitirá a estruturação de um primeiro quadro geral inicial. Atentar-se-á assim na amplitude da localização geográfica e na diversidade de abordagens projectuais e políticas, das equipas técnicas e comissões de moradoras.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

SAAL; Mulheres; Metodologias feministas; Direito à Habitação; Portugal;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

- Arias Laurino, Daniela. 2018. «La construcción del relato arquitectónico y las arquitectas de la modernidad. Un análisis feminista de la historiografía». Tesis doctoral, Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya BarcelonaTech. Escola de Doctorat.
- Bandeirinha, José António (2002). O processo SAAL e a arquitectura no 25 de Abril de 1974 [Tese de Doutoramento em Arquitectura (Arquitectura e Construção), Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra].
<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/1592>
- Haraway, Donna (1988). Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. *Feminist Studies*, 14(3), 575–599. <https://doi.org/10.2307/3178066>
- Muxí, Zaida (2018). *Mujeres, casas y ciudades: Más allá del umbral*. Dpr Editorial.
- Scott, J. W. (Ed.). (1996). *Feminism & History*. Oxford University Press.

How activists became cultural heritage. Mapping the archives of the ‘women building housing’ movement and transfer to the National Archive for Architecture in the Netherlands

EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4 In 1982 a Dutch collective of women from social and geographic disciplines published a book called ‘female domestic, male dominance’ concerning the built environment. In its wake, a number of projects, groups, studies, seminars and actions focussed on the urban environment, criticising the lack of participation of women and its impact on women’s lives.

This conglomerate is generally referred to as the ‘women building and housing movement’, (VBW-movement) and consisted of a large variety of ideas, instruments and forms of organization and manifold, fragmented, sometimes controversial positions.

Many of the initiatives disappeared around the year 2000. However, new initiatives are re-emerging, thematising issues very similar to those in the 1990s. At the same time, Gender Mainstreaming scholars observe that in urbanism practice, the structural understanding of ‘gender’ and its relations with spatial planning & design has not advanced. This raises questions into the impact of VBW: how transformative has it been? It is therefore relevant to look back and draw lessons from earlier strategies. However, little is known these days about the VBW movement, and the materials produced are hardly accessible as they were produced largely in a pre-digital age.

This contribution reports the research to recuperate the archives of former activists, and bring them together as a collection that can be studied.

This contribution accounts the 2-year low-budget process of collaboration, in a dual context: first, bringing together the Dutch ‘women building and housing’ and how they reflect on the movement; and second, the interest of the National Archive to diversify the collection and create a more inclusive approach to archiving. The collaboration lead to a new perception of the movement, one that declares its traces as cultural heritage.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

architectural practice; housing movement; knowledge transfer; Netherlands;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

- Eichhorn, K., 2017. Past-Futures. The temporality of Feminist Archives, in: Gender & Archiving. Past, Present, Future, Yearbook of Women’s History. Verloren, Amsterdam, pp. 47–56.
- Ottes, L., Poventud, E., van Schendelen, M. and Segond von Banchet, G. (eds), 1995 “Gender and the Built Environment: Emancipation in Planning, Housing and Mobility in Europe” Assen: van Gorkum
- Meijel, S. van, Renoù, M, Schendelen, M. van, Vehmeyer, Y., Verloo, M., 1982. Vrouwendomicilie en manndominantie. Reader over vrouwen, wonen en gebouwde omgeving. SUA, Amsterdam.
- Schröder, C., Heineking, I., 2018. Frauennetzwerke in Architektur und Planung, Edition Hochparterre. Hochparterre.
- Tummers, L., 2013. Gendered Perspectives on Spatial Planning and Housing in the Netherlands, in: Fair Shared Cities. The Impact of Gender Planning in Europe. Ashgate, London and New York, pp. 107–131.

Olga Quintanilha, uma arquitecta portuguesa na esfera pública

EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4 No caminho para uma sociedade onde equidade e sustentabilidade são premissas incontornáveis, é vital eliminar a secular invisibilidade feminina latente ainda hoje. Entre outras medidas, têm surgido monografias sobre arquitectas que lutaram ao longo da história por um lugar numa profissão dominada pelo género masculino, fundamentais para um (mais) célere avanço no reconhecimento das mulheres na profissão e, Olga Quintanilha, é uma figura incontornável neste contexto.

Olga Quintanilha foi a primeira mulher a presidir a Associação dos Arquitectos Portugueses e foi também a primeira presidente da Ordem dos Arquitectos. Nascida em 1942, iniciou o seu activismo político enquanto estudante universitária, quando Portugal vivia uma das épocas politicamente mais conturbadas da sua história, na intensa década de 1960, graduando-se em 1973. Enquanto arquitecta manteve o seu comprometimento social e político nos órgãos que regulam a profissão: primeiro na Associação dos Arquitectos Portugueses e depois na Ordem dos Arquitectos. Paralelamente, projectou e construiu dezenas de obras, assim como foi pioneira na uniformização do ensino da arquitectura em Portugal e na Europa e na criação de concursos públicos com o objectivo de uma prática profissional acessível e justa. Viria a falecer em 2005.

Esta proposta procura dar visibilidade a um percurso admirável que Olga Quintanilha soube construir, gerido entre a vida profissional e a vida associativa, a que ainda se somou uma vida familiar intensa. Numa profissão, ainda à época, maioritariamente masculina, Olga Quintanilha, soube impor-se na esfera pública. É este trajecto longo, intenso e diverso que será abordado nesta proposta.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Olga Quintanilha; feminismo; estudos de género;

Exposiciones de arquitectura comisariadas por mujeres en España (1978-2008): un territorio de excepción

EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4 Frente a lo diverso y exhaustivo de las investigaciones llevadas a cabo sobre la modernidad en el ámbito ibérico y, en relación al mismo, de las exposiciones de arquitectura y de la arquitectura de exposiciones, en España, la producción expositiva de la postmodernidad proporciona prolíficos discursos apenas explorados y, sin embargo, reiteradamente explotados. Y, aunque la falta de análisis histórico e historiográfico es generalizada, especialmente llamativa resulta la escasa atención prestada al caso particular de las exposiciones comisariadas por mujeres en esa etapa y cómo estas han contribuido a propiciar el estudio, el análisis, la crítica, la divulgación y el debate público sobre la arquitectura y la ciudad contemporáneas.

Esta comunicación plantea, por tanto, un análisis de la exposición como medio de comunicación y de producción, intelectual y política, de conocimiento arquitectónico entre la Transición y la crisis de 2008 y, más concretamente, sobre el papel desempeñado por las mujeres que pensaron, organizaron, diseñaron y circularon exposiciones de diversos formatos y alcance. Incluso antes de la apertura y conexión de circuitos institucionales, museos de referencia o salas específicas para la disciplina, es significativa, ya en los inicios de ese periodo, la presencia de propuestas de arquitectura experimental en los espacios propios del arte, como en las galerías dirigidas por mujeres.

Del mismo modo, es necesario explicitar cuáles han sido las aportaciones de las mujeres, en muchos casos vinculadas a la administración pública, a exposiciones relacionadas con concursos de arquitectura, galardones y reconocimientos, o premios dependientes de publicaciones, plataformas y medios, que han contribuido decisivamente a la cultura arquitectónica de este país y a su proyección internacional. Por ello no puede olvidarse tampoco el trabajo de comisariado de arquitectas españolas en otros países, ni su desempeño en bienales, trienales y pabellones nacionales en grandes certámenes de arquitectura fuera de nuestras fronteras.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Comisariado de exposiciones; Mujeres; Arquitectura; España; Postmodernidad;

Charlotte Perriand: el equipamiento como militancia

4 - EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4 La idea de esta propuesta es investigar las relaciones entre la militancia política e ideológica de Charlotte Perriand con el concepto de equipamiento y sus derivaciones en dos momentos de su carrera profesional: el tiempo de las llamadas pioneras del Movimiento Moderno (entreguerras) y la situación de posguerra de Francia en la que Perriand asumió una segunda fase de su carrera, enmarcada en la producción en serie del mobiliario y la reestructuración del concepto de equipamiento.

Los estudios feministas más recientes han arrojado luz sobre Perriand, y nos han permitido ver una creadora comprometida con su tiempo (Arias Laurino, 2018; Hoekstra, 2017; Rodríguez Fernández, 2013; Rubino, 2010, 2011) que a pesar de su corta edad consiguió posicionarse en los círculos transformadores de la Francia de entreguerras.

Aunque Perriand mantuviera una práctica profesional independiente durante toda su vida profesional, las alianzas con arquitectos ampliamente reconocidos han mantenido otros trabajos en la sombra y es precisamente allí donde esta propuesta quiere enfocarse, porque es allí donde la militancia se hace evidente.

En un primer momento, analizaremos concepción de equipamiento doméstico expresada en algunos proyectos elaborados en paralelo durante los últimos dos años como asociada de Le Corbusier y Pierre Jeanneret, evidenciando choques de fuerzas y discrepancias que tuvieron como consecuencia la ruptura de la colaboración en 1937.

En un segundo momento, a su regreso de Japón e Indochina, durante la segunda posguerra, veremos cómo Perriand redefine su aproximación al equipamiento, para adaptarlo a una nueva situación social e ideológica marcada por la reconstrucción, y en un contexto donde la mujer había perdido gran parte del terreno ganado en la época de entreguerras.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Female architects; Political commitment; Interior design; Domestic equipment; History of architecture;

Mônica Avelino Arrais Uma arquiteta no cerrado brasileiro

EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4 A história da arquitetura vem ignorando sistematicamente a presença das mulheres, embora muitas tenham exercido e exerçam um papel ativo em áreas majoritariamente dominadas por homens, o protagonismo das arquitetas tem sido posto de lado nas narrativas masculinas, que desconsideram a participação delas. Este recorte narrativo faz parte do projeto de pesquisa “Mulheres Construindo Espaços. A questão de gênero na arquitetura tocantinense” e tem como objetivo contribuir para inserção das mulheres na história da arquitetura do norte do Brasil. Nesta etapa da pesquisa, o foco é o trabalho desenvolvido por Mônica Avelino Arrais. O critério para a escolha da obra de Arrais, deve-se ao fato da arquiteta ser uma pioneira no Tocantins, último estado brasileiro criado pela Constituição de 1988. Arrais foi testemunha ocular da criação e construção da capital planejada. Abriu seu escritório em 1992 em Palmas e se consolidou no mercado de trabalho da nova capital, trabalhando com projetos e obras residenciais, comerciais e institucionais, bem como com arquitetura de interiores e consultorias. A metodologia se baseia no testemunho da própria arquiteta por meio de entrevistas dirigidas, levantamento fotográfico e consulta ao seu acervo pessoal e profissional. Nasceu em 1961 em Goiânia, capital do Goiás, formou-se em Arquitetura e Urbanismo em 1985 pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, fez mestrado na Universidade de Brasília e ministrou aulas no Curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Tocantins, tendo participado da formação das primeiras turmas desta escola. Coordenou várias Mostras de Arquitetura do Tocantins, conhecidas como MOSARQ. Atualmente está envolvida, junto com outros profissionais, na coordenação de projeto social de grande relevância em Palmas, que é a construção do “Hospital do Amor”, uma unidade do Hospital de Câncer de Barretos (SP). A história de Arrais se mistura com a própria criação do Estado do Tocantins, como constatamos nas suas próprias palavras: “Eu vi os projetos de Palmas na prancheta”, testemunhando o planejamento da cidade e contribuindo com o seu desenvolvimento até os dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Arquitetura; Gênero, Arquiteta; Mônica Avelino Arrais; Tocantins;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

Alberti, Verena (2005). *Manual de História Oral*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Lima, Ana Gabriela Godinho (2013). *Arquitetas e Arquiteturas na América Latina do Século XX*. 1. ed. São Paulo: Altamira Editorial, v. 1.

Lombardero, Nuria Álvarez (Org.) (2015). *Arquitectas, redefiniendo la profesión*. 1º Congreso Internacional de Investigación em arquitectura y Género. Sevilla: Recolectores Urbanos Editorial.

Martínez, Zaida Muxí (2018). *Mujeres, casas y ciudades. Más allá del umbral*. Barcelona: dprbarcelona.

W@ARCH.PT *Female architects in Portugal: building visibility, 1942-1986*. Disponível em: <<https://warch.iscsp.ulisboa.pt/>> Acesso em nov/2020.

‘Build Your Own House’: Betty Spence’s design-research in 1950s South Africa

EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4 In 1952, at the start of spatial apartheid, the white South African liberal architect Betty Spence (1919-84) wrote *Build Your Own House*, a practical instruction guide intended for black township inhabitants who could not wait for the delivery of housing by the state. Consisting of a series of simple, yet technically informative black-and-white drawings to support the self-construction of incremental houses, the guide was one of several projects undertaken by Spence during the 1940s and ‘50s that share a concern for people’s own ability to build and the possibilities to improve their living situation. This paper examines several of Spence’s written works, including *Build Your Own House* and her articles for the *South African Architectural Record*, as well as her design for the family’s own home in Johannesburg’s suburbs (1953). Building on Spence’s fragmented archive and interviews, we show how her design-research was defined by collaboration. Throughout her career, Spence worked closely with a variety of interlocutors, ranging from the Institute for Race Relations to the Black social worker Anna Mokhetle.

We argue that her concern with the process of building and home-making in the townships should be considered as a form of political action grounded in empathy and concerned with spatial flexibility and incremental growth. Spence’s approach included careful observation of how different inhabitants—men, women, and children—used interior spaces and, over time, developed specific social identities. Unlike her better-known political peers like the architect Rusty Bernstein who split his time between political work for the anti-apartheid movement and a commercial architecture practice, Spence worked for and with disenfranchised township inhabitants on materialising alternative housing options. Nonetheless, in 1958, Spence, who became increasingly active in the anti-apartheid movement towards the end of the 1950s, was forced to leave South Africa and settled in Britain with her family.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

South Africa; apartheid; self-help housing; collaboration; spatial resistance;

Gênero e domesticidade na arquitetura moderna: uma análise a partir dos apartamentos duplex

EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4 Mulheres, cotidianos domésticos e projetos de moradia são temas centrais deste trabalho que parte de uma tipologia arquitetônica específica para desencadear algumas reflexões: os apartamentos duplex. O discurso de ter uma arquitetura voltada para um modo de vida moderno era difundido na primeira metade do século XX, sugerindo que as novas construções propiciariam o uso do tempo de maneira mais produtiva e eficiente e que os espaços seriam mais saudáveis e salubres para seus moradores – preocupações que estão na agenda dos profissionais que pensaram no crescimento das cidades durante os séculos XIX e XX.

O desenho do apartamento duplex moderno foi desenvolvido inicialmente por arquitetos soviéticos, na década de 1920, ao propor células habitacionais mínimas e espaços coletivos para realização de tarefas domésticas, buscando libertar as mulheres para o trabalho fora das casas. A expansão e consolidação da tipologia na Europa e na América Latina ocorreu no contexto pós-Segunda Guerra, demonstrando o alcance deste desenho diante da discussão dos novos modos de morar. No caso brasileiro, os apartamentos duplex foram utilizados em diversas iniciativas privadas e estatais dentro do contexto de modernização das cidades e na busca por as novas possibilidades de desenho e organização espacial que tentassem suprir a demanda habitacional das grandes cidades. A análise das plantas dos grandes edifícios de apartamentos brasileiros demonstra que o duplex possuiu um apelo menos ligado à funcionalidade ou à dinamização do ambiente doméstico, mas principalmente à questão da distinção socioeconômica. Em conjuntos habitacionais das grandes metrópoles, a presença de dormitórios de empregada, acessos social e de serviço separados, contradizem os princípios de emancipação individual das experiências europeias do entre guerras. Assim, serão analisados a distribuição das áreas internas, os padrões comportamentais e a variedade de discursos que se relacionam ao papel das mulheres nos novos espaços de habitação.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Domesticidade; Arquitetura moderna; Projeto; História da Arquitetura; Habitação;

Designing Spaces of Otherness: Lina Bo Bardi and the Espírito Santo do Cerrado Church

EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4 The concept of 'otherness' is central for thinking space in inclusive and emancipatory ways, bringing together architecture, phenomenology and feminism.

The importance of difference and multiplicity is for most feminist projects a structural theme, interpreted as a positive powerful tool against the homogenization of the discourses and practices in society led by hegemonic interests. In feminist ethics, authors such as Rosi Braidotti (2011) stress that recognizing and respecting the differences of others can be the criterion for an ethical redesign that can challenge dominant normative standards. Simultaneously, the recognition of the other, alterity as the counter-part of identity, is a fundamental part of the phenomenological approaches brought by philosophers such as Emmanuel Levinas (2011), which his best known contribution is the articulation of an ethical theory based on the responsibility for the other.

This article argues that for the construction of democratic space based on principles of equality and equity, from an architectural standpoint, it is fundamental to recognize difference. Considering the project experience of the Espírito Santo do Cerrado Church, led by the italo-brazilian architect Lina Bo Bardi between 1976 and 1982 in Uberlândia, Brazil, it intends to explore alternatives to the recurrent practices of western architecture in the late 20th century, usually produced through authoritative methods and experienced as commodities.

The analysis will focus on the non-standard methodological strategies used by Bo Bardi in this experience, intertwined with an ideological stance and materialized in spatial and formal ways, highlighting a different approach that includes alterity as part of the design process. Otherness, rather than an objective, becomes a mechanism, a tool for emancipation. Simultaneously, it becomes an architectural concept embedded in the object itself, enabling people to identify and relate to the space they use and appropriate, enhancing the richness of being (an)other in an increasingly homogeneous society.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Otherness; Alterity; Feminist Ethics; Emancipatory Spaces; Lina Bo Bardi; Architecture Practice;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

Bardi, Lina Bo, & Almeida, Edmar de (1999). *Igreja do Espírito Santo do Cerrado*. (Marcelo Ferraz, Ed.). Lisboa: Editorial Blau.
Braidotti, Rosi (2011). *Nomadic Theory: The Portable Rosi Braidotti*. Nova Iorque: Columbia University Press.
Levinas, Emmanuel (2011). *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70.
Rubino, Silvana, & Grinover, Marina (Eds.). (2009). *Lina por escrito: Textos escolhidos de Lina Bo Bardi*. Coleção Face Norte. São Paulo: Cosac Naify.

As mulheres do patrimônio cultural: profissionais, donas de casa, transmissoras de saberes

EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4 Os estudos a respeito do patrimônio ainda não se aventuraram a incluir questões de gênero e história das mulheres em suas análises. Pensando, como Michelle Perrot, nos silêncios da história (e dos patrimônios), propomos que pesquisas na área avancem em três eixos. 1) a presença feminina na história das políticas de preservação no Brasil, especialmente o IPHAN. Desde sua criação em 1936, o órgão contou com nomes de figuras de grande relevância como Judith Martins (1903-2000) – autora do Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais – além da museóloga Lygia Marins Costa (1914), Lélia Coelho Frota (1938-2010), antropóloga Heloisa Alberto Torres (1895-1977) e a historiadora de arte alemã Hanna Levy (1912- 1984), autora de textos fundamentais a respeito do barroco. 2) o segundo eixo que se refere à preservação da memória das domesticidades nas casas, conjuntos e edifícios preservados, ou seja, a vida privada dos bens. Uma ênfase tem sido dada à conservação dos aspectos físicos dos edifícios, enquanto práticas domésticas e são renegadas. As memórias das moradoras em suas casas históricas se apresentam muitas vezes de maneira superficial ou relegadas apenas a nomear a propriedade. 3) Um terceiro eixo se dá a partir da experiência brasileira com o Decreto n. 3.551 de 2000 que trata dos registros de patrimônio imaterial e que tem como inspiração as questões colocadas pela Constituição Brasileira de 1988. Os Registros nos Livros dos Saberes de práticas registradas no livro de Formas de Expressão (2004), tratam de experiências coletivas e formas de sociabilidades nas quais há um protagonismo feminino, inserindo suas realizadoras no debate patrimonial. Nesses saberes tradicionais, o peso da oralidade e da transmissão pelo saber e fazer é característico da atuação feminina.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

intersectional housing; intersectional; feminist design; feminist pedagogy; spatial agency; safe space; difference; otherness

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

- Abiaka, C., Delghandi, M., Kaur, M., & Al-Saleh, M. (2013). *Vitamin D Status and Anthropometric Indices of an Omani Study Population*. Sultan Qaboos University Medical Journal, 13(2), 224–231.
- De Siqueira, G., & Al Balushi, A. (2020). *Co-designing the pedestrian revolution in Muscat*. City, Territory and Architecture, 7(1), 11. <https://doi.org/10.1186/s40410-020-00119-6>
- Heim, B., Joosten, M., Von Richthofen, A., & Rupp, F. (2018). *Land-allocation and clan-formation in modern residential developments in Oman*. City and Territory Architecture, 9. <https://doi.org/10.1186/s40410-018-0084-6>
- Mabry, R. M., Morsi, M., Al lawati, J. A., & Owen, N. (2016). *Descriptive epidemiology of physical activity among Omani adults: the Oman World Health Survey, 2008*. EMHJ-Eastern Mediterranean Health Journal, 22(2), 103–115.
- Nebel, S., & Richthofen, A. von. (2016). *Urban Oman*. LIT Verlag Münster

Las arquitectas (in)VISIBLES en Euskadi. Aproximaciones sobre la situación de las arquitectas en el País Vasco

EIXO 4 - EJO 4 - AXIS 4

Como en otras áreas de conocimiento, el camino recorrido por las mujeres que se han dedicado a la arquitectura, no ha sido nunca una tarea fácil.

Esta disciplina no podía escapar del paradigma social basado en un modelo de sesgo androcéntrico, por lo que el aporte de las mujeres ha sufrido y sufre una indiscutible invisibilidad social histórica.

Es muy probable que esta brecha en visibilidad, representatividad y poder se haya agudizado más en el caso de las arquitectas, al tratarse de una profesión enraizada históricamente en estratos sociales burgueses, con un carácter predominantemente masculino.

Probablemente esta sea una de las razones por las que la arquitectura aún a fecha de hoy sigue siendo uno de los ámbitos menos permeables a la integración de la perspectiva de género.

Lamentablemente es una problemática que no es propia de una zona o región o país, es una situación universal. Por supuesto, la arquitectura en el País Vasco tampoco escapa a esta cuestión.

La mayor parte de la arquitectura de Euskadi reconocida ha sido realizada por varones. Son muy pocas las arquitectas referenciadas y destacadas a lo largo de la historia de la arquitectura del País Vasco.

Un importante punto de partida que podría ayudar a visibilizar esta desigualdad y posteriormente revertirla, es conocer la situación real vivida por las arquitectas en la disciplina.

A través de esta ponencia trataremos de visibilizar la problemática de las arquitectas vascas en las áreas más importantes de la profesión.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Arquitectas vascas; visibilización; brecha género;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES: *

Benedet, Veronica. (2020). *Las arquitectas (in) VISIBLES en Euskadi. La problemática que esconde esta invisibilización*. Vitoria-Gasteiz: Instituto Vasco de la Mujer, Emakunde (inédito)

EMAKUNDE. (2017). *La evaluación de impacto en función del género en la planificación territorial y el urbanismo*. Vitoria- Gasteiz: Instituto Vasco de la mujer (EMAKUNDE).

Moisset, Inés, Quiroga, Carolina. (2020). *Nuestras Arquitectas. Re-mapeo y nuevas cartografías. Buenos Aires 1*. Libro digital: https://undiaunaarquitecta2.files.wordpress.com/2020/04/nuestras-arquitectas_buenos-aires-1_moisset-quiroga.pdf?utm_medium=website&utm_source=plataformaarquitectura.cl

Muxi Martínez, Zaida. (2018). *Mujeres, casas y ciudades. Más allá del umbral*. Barcelona: Editorial Drp.

(*). Hemos utilizado el sistema APA aunque lo hemos readaptado para "hacer justicia" con las autoras, que bajo las iniciales o encubiertas en et al. o en AA.VV. han sido invisibilizadas a lo largo de la historiografía."

EIXO 5 – EJO 5 – AXIS 5 PEDAGOGIAS ESPACIAIS – PEDAGOGÍAS ESPACIALES – SPATIAL PEDAGOGIES

PT Falar de pedagogia é falar de processos de investigação, análise e transformação suportados em metodologias diversas e situadas. No caso das pedagogias espaciais feministas, estamos perante processos alternativos, conducentes ao questionamento dos modelos pedagógicos vigentes e a novas proposições de enquadramento feminista e emancipatório, ao mesmo tempo que se luta por uma democratização dos espaços territoriais, urbanos e arquitectónicos.

ES Hablar de pedagogía es hablar de procesos de investigación, análisis y transformación apoyados en metodologías diversas y situadas. En el caso de las pedagogías espaciales feministas, nos enfrentamos a procesos alternativos, que conllevan al cuestionamiento de los modelos pedagógicos actuales y a nuevas propuestas de un marco feminista y emancipatorio, mientras se lucha por una democratización de los espacios territoriales, urbanos y arquitectónicos.

EN To discuss pedagogy is to discuss research, analysis and transformation processes, supported in diverse and focused methodologies. In the case of feminist spatial pedagogies, we face alternative processes, that lead to the questioning of current pedagogical models, and new proposals of emancipatory and feminist frameworks, all the while fighting for the democratization of territorial, urban and architectural spaces.

El comienzo de una comunidad de acompañamiento feminista del Sur

EIXO 5 - EJO 5 - AXIS 5 A finales de 2019 y principios de 2020, en Grenoble, Francia, un grupo entre 10 y 15 mujeres hispanohablantes nos agrupamos para organizar una versión de la performance chilena feminista “Las Tesis” y manifestarnos el 8 de Marzo 2020 en contra de la violencia machista y por la igualdad de género. Comenzamos a reunirnos semana a semana, instancias que nos permitieron encontrarnos y comenzar a “sacar la voz” (Lorde, 1977).

Esas instancias abrieron un espacio de escucha mutua que nos permitió contarnos desde nosotras y en espejo con las otras, desde nuestras historias diversas, los actos violentos recibidos durante nuestras vidas. Varias sólo querían organizarse para el 8M, pero varias también queríamos continuar este espacio. El día de la conmemoración del 8M, y salimos a las calles francesas a gritar en español y francés el canto de esta famosa performance feminista chilena. Desde este feminismo de países del sur (Anzaldúa, 1987), descolonial, anti-patriarcal, anti-capitalista como incipiente organización, nos unimos a otras organizadas como #Nous Toutes y #NousToutes38.

Posteriormente, la crisis sanitaria nos obligó a reunirnos en modalidad online. Establecimos un horario, haciendo un tiempo para nosotras (Falú, 2009). Poco a poco, de manera horizontal, propusimos temas, a través de un video o texto anterior que abriera al diálogo y la reflexión en torno al género y feminismo, compartiendo experiencias y conocimientos. Cada tema nos fue ayudando a construir, a tejer juntas ese espacio de discusión-acción y reflexión.

El presente artículo relata, desde la experiencia (Miñoso, 2019), como esta experiencia asociativa, inicialmente enfocada en las movilizaciones del 8M, fue transformada en un espacio orgánico, creado y cuidado por sus integrantes, para la reflexión, debate, crecimiento, y soporte emocional en estas luchas, con el consecuente enriquecimiento y empoderamiento de sus integrantes.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Acompañamiento; Comunidad; Feminismo del Sur; Experiencia Asociativa; Genealogía de la Experiencia;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

Anzaldúa, G. (1987). *Borderlands/La frontera: The new mestiza* (C. Valle, Trans.). Capitán Swing Libros.

Falú, A. (2009). *Violencias y discriminaciones en las ciudades*. In A. Falú (Ed.), *Mujeres en la ciudad: De violencias y derechos* (pp. 15–37). Ediciones SUR.

Lorde, A. (1977). *The transformation of silence into language and action*. *Identity Politics in the Women’s Movement*, 81–84.

Miñoso, Y. E. (2019). *Hacer genealogía de la experiencia: El método hacia una crítica a la colonialidad de la Razón feminista desde la experiencia histórica en América Latina*. *Revista Direito e Práxis*, 10(3), 2007–2032.

Pee-Women wanted! An hilarious short film to simulate a metaphorical act of gender re-territorialization

EIXO 5 - EJO 5 - AXIS 5 In Space, Place and Gender (1994), Massey writes that the modern city is the city of men par excellence. The patriarchal system places men in a position of power, from which they exercise a form of collective control over women's bodies. Public space becomes a dangerous labyrinth (Wilson, 1991) of looks, practices, acts that all aim to remind women that beyond the home they are "out of place" (Massey, 1994). These same glances, practices and acts originally associated to the balance of the social system have produced a sexist territoriality, and strengthened the sense of masculinity (Connel, 1995), one of the most influential aspects in the contemporary urban experience of women, who still feel observed and controlled in behaviours and movements (Duncan, 1996).

Starting from these assumptions, as part of my doctoral research, I organised a workshop open only to women, entitled Atelier de la Traversée (12.19-03.20) in Brussels, to investigate the way women feel today in sexist territories. Collectively, together with the participants, we reflected on the meaning of sexist territories, and we identified some urban practices that manifest the sphere of influence and control of men over space. We decided to tell our reflection with a short film written and made by the participants, to communicate, with a metaphor, the need to implement, still today, gender deterritorialization practices. The video is entitled Pee-Women Wanted! and it is the story of a group of organized pee-women that decides to pee in some symbolic places of the city of Brussels, to take them back. This de-skilled filmic experience (Garret t, 2011) can be considered a political act: "it is attempting to transform gender relations in society" (Cope, 2004) at a micro-scale. Indeed, it produced a change in the relationship of some of these women in space, a sort of individual re-territorialization that has led some women to gain new trust in it.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

territoriality; urban space; women; visual methodology; Atelier de la traversée;

Mujeres y derecho a la vivienda: construyendo desde las emociones, el cuerpo y el territorio

EIXO 5 - EJO 5 - AXIS 5

Desde los años 60s, muchas voces críticas vienen preguntándose sobre la influencia del urbanismo funcionalista en el bienestar de las personas, cuestionando si el nuevo motor de las decisiones urbanas, el económico, favorece la calidad de vida de la ciudadanía que la habita. De manera paralela a la reivindicación del derecho a la ciudad a través de lo colectivo y lo social ¹, la tercera ola del feminismo ² generó una mirada crítica, visibilizando las relaciones de poder poniendo el foco en la desigualdad de género, que se extendió a los distintos campos, incluidos los estudios urbanos. La contribución de las mujeres a la construcción de las ciudades ha sido omitida, la ciudad no es un espacio neutro, tomando como referencia el mundo público y la participación en el mercado, otorga poderes y asigna derechos y espacios a un sujeto concreto ³.

En el trascurso de la emergencia sanitaria (COVID-19), se ha desarrollado un proyecto ⁴ en la ciudad de Sevilla, con la participación de un colectivo de mujeres afrodescendientes y dos asociaciones, una de mujeres migrantes de Perú y otra de vecinas de un barrio de la periferia. Trabajando el Derecho a la ciudad feminista, desde el cuestionamiento del modelo vigente poniendo en el centro la vida cotidiana de las mujeres. Mediante entrevistas grupales y talleres participativos, presenciales o virtuales, dependiendo del contexto de la pandemia, en las que se han desarrollado diferentes herramientas metodológicas (dinámicas, teatro de los Sentidos, Cartografías Corporales) con el objetivo de trabajar la memoria del cuerpo y hacer una exploración política de las emociones encarnadas en los territorios ⁵.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

knowledge activism; extraction; feminist spatial practices; feminist local agency; situated knowledge;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

Colectivo Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo. (2017) *Mapeando el cuerpo-territorio. Guía metodológica para mujeres que defienden sus territorios*. Quito. Ecuador. Creative Commons.
 Friedan, Betty, (1963). *The Feminine Mystique*. New York. W.W. Norton&Company
 Greed, Clara, (1994). *Women and Planning. Creating Gendered Realities*. Londres. Routledge.
 Sandercock, Leonie, (1998). *Making the Invisible Visible. A Multicultural Planning History*. Oakland. University of California Press.
 Jacobs, Jane, (1961). *The Death and Life of Great American Cities*. New York. Random House, Inc.
 Sandercock, Leonie, (1998). *Making the Invisible Visible. A Multicultural Planning History*. Oakland. University of California Press

¹ Jacobs, Jane, (1961)

² Friedan, Betty, (1963).

³ Greed, Clara, (1994) y Sandercock, Leonie, (1998)

⁴ "Derecho a la Ciudad desde una perspectiva feminista", organizado por Alianza por la Solidaridad y financiado por la Delegación de Cooperación del Ayuntamiento de Sevilla

⁵ Colectivo Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo. (2017)

Pegagogias Especiales: ARQUIDRAMA. Arquitectura, sociodrama, psicodrama e teatro da espontaneidade. Uma metodologia pedagógica para a transformação social

EIXO 5 - EJO 5 - AXIS 5

A proposta e compartir um projecto de investigação-acção: a metodologia Arquidrama. Uma metodologia desenhada para pensar colectivamente e em acção, conjugando arquitectura, sociodrama, psicodrama e teatro da espontaneidade.

Arquidrama pretende explorar as relaciones entre ética, estética e política e tornar visível, nas oficinas que realiza com crianças, jovens, estudantes, activistas, educadores o arquitectes, as dimensiones social, cultural e política da arquitectura e do espaço. Ao mesmo tempo, o projecto tem como objectivo verificar e reflectir sobre as propostas e conteúdos das oficinas.

As bases bibliográficas de Arquidrama incluem nomes como: Rita Segato, Jan Gehl, Loise Bourgeois, Jacob Moreno Levy, Gloria Anzaldúa, Paul Oliver, Adriana Piterberg, Juhani Pallasmaa e outros.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Pedagogia espacial; Arquitectura e psicodrama; Arquitectura e género; Investigação-acção;

Desplazamientos, resbalones y desorientaciones en el espacio del museo: moverse a través de las flâneuses y las exiliadas

EIXO 5 - EJO 5 - AXIS 5

En el año 2019 el Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (Madrid) nos encargó elaborar un recorrido feminista por la Colección 2 y 3. Lo titulamos Hacer espacio o cómo deambular desde la desorientación [<https://www.museoreinasofia.es/visita/hacer-espacio-o-como-deambular-desde-desorientacion>]. La idea era reflexionar sobre el espacio desde una perspectiva feminista, atendiendo a la singularidad del propio espacio del Museo así como a su irrupción conceptual en el panorama artístico tras la Segunda Guerra Mundial, con el auge de la performance y sus hibridaciones con la danza, la instalación, y los replanteamientos en torno al soporte y materialidad de las obras. Entendemos el espacio de forma posicionada, no como algo neutro, sino que cargado de las dinámicas de poder sexistas y patriarcales que afectan nuestras vidas. Trazamos, así, un recorrido por las obras y los espacios a través de dos figuras: la flâneuse y la exiliada. Ambas desvelan algunos aspectos de las relaciones históricas entre el espacio y las mujeres y de forma activa combaten el espacio patriarcal con sus ausencias/presencias. La flâneuse, que irrumpe donde no se la espera, pugna por el espacio de la calle y crea otros modos de vagar. La exiliada, obligada a salir de su espacio y reconfigurar un nuevo lugar de orientación.

En esta ponencia nos detendremos específicamente en la figura de la exiliada, condición a su vez de much+ de l+s artistas que trabajamos. La experiencia de abandonar un espacio o territorio tiende a ir acompañada de procesos de aniquilación cultural, aculturización, censuras, silenciamientos y otras prácticas similares que aíslan a la persona que las sufren y que interrumpen procesos de transmisión (tan necesarios para experimentar la sensación de pertenencia). Los procesos de exilio suman al trastocamiento que implica la distancia física, territorial, una distancia imprecisa cronológica con respecto a las historias y las memorias precedentes, pero también presentes y futuras. Y la mayoría de estas experiencias son descritas por quienes las viven desde ese lugar de pérdida del espacio pero también con respecto al tiempo. La exiliada como figura representativa de los borramientos y obliteraciones que se producen en los archivos y colecciones sirve también para convocar en el recorrido a personas racializadas, queers, con diversidad funcional o a todas aquellas que se las “coloque” en un territorio de lo no normativo. Espacio y cuerpo no constituyen nociones separadas y su afectación es quizás más tangible en los desplazamientos, descolocaciones o deslizamientos.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Espacio; feminismo; museo; exilio;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

- Ahmed, S. (2019). *Fenomenología queer. Orientaciones, objetos, otros*. Barcelona: Bellaterra.
- Anzaldúa, G. (2016). *Borderlands/ la frontera: la nueva mestiza*. Madrid: Capitan Swing.
- AAVV (2018). *Carta (s) Exilio/ Refugio*. Madrid: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía .
- González de Oleaga, M.; Meloni, C. y Saiegh, C. (2019). *Transerradas. El exilio infantil y juvenil como lugar de memoria*, Buenos Aires: Tren en movimiento
- Lepecki, A. (2019). *Las políticas de la imaginación especulativa en la coreografía contemporánea*. En B. Hang y A. Muñoz (comps.), *El tiempo es lo único que tenemos* (pp. 221-254). Buenos Aires: Caja Negra.
- Muñoz, JL. (2020). *Utopía queer. El entonces y allí de la futuridad antinormativa*. Buenos Aires: Caja Negra.

Measuring her city: tracing women's presence in urban life

EIXO 5 - EJO 5 - AXIS 5 Documenting women's presence in urban space is intrinsically an imperfect science. Parameters to consider and numerous are varied, and the layering of conditions is infinitely complex. Since women's identity is neither stagnant nor monolithic, considering the female user as a single entity and study her in urban space can lead to precarious oversimplifications. However, on a primal level, contemporary women living in Anglo-American and European countries have been socially sanctioned to fulfill the dual role of homemaker and member of the labour force, they share a common axis, they share needs, desires, fears, and social obligations. The study of women's presence in cities regards gender as an instrument of spatial knowledge, whose ever-evolving nature enables a deeper understanding of urban mechanics and supports the act of designing better places.

This paper presents the set of practices and techniques applied in tracing women's presence in the Mediterranean city of Limassol, which is home to approximately 300,000 inhabitants. This method was employed to support a study of gender relations that investigated women's everyday experiences of navigating relationships between home and work in order to elucidate spatial and perceptual boundaries that are inherent, constructed or implied within the city's urban form. The paper aims to go beyond a display of the methods and practices, and to critically consider their strengths, weaknesses, as well as scaling potential and applicability to other studies on gender and urban space.

The method applied is a two-part process consisting of a series of semi-structured interviews and a set of spatial investigations that included the mapping informal data and recordings. Interdisciplinary methods involved a grounded theory analysis, mappings of qualitative data that was extracted from the interviews and visualizations of onsite observations.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
methods; gender relations; Cyprus; tracing women;

Planning Gender Sensitive Cities: a teaching research

EIXO 5 - EJO 5 - AXIS 5 Urban planning is considered as a 'technical' discipline, and therefore as neutral and apolitical. For some years now, women have been denouncing this neutrality because it reduces their visibility as both city producers and city users. Women have always contributed to urban development, as designers, customers and as protagonists of urban social movements. One of the causes of women's invisibility in the planning process is that gender-sensitive topics and tools are overlooked in university degrees, a negligence that must be overcome. The proposal describes a university course that offers tools and methods to develop a gender-sensitive approach to urban planning.

The course is aimed at urban planners, architects, public administration employees and other professional actors interested in understanding the dynamics of urban planning from a gender perspective.

The course has the following, general objectives: the dissemination and integration of a gender point of view in the context of urban public policies, projects and plans; the dissemination of a professional planning and project methodology that is sensitive to human experience; the dissemination of knowledge of the city and its buildings' history, starting from the sensibilities, thoughts and practices – be they professional or non-professional – of women, also through the narration of case studies and their impact on the quality of daily lives; the development of a more critical perspective capable of dismantling power relations and privileges, in order to build a more equitable city and society.

Another objective of the course is to create a network between laboratories, groups and scholars who work on the city of gender differences at national and international level. The aim of such a network is to take advantage of and enhance the research and reflections already carried out in this field, and to spread them more widely.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
gender planning; feminist studies; teaching;

La incorporación de las mujeres a los espacios productivos del ferrocarril: un estudio de caso en Estación cabecera Retiro-Línea Mitre (Buenos Aires, Argentina)

EIXO 5 - EIXO 5 - EIXO 5 Con la revolución industrial a mediados del SXIX, el ferrocarril se consolidó como el transporte que acompañó al desarrollo productivo. Tanto en la industria en general como en el propio ferrocarril, la invisibilización de las trabajadoras ha sido un denominador común.

Para entender la situación de las mujeres en el mundo productivo del ferrocarril, se analizará un caso concreto de estudio, la estación cabecera de la línea Mitre ubicada en el barrio de Retiro de la ciudad de Buenos Aires (Argentina).

Esta estación terminal comparte, como otras estaciones cabeceras, similitudes funcionales y formales características de la arquitectura industrial británica y que han sido reproducidas en diferentes latitudes del planeta. Este histórico edificio ha sido y sigue siendo la base administrativa de toda la línea férrea Mitre con operaciones de carga y pasajeros.

Como ya se ha avanzado, en este trabajo se intentará dilucidar cómo ha sido la incorporación de las mujeres a los puestos laborales en el ferrocarril y las consiguientes transformaciones formales y funcionales que se produjeron en el conjunto edilicio a lo largo de su historia a raíz de la inclusión de la mujer a la vida laboral. Del mismo modo, se verificará cómo se ha resuelto la adecuación del edificio con la aparición de las pasajeras durante este periodo.

Se ha elegido a modo de marco de su estudio la horquilla cronológica que transcurre desde su construcción en 1915 hasta la actualidad.

Las adaptaciones del edificio a lo largo de las épocas ponen en evidencia la falta de espacios inclusivos y la improvisación a la hora de su ejecución. Asimismo, es evidente la marcada jerarquización de estos espacios. Este análisis deja en evidencia la necesidad imperiosa de generar una nueva normativa de construcción edilicia para el transporte férreo que incorpore la mirada de género.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Ferrocarril; Género; Trabajadoras; Pasajeras;

Arquitetura Bicha: documento, experiência, ficção

EIXO 5 - EJO 5 - AXIS 5 Existiriam uma arquitetura e um urbanismo LGBTQIA+? Se a resposta for sim, como poderemos então documentar, experimentar e criar essa produção? Se a resposta for não, o que aproveitamos dessa discussão?

Tentando responder a essas perguntas, desde março de 2020, temos iniciado, no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, Brasil, um grupo de estudos no tema. Em abril, o projeto virou página no Facebook e, em julho, um perfil no Instagram que conta hoje com cerca de 2200 seguidores, na sua maioria, estudantes de arquitetura do país inteiro.

O grupo de estudos é pequeno, semanal, tendo em média 8 participantes nos encontros. Até o momento foram 30 reuniões destinadas à leitura de textos ligados às teorias feministas da quarta onda, à teoria queer e trans. As leituras vão sendo escolhidas à medida que os temas de discussão parecem e consideramos tanto a arquitetura e o urbanismo feitos por como para pessoas LGBTQIA+.

Os autorxs que tem dirigido as discussões até o momento são, resumidamente: Judith Butler (1990), Michel Foucault (1993), Joel Sanders (2017), Caterina Réa (2018), Paul B. Preciado (2020) e Jack Halberstam (2020). Quarenta por cento das seções foram acompanhadas de comentaristas externos, de diversas áreas do conhecimento como psicanálise, história, jornalismo, antropologia e filosofia.

O Arquitetura Bicha é formado majoritariamente por homens gays brancos de classe média, mas pretende estudar conteúdos políticos direcionados a um público mais amplo: lésbicas, mulheres e homens trans, bissexuais.

No português do Brasil, Bicha é uma palavra de insulto que, da mesma forma que queer nos países anglófonos, passa a ser reapropriada no contexto local, como empoderamento. Bicha também reflete a identidade da maioria dos integrantes do grupo.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
arquitetura e urbanismo; LGBTQIA+; grupo de estudos; Instagram;

Body as a pedagogical tool

5 'The body is capable of knowing things that the mind is ignorant of' (Lecoq, 1997).

5 Our understanding of space is shaped by complex power dynamics. As the body is inherent to space, and visa versa, our bodies become carriers, propagators and normalisers of these systems of power. Our spatial pedagogies often replicate these systems. Curriculums, materials, grades are impressed within our bodies. Yet the body is also a site of resistance. Can we challenge these systems through the alternative pedagogical tool of the body?

5 We use workshops to offer an alternative lens for architecture students, recognising and understanding our positionality to reflect on the body as a site of knowledge (Haraway, 1988). To move away from 'the plan view', we shift the gaze from the knowledge itself to the way in which it is produced.

5 Gathering, mimicking, and embodying the rhythms of a market in Mumbai, students from the School of Environment and Architecture observed power across the built form. Through group choreographies, they read relations played out between bodies: labouring bodies, resting bodies, gendered bodies, listening bodies, speaking bodies.

5 A group of female students placed masculine movements and rhythms upon their bodies, focusing on gestures which they were not used to experiencing. They multiplied and expanded those gestures on site to make visible the existing power structures, offering an alternative feminist reading of the space.

This critical spatial pedagogical practice (Rendell, 2006) empowers us to recognise the knowledge and agency within our bodies, creating an accessible and inclusive tool to dissect our spatial conditions.

The feminist practice becomes a form of resistance. Moving away from the perspective from above, we encourage intimate, embodied and situated forms of knowledge through conscious gestures: as we bend our fingers to write this text, and as you place your fingers to read it.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Cidade inclusiva; ativismo feminino; mapeamentos colaborativos; pensamento espacial crítico; cartografia digital;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

Boal, Augusto. (1979). *Theatre of the Oppressed*. London: Pluto Press.

Rendell, Jane. (2006). *Art and Architecture. A Place Between*. London: I.B. Tauris.

Haraway, Donna. (1988). *Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective*. *Feminist Studies*, 14 (3), 575–99.

Lecoq, Jacques. (1997). *The Moving Body*. New York: Routledge.

Lefebvre, Henri. (2004). *Rhythmanalysis: Space, Time and Everyday Life*. London: Continuum.

Architecture of care and healing. Disaster Risk Reduction Approach as an opportunity to redesign a new geography of strongholds for women

5 - AXIS 5 The effects of the SARS-CoV-2 pandemic, and in a broader sense of emergencies (earthquakes, floods, landslides, wars ...), force us to rethink urban relational spaces to effectively build the framework for a reconstruction which is not only physical but especially socio-spatial. In the condition of risk and emergency women are most affected by the loss of social, urban and economic relationships, worsening their condition of fragility and marginalization.

5 - EJO 5 These already existing fragilities linked to territorial, spatial and social inequalities, are of great relevance to the contemporary debate. They show how the current health crisis has acted as a catalyst and multiplier of these factors, intensifying the marginality of some urban relationships, having a considerable impact on the female population.

5 - EJO 5 Disasters increase existing gender disparities, as women are more vulnerable to the effects of emergencies, less able to access life-saving services and less likely to be part of the decision-making process.

5 - EJO 5 The proposal deals with the issue of gender inequalities generated by calamitous events of different nature (earthquakes, floods, Sars-Covid, etc ...) promoting the modification of urban, social and spatial relationships through the identification of possible strategies that can be put in place to prevent and reduce the impact of these events on the female population.

The intervention analyzes some best practices that can identify effective guidelines to develop strategies for the modification of urban spaces concerning RDR, increasing the resilience of these territories by placing women at the centre but also launching processes to enhance their contribution in risk management as an opportunity for emancipation.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Social and Territorial Fragilities; Women's empowerment; Risk Disaster Reduction Approach; Stronghold; Methodological Guidelines;

Realising Feminist Architecture: Teaching to that 'Ah Ha' Moment!

EIXO 5 - EJO 5 - AXIS 5 There comes a point in each academic year where theoretical positioning gives way to the practical act of design. Students are knee deep in tracing paper, hunched over laptops and swearing at the limits of their chosen drawing package. This is my favourite part of the year, when I am most animated; whole hours are given over to discussing the significance of the entrance location or a particular toilet design, and the implications of certain spatial sequences are sketched out and marked up and drawn again and again (and again). And while designing, always asking, why that might be feminist (or not?)

This paper will discuss the spatial consequences of feminist architectural design decisions illustrated by two student-led projects and their particular applications. Through reflection on two micro teaching events, I want to highlight the importance of inter-personal relationships in the classroom and promote the power of realisation – that 'Ah Ha' moment – in teaching feminist architects-to-be. The two case studies will use particular spatial issues to consider what feminist architecture might constitute.

1. A conversation with Chloe figuring out the repercussions of the view from the nursery to the office space, and what toilets are best (most feminist?) in a community-use building proposal.
2. An online tutorial with Libby working out the meaning of thresholds (at a variety of scales) for an intersectional housing scheme located next to a women's centre.

EIXO 5 - EJO 5 - AXIS 5 In conclusion I will suggest that there are certain key design elements which must be considered in order to establish a feminist building (and no, it doesn't look like that.).

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
Studio Pedagogy; Feminism and Architecture; Feminist Design;

Gendered experiences in the public space of Athens. Exploratory walks around Panteion university

EIXO 5 - EJO 5 - AXIS 5

The public space of the city is of primary importance in shaping the experience of everyday life of each individual. However, public space cannot be considered as a neutral field that provides equal opportunities for all (Spain, 1992; Weisman, 1994). The public space of the city has to be studied as a sociocultural product of each society that (re)produces its own values and priorities.

Although the prevalent ideology in Greece nowadays is that old patriarchal standards have disappeared, recent events of gender-based violence as well as european surveys (Gender Equality Index 2019, Special Eurobarometer 2017) among others show that there is a lack of awareness, understanding and analysis of equality and how feminist and gender ideologies can form policies and have an actual impact on our everyday life in the greek context.

This article aims to present the results and analysis of two rounds of experiential workshops that took place under the title "The public space of Athens from the perspective of gender", during the period 2019-2020 in collaboration with the Laboratory of Gender Studies of Panteion University in Athens. The workshops were based on the methodology of exploratory walks. Objectives of the workshops were to design and implement innovative pedagogical tools for understanding the gender dimension of the urban space in Athens, to highlight the public space as a place of cultural (re)production, and especially to put in the center the everyday experiences of diverse groups and individuals in the city of Athens in a way that this could provide social planners and policy makers in Greece actual methodological tools for more inclusive urban interventions.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

urban planning; spatial pedagogy; exploratory walks; gender perspective; Athens;

The S factor. The production of feminist safer spaces between Rome and Madrid

EIXO 5 - EJO 5 - AXIS 5

Over time, feminist movements displayed repertoire of action and practices through the politics of places. Spaces and “room of one’s own” emerged as a crucial need for women searching for empowerment, self-consciousness and liberation. More than places of pure organization, feminist spaces have been deposit of relations, affections, practices, emotions, rituals, biographical transformation, collective empowerment. As such, they contribute on one hand to individual and collective transformation, on the other to social change in urban context, and more generally to institutional developments regarding women and lgbtqi+ issues.

In my PhD research I am currently carrying out an inquiry on feminist spaces in urban context, questioning if, how and why these spaces are “safer”, and why this type of safer spaces politically matter. In order to deal with my double identity as researcher and feminist activist I opted for participatory action research (PAR) as a comprehensive approach, sharing the process with participants since the beginning. With them, I pursued periods of participants observations, interviews and focus group in three type of spaces in Rome and Madrid: a quite institutionalized house of women; a self-organized feminist service; a radical transfeminist and queer group.

During the research process, the issue of safety emerged as a challenging node, both for the daily experience of women and lgbtqi+ subjects in the urban space and for their attempt to subvert these emotions and behaviors through self-organized and political spaces. Thus, safety emerged as a dense notion including relational stance; emotional clusters; political organization; repertoire of actions. Producing safer spaces in urban context has a double impact: in terms of biographical outcomes – thus changing activists life and trajectories; and in terms of urban settings. In fact, those spaces are addressed by activists as a sort of “home”, blurring the traditional dichotomy public/private spaces and broadening the field of the political.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
feminism; safer spaces; urban context; gender studies; social movement studies;

Inclusión de la perspectiva de género en la planificación territorial. Notas desde la periferia noreste de Montevideo

5 - EIXO 5 - EJO 5 - AXIS 5 Las periferias de las ciudades latinoamericanas, surgidas en el siglo pasado y en parte consolidadas en el presente, poseen rasgos distintivos que las convierten en piezas territoriales merecedoras de estudios diferenciales que interpelan a su vez las metodologías y prácticas de la planificación.

La extrema complejidad urbana, social y ambiental de estas áreas ha sido abordada desde diversas disciplinas y campos, sin embargo, la necesaria y pertinente incorporación de la perspectiva de género en los estudios territoriales y sus metodologías, es una empresa aún en construcción para el caso uruguayo.

Esta aproximación al territorio reafirma la idea de que éstos, al ser constructos sociales, no son neutros. Por el contrario, desde una perspectiva de género, se presentan como producto y escenario de las relaciones desiguales que se establecen entre hombres y mujeres en el espacio social, a nivel público y privado.

El artículo a presentar tomará como base el trabajo analítico propositivo formulado sobre el área de la periferia metropolitana noreste de Montevideo conocida como "Arco del Este", en el cual se abordan las características ya mencionadas de estos territorios, al tiempo que se asumen los desafíos de incorporar la perspectiva de género en el diagnóstico y la planificación territorial.

El valor del trabajo que se reseñará y comentará reside, desde su pionera intención de sumar esta perspectiva al análisis y praxis, en la construcción de ciertas estrategias, herramientas y decisiones contingentes para el abordaje de una realidad territorial compleja y diversa en un horizonte temporal limitado.

El Ordenamiento Territorial definido como una actividad que se traduce en la intervención sobre la realidad de los territorios para orientar su transformación, se posiciona como una disciplina relevante para posibilitar el acceso, en igualdad de condiciones para la totalidad de sus habitantes, a los distintos ámbitos de la vida social.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Planificación territorial con perspectiva de género; Periferias latinoamericanas; Interseccionalidad; Tema: arquitectura y ciudades;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

CASANOVAS, Roser; CIOCOLETTTO, Adriana; FONSECA SALINAS; Marta, GUTIÉRREZ VALDIVIA, Blanca; MUXÍ, Zaida y ORTIZ ESCALANTE, Sara (2014), *Mujeres Trabajando. Guía de reconocimiento urbano con perspectiva de género*. Barcelona: Col. Ictiu Punt 6 Comanegra.

CIOCOLETTTO, Adriana y Col-lectiu Punt6 (2014), *Espacios para la Vida Cotidiana. Auditoría de Calidad Urbana con perspectiva de Género*. Barcelona: Diputació de Barcelona.

FALÚ, Ana; Morey, Patricia y Rainero, Liliana (Editoras) (2002), *Ciudad y vida cotidiana. Asimetrías en el uso del tiempo y del espacio*. Córdoba, Argentina. 2002.

MIRALLES, Carme y CEBOLLADA, Ángel (2009), *Movilidad cotidiana y sostenibilidad, una interpretación desde la geografía humana*. En: Boletín de Geógrafos Españoles (AGE), 2009, N° 50, 193-216.

SÁNCHEZ DE MADARIAGA, Inés (2004), *Urbanismo con perspectiva de género*, Sevilla: Instituto Andaluz de la Mujer, Junta de Andalucía, Consejería para la igualdad y el bienestar Social.

Género e espaço em contexto escolar: a experiência de dois projetos-piloto na cidade de Lisboa

EIXO 5 - EJO 5 - AXIS 5 Em Portugal, a igualdade de género (IG) tornou-se tema obrigatório em todos os ciclos de ensino através da disciplina Cidadania e Desenvolvimento, elaborada no âmbito da Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania, lecionada desde 2017. Reveste-se assim de particular interesse trabalhar a IG a partir da escola, um forte veículo de intervenção no combate às desigualdades e a todas as discriminações.

Considerar o modo como a escola é ocupada, vivenciada e percebida por jovens enquanto espaço genderizado, contribui para a discussão da comunidade escolar e académica, acerca dos papéis de género e as suas hierarquias, bem como da dimensão espacial da desigualdade de género.

Nesse sentido, a comunicação apresenta os resultados de dois projetos-piloto desenvolvidos em três agrupamentos escolares na cidade de Lisboa, entre Setembro de 2018 e Outubro de 2020, refletindo sobre a valorização dos espaços de vivência de estudantes enquanto dimensão importante para a construção do conhecimento em igualdade de género, com destaque para o espaço escolar habitado.

Envolvendo cerca de 80 docentes e mais de 400 alunas/os, estudantes tornaram-se agentes centrais da ação, capazes de desenvolver representações espaciais do seu quotidiano, vivências e experiências pelas lentes do género. Através de metodologias colaborativas, estudaram-se propostas para abordar as relações entre as pessoas e os lugares, aguçando o olhar crítico de estudantes sobre o (seu) espaço.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
Cidadania; Igualdade de Género; Espaço; Comunidade Escolar;

A feminist perspective for Berlin today! What could a non-sexist city look like?¹

5 - AXIS The project fem*MAP Berlin is the result of a research- and mapping seminar held at the Chair for Urban Design and Urbanization, TU Berlin in 2020. The project is starting from the assumption that our built environment is neither value-free nor neutral but that „it reflect(s) and reinforce(s) the nature of each society’s gender, race, and class relations“². It aims to make visible both the inequalities which are inscribed in the spatial situations of our cities as well as the existing feminist spatial systems and practices of resistance by the means of mapping as a research method.

5 - EJO Specific topics were explored such as feminist representations, spaces of empowerment, care, nightscapes, accessible housing, mobilities, situations of exclusion and personal safety. In order to understand these issues specific spatial qualities, typologies, characteristics of spatial production, practices, modes of operation and sets of rules within different contexts in Berlin were analysed and condensed into mappings. In the frame of a mapping camp these mappings were brought together into a synthesis map, as a common vision for the future of Berlin: the fem*MAP 2049. This collectively drawn map elaborates the transformative potential of the themes outlined in the preceding mappings applying the technique of ‘mapping otherwise’³ as a feminist mode of imagining the future.

5 - IXO On one hand the project reveals how social gender relations are inscribed in spatial structures⁴, but also points to feminist appropriation and feminist production of space. Following on from this it imagines a different future through the creative performance of the map. Also the project itself can be understood as a feminist teaching practice, with the aim of sensitising future architects and urban planners to the rights of women and non-normative people when it comes to spatial contexts.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

feminist production of space; mapping; non-sexist city; feminist practices of resistance; feminist teaching practice;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

- Awan, N. (2017): Mapping Otherwise. In: Schalk, M., Kristiansson, T. & Mazé, R. (Eds.). *Feminist Futures of Spatial Practice: Materialisms, Activism, Dialogues, Pedagogies*. AADR/ Spurbuchverlag, pp. 33-41.
- Becker, R. (2008) Raum: Feministische Kritik an Stadt und Raum, In: Becker, R., Kortendiek, B., & Budrich, B. (2008). *Handbuch Frauen- und Geschlechterforschung: Theorie, Methoden, Empirie* (2., erw. und aktualisierte Aufl.). Wiesbaden: VS Verl. für Sozialwissenschaften.
- Reuschling, Felicitia (2017). Eine feministische Perspektive für Berlin heute. Kommentar zu Dolores Haydens „Wie könnte eine nicht-sexistische Stadt aussehen?“ (1981). sub\urban. *Zeitschrift für Kritische Stadtforschung*, 5(3), pp. 115–124. <https://doi.org/10.36900/suburban.v5i3.319>
- Weisman, L., ‘Architecture’, In: Kramarae, C. & Spender, D.; eds., *Routledge International Encyclopedia of Women: Global Women’s Issues and Knowledge*. New York: Routledge, 2000, p. 86.

¹ Reuschling, F. (2017).

² Weisman, L. (2000), 86.

³ Awan, N. (2017), 35.

⁴ Becker, R. (2008)

Pensar colectivamente sobre Cidades e Género: a primeira Escola de Verão em Portugal

EIXO 5 - EJO 5 - AXIS 5 Numa sociedade patriarcal, que modelos de cidade são propostos e para quem são realizados? Quem excluem? Terá a diversidade cidadã reflexo nas decisões que configuram os seus territórios? Como garantir a construção colaborativa de espaços e narrativas, tanto urbanas, como arquitectónicas, mais justa, diversa e plural? Entre os dias 18 a 20 de Setembro de 2019, em Lisboa, estas questões foram o mote da Escola de Verão “Cidades e Género: Perspectivas e Estratégias”. Este artigo tem por objectivo fixar uma síntese crítica do trabalho realizado, das ferramentas e estratégias metodológicas usadas e das ideias finais geradas colectivamente.

Pela primeira vez em Portugal, uma escola de verão cruzou as temáticas da arquitectura, das cidades e da perspectiva de género, contando com a participação de especialistas nacionais e internacionais. O público foi diverso relativamente às proveniências geográficas, profissionais e etárias e a abordagem metodológica foi reflexiva e participativa, permitindo a experimentação crítica das vivências urbanas. Nos três dias de trabalho, entre conferências e oficinas, desenvolveu-se reflexão crítica sobre três eixos de debate. Sobre a produção historiográfica da Arquitectura, debateram-se os modos de omitir, silenciar e invisibilizar as arquitectas na profissão. Sobre a construção do espaço público a partir dos corpos das mulheres constituiu-se uma abordagem situada através de uma caminhada exploratória que se focou na presença ou ausência das mulheres nos espaços públicos de Lisboa, entre outros temas discutidos pelos grupos. Finalmente, as pedagogias urbanas e os espaços escolares trouxeram a dimensão das aprendizagens e percepções espaciais e sociais no desenvolvimento diferenciado de meninas e meninos. O evento foi organizado pela associação Mulheres na Arquitectura (MA), “Um Género de Escola!” (BIP ZIP, CMLisboa) e o projecto de investigação W@ARCH.PT (CIEG/ISCSP-ULisboa).

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Cidades; Género; Escola de Verão; Portugal;

(des)Bordes Cotidianos

EIXO 5 - EJO 5 - AXIS 5

La historia “oficial” de la Nueva Esperanza, escuela ubicada en una comunidad costera del Ecuador continental, se comprime en una multitud de imágenes que reducen el todo a una parte que de tanto reiterarse pierde su significado. Esta historia hegemónica construida por la disciplina arquitectónica se concentra en exaltar la materialidad del edificio y el rol de Al Borde en los procesos de diseño y construcción.

Desde un posicionamiento feminista y decolonial proponemos deconstruir los sesgos de esta retórica descentrando la perspectiva oficial y a los sujetos que esta privilegia. En consecuencia, esta narrativa ampliada traslada la práctica arquitectónica y política a la escritura con la intención de transgredir los límites disciplinares. Desde esta aproximación, proponemos una narrativa que supera la materialidad de la Nueva Esperanza incorporando las relaciones sociales y las prácticas cotidianas que son inherentes en su construcción. Para ampliar el relato, relocalizamos a las mujeres como sujetos centrales portadoras de prácticas de resistencia frente a los sistemas sociales, políticos y económicos dominantes. Esta perspectiva nos posibilita tejer una red de relaciones, anteriormente invisibilizadas, que sitúan a la escuela como una extensión de cada casa, rompiendo con las clasificaciones jerárquicas y dicotómicas impuestas por la modernidad y reivindicando el rol de los cuidados en las prácticas y narrativas espaciales.

La narrativa propuesta no pretende convertirse en la historia oficial de la escuela Nueva Esperanza, por el contrario, es un relato que emerge desde abajo a través de las múltiples voces de mujeres y niñas que habitan en Puerto Cabuyal. Es una narrativa que pretende legitimar otras formas de concebir el espacio y especular con otros futuros que a la retórica heredada y hegemónica se le (des)bordan.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:

Prácticas cotidianas; Narrativa arquitectónica; Arquitectura feminista y decolonial;

“A Vila do Mañá” buscando una ciudad para todas y todos

EIXO 5 - EJO 5 - AXIS 5 ¿Cómo podemos hacer que nuestra ciudad sea de todos, no sólo del “prototipo de hombre que se desplaza en coche” que es para quien está pensada?... ¿cómo la ciudad podría ser de nuevo ese lugar de encuentro y de intercambio?... ¿cómo volver a sentirnos seguros entre las casas, en la ciudad, en el vecindario?... ¿cómo volver a hacer que la ciudad sea nuestro sitio, nuestro lugar?... estas son las cuestiones que me llevan a crear el Proyecto: “A Vila do Mañá” (www.aviladomaña.com).

“A Vila do Mañá” es un proyecto educativo y de divulgación, cuyo objetivo es que desde la infancia y a través del juego se tome conciencia de todas las escalas de lo común: la arquitectura, el patrimonio tangible e intangible, el urbanismo y el paisaje. Al tiempo que desde la disciplina arquitectónica se tome conciencia de una nueva visión de la ciudad, que es la que nos acercan los que serán los habitantes del mañana.

El reto principal es que la infancia y la adolescencia estén presentes de forma activa en los procesos de construcción del espacio común (calles, plazas, barrios, ciudad, paisaje...) dotándolos de las herramientas necesarias para desarrollar su creatividad, desde el arte y la Arquitectura. El fin es provocar en ellos lo despertar de una nueva mirada sobre los espacios en los que desarrollan su vida.

Con “A Vila do Mañá” se busca una nueva manera de hacer ciudad, una ciudad para todas y todos, nuestra propia ciudad que construimos y entendemos desde la infancia.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEY WORDS:
ciudad; infancia; acción; transformación;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES:

Tonucci, F. (1997). *La ciudad de los niños*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez.
Harvey, D. (2013). *Ciudades rebeldes Del derecho de la ciudad a la revolución urbana*. Madrid: Ediciones Akal.
Bisquert, A. (1998). *Sostenibilidad afectiva*. Boletín CF+S, Especial MUJER Y CIUDAD, 7.
Debord, G. (1959). *Teoría de la deriva*. Internacional situacionista, vol.I: La realización del arte. (pp. 50-53). Madrid: Literatura Gris.
Borja, J. (2003). *La ciudad conquistada*. Madrid: Alianza Editorial.

V CIAG

ISCSP - LISBOA - 21 - 22 - 23 - ABRIL/APRIL - 2021

ACÇÃO! ACCIÓN! ACTION!

V CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA E GÉNERO **FEMINISMOS E A ESPACIALIZAÇÃO DAS RESISTÊNCIAS**
V CONGRESO INTERNACIONAL DE ARQUITECTURA Y GÉNERO **FEMINISMOS Y LA ESPACIALIZACIÓN DE LAS RESISTENCIAS**
V INTERNATIONAL CONGRESS ARCHITECTURE AND GENDER **FEMINISMS AND THE SPATIALIZATION OF RESISTANCES**

